



Eanes e José Eduardo dos Santos efusivamente saudados ao longo do trajecto entre o aeroporto e o Futungo de Belas, perto de Luanda (Telefoto ANOP)

Conversações bilaterais começam hoje Eanes bem-vindo em Luanda

«Ontem foi a festa», assinala o nosso enviado a Luanda, Ribeiro Cardoso, ao dar conta da chegada do Presidente Ramalho Eanes à capital angolana. Mesmo os

empresários que acompanham o PR não se contiveram perante o entusiasmo de dezenas de milhares de angolanos que ladeavam o percurso da comitiva oficial — desde o

aeroporto até à residência de Futungo Belas — e acenaram também à multidão. Logo no dia da chegada, Eanes avistou-se durante uma hora com Eduardo dos Santos,

para preparação da agenda das conversações bilaterais que tiveram início esta tarde. Independentemente dos aspectos económicos e comerciais, a situação da África

Austral, o problema da Namíbia e as agressões ao Sul de Angola por parte de Pretória, serão temas fortes, também, do encontro entre as respectivas delegações. **Págs. 6 e 7**

Portugal e a CEE

Thorn passa ao Governo atestado de incompetência



Se os quase vinte milhões de contos de dadas e empréstimos concedidos pela CEE não estão já a ser utilizados em Portugal, a responsabilidade não é da Comunidade, mas sim de Portugal, que não apresenta projectos concretos para a utilização dessas verbas. A afirmação é de Gaston Thorn, que, ontem, em Lisboa, deixou bem clara a incapacidade do Governo e da administração portuguesa para fundamentar e justificar as posições que assume nas negociações da adesão de Portugal ao Mercado Comum. Sobre a data dessa adesão, o presidente da Comissão da CEE disse que pode acontecer que ela se verifique a 1 de Janeiro de 1984 mas que isso depende em grande parte do Governo português.

Pág. 12

Pacote de austeridade aprovado esta tarde?

Só esta tarde, o Conselho de Ministros apreciará e votará o chamado «pacote de austeridade». A reunião plenária do Governo, sob a presidência de Pinto Balsemão, foi interrompida para almoço. Um comunicado lido ao fim da manhã dava a conhecer algumas medidas tomadas pelo Governo, como por exemplo, a aprovação de diplomas relativos ao sector do ensino (educadores infantis) e da saúde (o projecto de lei que fixa em 18 meses a duração do internato de policlínica, a requerer pelos licenciados em Medicina).

Será no entanto com a discussão, esta tarde, e aprovação de medidas de carácter económico que se saberá até que ponto irá ser, ainda mais, apertado o cinto aos portugueses. Alguns impostos irão aumentar? Que produtos essenciais vão subir de preço?

Extinto o Centro de Controlo da Droga

Pág. 8

Concurso «DL»/82

A PARTIR DE SEGUNDA-FEIRA 19 DE ABRIL



É fácil concorrer

- **É FÁCIL CONCORRER** — leia em qualquer dia da próxima semana as páginas do concurso onde publicaremos o regulamento, a lista dos prémios, enfim, a mecânica do concurso, igual à dos anos anteriores e já conhecida da maioria dos nossos leitores.
- **PRÉMIOS** — milhares de contos de magníficos prémios — 2 automóveis FORD (CORTINA L 1300 e ESCORT L 1300) e dezenas de prémios da NACIONAL RÁDIO, das marcas GRUNDIG, FAGOR, CANDY e PROGRESS entre os quais uma Câmara de Filmar Video, Videogravador e TV a Cores, conjunto Hi-Fi, Frigorífico com congelador vertical, etc. E ainda dez prémios para os vendedores e agentes do «Diário de Lisboa».
- **E PARA TODOS OS LEITORES: UM VERDADEIRO ÁLBUM DE 120 PÁGINAS E CAPA A 4 CORES** — o leitor vai ficar com um verdadeiro Álbum que será o segundo de uma interessante série.

- **CONDIÇÕES ESPECIAIS DE ASSINATURA** para o período do concurso: **pág. 2**

Da Ilha Terceira

Os sentimentos do Cuspinho...

e o mais que se lê na carta

Fernando Calixto

— «Escrevo-te, senhor doutor, para lhe dar presentes os meus sentimentos por mór da morte do seu compadre Gasparinho».

— «Era um homem que não fazia atrás a um copo de vinho, à maior, em terra, mas, no mar, era um tesouro! Não tinha medo de coisíssima nenhuma!... nem do poder do mundo! — e eu c., no Raimundo e sua geração! Era, um malcriado de primeira categoria mas, não obstante, pegava na nossa procissão, à vara do pálio!»

«Uma vara é p'ros pescadores e tá direito, que seja minha pertença porque eu sou «general dos pescadores» — e, disse-me o senhor meu compadre e, acima dele Deus e, depois o Sr. Bispo, tirante o Padre Roberto, que é home, para fazer frente, ao despir da batina, a três mais altos do que ele, não estando eu presente».

— «Era, opinioso e, tinha fama de ser má-rés, com perdão do senhor doutor, que era seu compadre e dava-lhe força, nos asneirames, que ele fazia, como daquela vez que cortou as barbas, ao Senhor anseçada do cabo do mar... Bum! ...»

— «Mas o caso, como o Sr. Dr. sabe, eu cortei com a sociedade que tinha com o Padre Rocha. Cada um, na sua função. Ele, na Igreja e eu na embarcação. Mas, ele queria, mandar nas duas e daí a gente ficar esquisitos».

— «A embarcação era minha e dele. Bem entendido, que foi o dinheiro dele, das missas com que se comprou o barquinho».

— «Do que se pescava dois terços era para mim e um terço para ele. Mas nunca mais fui homem de estar, a beber um copo descansado, no Capitão ou na Garça. Ele até dizia, que me conhecia e descobria pelo cheiro. Mas, não era ele... Era o «Cavilhas» o cão de trazer, que me andava no rasto».

— «Oh, desgraçado, tu nos copos e o peixe na vidairada!»

— «Eu, a dizer missas, desde a alva e tu na boa-vai-ela...»

— «Eu já tinha pago o que me pertencia no barco, com a venda do peixe do meu quinhão. Mas, vivia na aporrinhão... Acabou-se as meias!... disse-le. Vamos a contas! O Sr. reverendo vende-me o barco... ou compra a minha parte no dito cujo... Era falar de amigo!»

— «Pois, não compro nem vendo... foi sua resposta».

— «Fui ter com o Sr. Dr. Cabral que me disse: estou reformado não trato disso mas, o caso é bicudo e ele é sempre, um sacerdote...»

— «Meu pai que andou na guerra de 14, um dia disse-me:

— Negócio que meta saias, só com mulheres e na cama, que é lugar quente. Tirante isto, fora os srs. padres, só conheci uns homes «escoceseles» que tinham saiotos e eram uns estuporados, que tanto davam um soco na cara de um cristão com a mão, como atiravam um coice nos queixos de qualquer um!

— Senhor Doutor, o que devo fazer?!

Alexandre Ramos

O senhor Basílio Horta, no «Expresso» de 20 de Março, atirou com entrevista «choking», enquanto que homem do CDS, enquanto que figura da AD.

Que disse ele, que disse ele? Disse que não tinha qualquer compromisso político com o PCP, nem no Alentejo, nem em qualquer área do país.

Disse que não havia razão nenhuma para destruir as UCP's se elas trabalhassem bem e fossem rentáveis. Disse que não distinguia os homens pelas suas cores políticas.

Disse que estava interessado em resolver os problemas agrícolas. Disse que as entregas de reservas iriam continuar, dando, agora, 200 ha a cada futuro lavrador, de modo a poderem constituir empresas familiares viáveis.

Disse que esses tais futuros lavradores deviam, eles, cultivar a terra com a sua família, viverem só da agricultura e deviam ser escolhidos e as terras postas a concurso. Disse, ainda, que as UCP's que não fossem viáveis iriam ser divididas.

Entretanto, antes, havia saído legislação que não permite que as UCP's se apresentem aos concursos para obtenção de terras.

Reconhecer as UCP's como formações económicas é, sem dúvida, um passo realista. Não distinguir os homens pela sua cor política, enquanto ministro da República, é um dever, uma obrigação.

Certamente que as palavras juntas em frases, exprimem ideias. As ideias políticas postas em acção repercutem-se no real quotidiano.

Importa, pois, saber, as palavras do senhor Basílio Horta, tidas como positivas, realistas, pretendem de facto reconhecer a sério, e sinceramente, o real da

A crónica agrícola



Reforma Agrária saída da Revolução de Abril, ou se estas palavras, ao contrário, não constituem uma outra máscara para relançar de forma mais sofisticada uns ataques contra a Reforma Agrária.

O senhor Sá Carneiro e o seu ministro da Agricultura Cardoso e Cunha, em tempos ainda recentes, adoptavam a política de constituírem pequenos agricultores — **personalizados**, lá para os níveis dos 10 ou 20 ha, porque diziam, só assim, a agricultura portuguesa, a agricultura alentejana encontrará o seu modo de ser próprio, e, se por um lado, se combatem e se liquidam as UCP's, também se liquida o latifúndio.

Só que, para iniciar este processo, entendeu-se, por bem, desmembrar a Herdade dos Machados e da Comporta, ambas nacionalizadas e investir-se fustosamente contra as UCP's, desmembrando, retalhando, entregando lotes de terras a passantes de ocasião.

Nos tempos de hoje tal pensamento e tais acções haveriam, a curto prazo, de cobrir de ridículo e de vergonha, os seus autores por inviabilizar economicamente explorações viáveis e aprofundar a miséria dos campos.

Agora, o senhor Basílio Horta, avança para os 200 ha de modo a constituir empresas economicamente viáveis.

Mas, à custa de quem se vão

constituir estas explorações?

Pelas palavras do senhor ministro as UCP's que trabalham bem devem ser preservadas.

Em consequência, não vai tirar-lhes terras.

Então só pode advir dos latifúndios que ainda não foram desmembrados e, pela Constituição deverão ser, ou das terras das chamadas UCP's inviáveis.

A política da reconstituição dos latifúndios tem sido sempre a base da política agrícola, desde a lei Barreto. Como assim, e a experiência o mostra, nenhuma terra privada irá ser retalhada. A conclusão é então fatal. As chamadas UCP's **inviáveis** serão partidas para constituir o fundo da nova experiência de explorações familiares de dimensões rentáveis.

A experiência terá demonstrado que as explorações **inviáveis** não eram um modo eficaz de combate às UCP's.

Então, avança-se para maiores dimensões.

A inviabilidade é o pretexto.

Mas, porque é que uma UCP é inviável? Por má gestão? Por razões financeiras? Por excesso de dimensão? Por condições naturais?

As três razões primeiras são razões humanas, corrigíveis. Se está mal substituem-se as direcções, arranjam-se fundos.

A última é incorrigível.

De qualquer forma nunca a área de uma UCP que se diz inviável, será posta correctamente a trabalhar, retalhando essa área.

Se em vez de uma unidade

colectiva de 500 ha se constituírem 25 explorações de 200 ha, os problemas de gestão de meios, têm necessariamente de potencializar-se. Não se tem dúvida que não é fácil conseguir-se 25 agricultores com capacidade, com informação.

E a necessidade de fundos para investimentos multiplica-se face à UCP.

O problema subsiste. O que é inviável para as UCP's que trabalharão a ser inviável para explorações privadas. Não é por este modo que se porá a terra alentejana a funcionar.

Se acrescentarmos a isto, tudo o que de subjectivo e aleatório contém o conceito de **inviável**, mas que serve perfeitamente como justificação para liquidar muitas UCP's, não se terá dúvida em afirmar, apesar das palavras do senhor ministro, que a ofensiva contra a Reforma Agrária vai continuar sob uma forma mais requintada.

A experiência o diz. Depois da entrevista do senhor ministro clamores vêm do Alentejo anunciando liquidações de novas cooperativas porque são inviáveis. E mais gente para o desemprego.

Como é possível, depois do 25 de Abril, conceber-se, que formações económicas, que figuras jurídicas, que sociedades em nome colectivo, como são as UCP's, sejam legislativamente segredadas, não podendo apresentar-se a concurso para receberem terras se as desejarem?

Não é isto uma afronta à Constituição?

ASSEGURE OS EXEMPLARES DO «DL»
NECESSÁRIOS PARA CONCORRER

Lector amigo, não se fie no acaso: reserve o «Diário de Lisboa» no seu vendedor habitual e, se não tiver nenhum posto de venda próximo, ou se por qualquer outro motivo, quiser garantir os seus cupões para o concurso, preencha com letra bem legível este talão, junte um cheque ou vale de correio de 750\$00 e envie-nos. Aproveite este preço especial que fazemos apenas para o período do concurso e, além de poupar, terá a certeza de ficar habilitado a concorrer.

ASSINATURAS DL

(VIA NORMAL PARA O CONTINENTE E ILHAS)

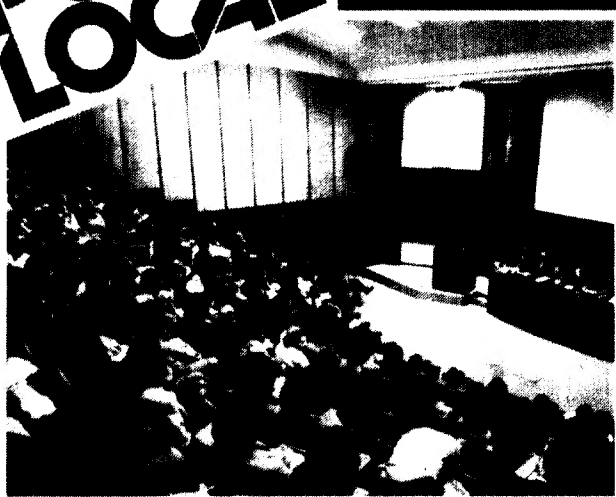
Considerem-me assinante a partir do dia 19 de Abril de 1982 pelo período correspondente a 60 jornais (concurso — 2 séries) — (750\$00)

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____

Juntar cheque ou vale de correio e enviar para:
(«Diário de Lisboa» Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

Nº DE ABRIL
À VENDA EM
TODO O PAÍSREGIÕES
MUNICÍPIOS
FREGUESIASPODER
LOCALRevista
de Administração
Democrática

SEMINÁRIO
SOBRE
O PACOTE LEGISLATIVO
AUTÁRQUICO

Regionalização
e reforço
do Poder
Local

Concurso «DL»/82

1.º PRÉMIO

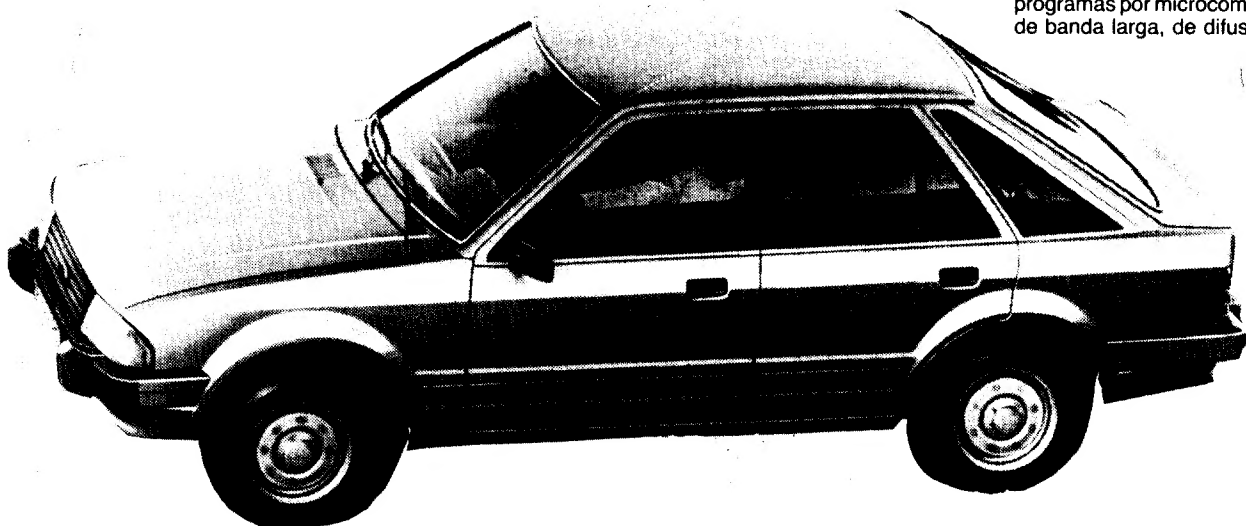
1.º PRÉMIO – FORD CORTINA L 4 PORTAS (1300): 4 cilindros, 1297 cc, 62.5 cavalos DIN a 5750 rpm, 4 velocidades sincronizadas, coluna de direcção de segurança, suspensão independente à frente e eixo rígido atrás, travões de disco à frente e de tambor atrás, servo-assistidos, jantes de tipo desportivo, pára-choques inoxidáveis com guarnições a preto, espelho retrovisor exterior, limpa-vidros intermitente, apoios de cabeça, bancos forrados com tecido, luzes avisadoras de emergência, faróis de marcha atrás, pára-brisas laminado, desembaciador de vidro traseiro, porta luvas com chave, embraiagem auto-ajustável, bancos reclináveis, cintos de segurança de enrolamento automático, faróis de halogéneo, consola vertical, espelho na pala do passageiro, isqueiro eléctrico, relógio de quartzo, 142 Km/h de velocidade máxima e consumo de 7,6 litros a uma velocidade média de 90 km/h; 17,7 segundos dos 0 aos 100 km/h.



**A partir
de segunda-feira
19 de Abril no
Diário de Lisboa**

2.º PRÉMIO

2.º PRÉMIO – FORD ESCORT L 5 PORTAS (1300): 4 cilindros, 1117 cc, potência máxima PS/KW-55/40, 4 velocidades sincronizadas, tracção à frente, sistema de travões de duplo circuito de disco à frente e tambor atrás servo-assistidos, jantes em aço, faróis de halogéneo, assentos forrados a tecido, limpa-vidros de 2 velocidades e intermitente, ventoinha de aquecimento de 3 velocidades, faróis de marcha atrás, pára-brisas laminado, vidro traseiro aquecido, apoios de cabeça e cintos de segurança de enrolamento automático, fechos nas portas à prova de crianças, bancos reclináveis, espelho de cortesia, dois cinzeiros atrás, isqueiro; velocidade máx. a 145 Km/h, consumo à velocidade constante de 90 km/h – 5,7 litros, 15,8 segundos dos 0 aos 100 km/h.



É FÁCIL CONCORRER

BASTA:

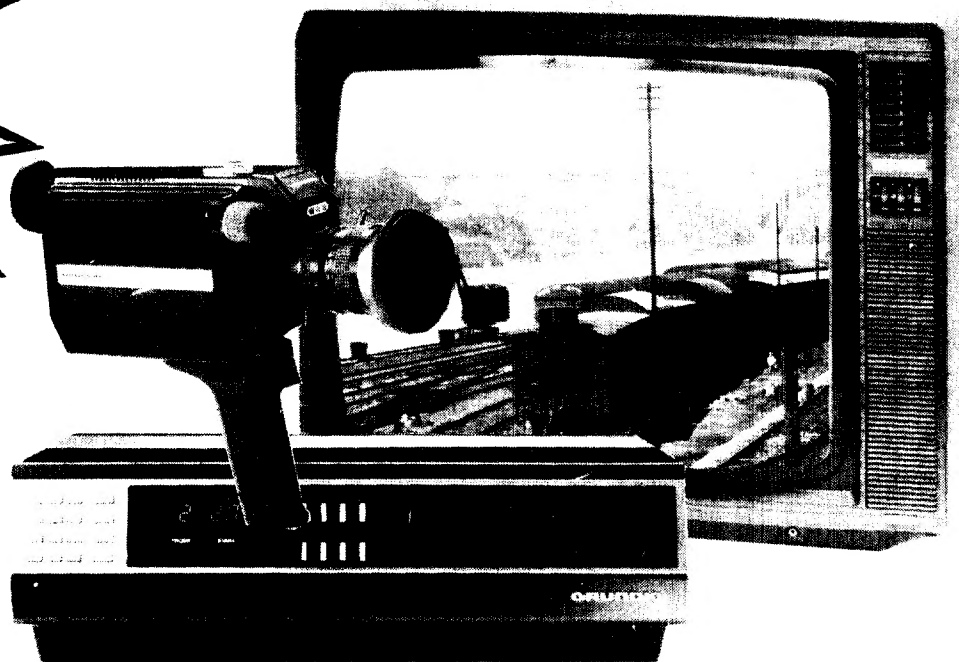
1. Recortar e coleccionar os 30 cupões que serão publicados na 2.ª página do «Diário de Lisboa» a partir de 19 DE ABRIL.

2. Recortar e preencher, com letra bem legível, o boletim de identificação que será publicado várias vezes durante o período do concurso.

3. Enviar a colecção de cupões e o talão de identificação pelo correio, em data a anunciar, juntamente com um selo de 10\$00 para a devolução (se o leitor assim o desejar) do talão-recibo numerado.

4. Pode concorrer com quantas colecções desejar, mas deverá enviar **APENAS UMA EM CADA ENVELOPE**, para

«DIÁRIO DE LISBOA» – CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA



3.º PRÉMIO

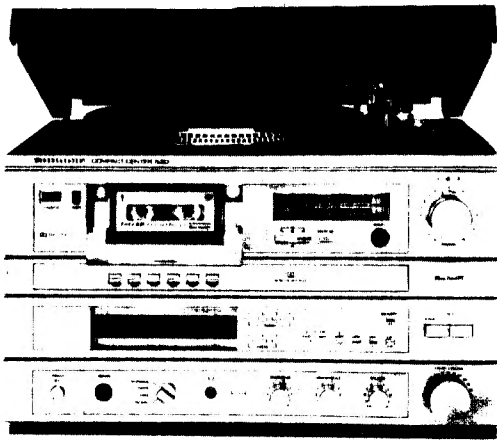
3.º PRÉMIO – Uma Câmara de Filmar Vídeo FAC 1700, um Vídeo Tape Grundig 2 x 4 Super e um Televisor a Cores Grundig A840 (66 cm com telecomando): câmara de televisão a cores, objectiva zoom com 3 aumentos 14-42 mm, luminosidade 1:1,8, regulação automática do diafragma e ampliador, unidade de controlo integrada, microfone de condensador incorporado para a sincronização do som, telecomando directo da câmara para o Vídeo Tape, cabo de 8 metros. Vídeo gravador com 8 horas de gravação em cada cassette reversível, múltiplas informações sobre as gravações, imagem parada, lenta ou rápida, busca electrónica das imagens, sistema de supressão automática do ruído, pré-selecção de 5 programas diferentes até 99 dias de antecipação, busca automática de sintonia para 32 emissoras. Televisor com cinescópio de 66 cm, imagem Super Color, selecção de 8 programas por microcomutadores, dois altifalantes (um de agudos, de difusão frontal e um Superphor de banda larga, de difusão lateral), telecomando, à distância e sem cabo.

4.º PRÉMIO

4.º PRÉMIO – Um Vídeo Tape Grundig 2 x 4 Super e um Televisor a Cores Grundig A840 (66 cm com telecomando): Vídeo gravador com 8 horas de gravação em cada cassette reversível, múltiplas informações sobre as gravações, imagem parada, lenta, ou rápida, busca electrónica das imagens, sistema de supressão automática do ruído, pré-selecção de 5 programas diferentes até 99 dias de antecipação, busca automática de sintonia para 32 emissoras. Televisor com cinescópio de 66 cms, imagem Super Color, selecção de 8 programas por microcomutadores, dois altifalantes (um de agudos, de difusão frontal e um Superphor de banda larga, de difusão lateral), telecomando, à distância e sem cabo.

Concurso «DL»/82

5.º Prémio – Um Televisor a Cores Grundig A840 (66 cm com telecomando), de características idênticas ao televisor do 4.º Prémio.



6.º Prémio – Um Conjunto HI-FI Grundig CC530: Sintonizador com FM, OM e OL, teclas de pré-sintonia, sintonia digital por microprocessador de quartzo; Amplificador 2 x 25 W nominal 2/ X 35 W musical, controlos de agudos e grave balanceio e volume, ligações para gira-discos, gravadores, auscultador, auricular e altifalantes; Gravador Deck com admissão de todo o tipo de cassetes, conta-voltas, escala luminosa de leitura; Gira-Discos com motor controlado electronicamente, suspensão flutuante silenciosa, controlo estroboscópico com regulação electrónica das rotações, braço de retorno ao ponto de apoio e de elevação e desceda com amortecedor hidráulico, pressão da agulha ajustável, velocidades 33 e 1/3 e 45 rpm.

PRÉMIOS PARA OS LEITORES

1.º Um automóvel FORD CORTINA L 4 portas (1300)	614.130\$00
2.º Um automóvel FORD ESCORT L 5 portas (1300)	547.210\$00
3.º Uma CÂMARA DE FILMAR VÍDEO FAC 1700, um VÍDEO TAPE GRUNDIG 2x4 SUPER e um TELEVISOR A CORES GRUNDIG A840 (66 cm. com telecomando)	286.443\$50
4.º Um VÍDEO TAPE GRUNDIG 2x4 SUPER e um TELEVISOR A CORES GRUNDIG A840 (66 cm. com telecomando)	216.443\$50
5.º Um TELEVISOR GRUNDIG A CORES A840 (66 cm. com telecomando)	67.537\$00
6.º Um conjunto HI-FI GRUNDIG CC530	57.475\$60
7.º Um TELEVISOR GRUNDIG A CORES A710 (56 cm. sem telecomando)	56.355\$00
8.º Um TELEVISOR GRUNDIG A CORES A610 (51 cm. sem telecomando)	54.002\$00
9.º Um COMBINADO FAGOR C365	53.179\$10
10.º Uma MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA FAGOR VI 5300	39.786\$50
11.º Um FRIGORÍFICO FAGOR M4 (280 litros)	37.206\$00
12.º Uma ARCA HORIZONTAL CANDY EL 3 (310 litros)	33.906\$60
13.º Uma MÁQUINA DE LAVAR ROUPA FAGOR GL766	30.928\$30
14.º Um RÁDIO-GRAVADOR GRUNDIG RR950	29.835\$00
15.º Um RÁDIO PORTÁTIL GRUNDIG SATELIT 1400	26.369\$20
16.º Um FOGÃO FAGOR NL 40 CBQ	25.668\$50
17.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco T817 (61 cm.)	18.525\$00
18.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco P2022 (51 cm.)	17.608\$50
19.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco P1722 (44 cm.)	16.692\$00
20.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco P1422 (35 cm.)	14.404\$00
21.º a 23.º Um ASPIRADOR PROGRESS SUPER 600	9.692\$80
24.º a 27.º Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9.324\$90
28.º a 32.º Um RÁDIO-RELOGIO GRUNDIG SONO CLOCK 650	7.082\$40
33.º a 37.º Um RÁDIO-RELOGIO GRUNDIG SONO CLOCK 660	6.852\$30
38.º a 42.º Um GRAVADOR PORTÁTIL GRUNDIG CR 580	5.709\$60
43.º a 47.º Um GRAVADOR PORTÁTIL GRUNDIG CR 550	5.024\$50
48.º a 53.º Um RÁDIO-RELOGIO GRUNDIG SONO CLOCK 160	4.919\$00
54.º a 61.º Um RÁDIO PORTÁTIL GRUNDIG PARTY BOY 700	4.108\$00

PRÉMIOS PARA OS VENDEDORES

1.º Um COMBINADO FAGOR C 365	53.179\$10
2.º Um TELEVISOR GRUNDIG A CORES A 310 (42 cm. sem telecomando)	42.237\$00
3.º Um FRIGORÍFICO FAGOR M4 (280 litros)	37.206\$00
4.º Um RÁDIO PORTÁTIL GRUNDIG SATELIT 1400	26.369\$20
5.º Um FOGÃO FAGOR NL 40 CBQ	25.668\$50
6.º Um TELEVISOR GRUNDIG preto e branco T817 (61 cm.)	18.525\$00
7.º Um ESQUEMATIZADOR FAGOR 810E (10 litros)	13.058\$50
8.º Um ASPIRADOR PROGRESS SUPER 600	9.692\$80
9.º Um RÁDIO-RELOGIO GRUNDIG SONO CLOCK 660	6.852\$30
10.º Um GRAVADOR PORTÁTIL GRUNDIG CR 580	5.709\$60

PRÉMIOS PARA OS VENDEDORES

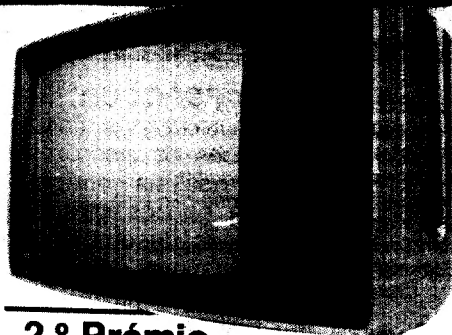
1.º Prémio

1.º PRÉMIO – UM COMBINADO FAGOR C365: congelador vertical, de gavetas, com 102 litros de capacidade, 4 estrelas, combinado com refrigerador de 186 litros, com descongelamento automático, interior metálico com pintura de protecção, caixa hermética para carne, compartimento para garrafas, compartimentos separados para fruta e vegetais, rodas na parte traseira do combinado; luzes de segurança, termómetro bimetal.



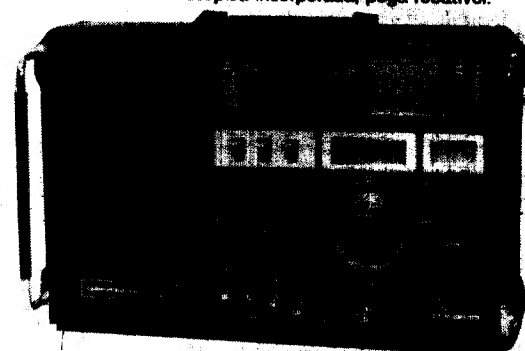
3.º Prémio

3.º PRÉMIO – UM FRIGORÍFICO FAGOR M4 (280 litros): 3 prateleiras, capacidade para 18 ovos, 55 litros de capacidade do congelador a -18 graus centígrados (3 estrelas), porta de fecho automático, cuba em chapa de aço com tratamento especial e isenção de cheiros.



2.º Prémio

2.º PRÉMIO – UM TELEVISOR GRUNDIG A 310 (42 cm): cinescópico de 42 cm, superfido, sistema «in line» autoconvergente, botões de accionamento lateral para comando de luminosidade, volume de som e contraste de cor, altifalante de difusão frontal, comandos de tonalidade, comutador para desligar o altifalante no caso do uso de auscultadores, possibilidade de ligação para gravador de vídeo, auscultadores e gravador de som, adaptação fácil para TV por cabo. Antena telescópica incorporada, pega rebatível.



4.º PRÉMIO – UM RÁDIO PORTÁTIL GRUNDIG SATELIT 1400: FM, OM, OL e 6xOC, corrente alternada, pilhas ou bateria, contador digital de frequência com indicador de cristal líquido, indicador do estado das pilhas, duplo comando de sintonia, normal e fina, 2 altifalantes, antena, tomadas de ligação.

Um álbum para todos os leitores

Durante os 60 dias do Concurso DL/82 (2 séries de 30), o «Diário de Lisboa» publicará duas páginas com desenhos e bonecos de STUART publicados no «Sempre Fixe».

O leitor recorta as páginas que publicaremos (e que têm um desenho especial para o efeito), junta-as por ordem, acrescenta a capa a cores, e encaderna este verdadeiro Álbum. Se não quiser, ou não puder, encadernar as páginas e a capa, poderá através de um cordão de seda ou de grampos metálicos, manter as 120 páginas do seu 2.º Álbum «Sempre Fixe» bem firmes. O 1.º Álbum foi publicado o ano passado, no Concurso DL/81, e compõe-se de primeiras páginas e excertos do «Sempre Fixe» desde Maio de 1926 (data do 1.º número) até ao «Golpe dos Fifeis», tentativa política à frente da

qual estiveram um Filomeno da Câmara e um Fidelino de Figueiredo.

Este ano o «Diário de Lisboa» completa 61 anos de publicação. E à comemoração do nosso aniversário queremos associar aquele que, nesta casa, foi um colaborador e um amigo. A publicação de um «ALBUM STUART», organizado a partir, fundamentalmente, da sua colaboração no «Sempre Fixe», é uma homenagem que fazemos aos nossos leitores e uma forma simples, mas por isso, de agradecermos homenagem ao grande artista.

É um verdadeiro presente a todos os seus leitores que o «Diário de Lisboa» oferece aos seus leitores: o 2.º Álbum Sempre Fixe. Além, claro, de 61 magníficos prémios para os leitores e 10 não menos bons para os vendedores!



30 de Abril data da capa do álbum

REGULAMENTO DO CONCURSO

1.º O concurso destina-se aos leitores e aos vendedores e agentes do «Diário de Lisboa». Para concorrer, o leitor deverá enviar pelo correio uma ou mais coleções compostas por 30 cupões (que serão publicados no «Diário de Lisboa» a partir de 19 de Abril de 1982 e um boletim de identificação no qual o leitor deverá indicar o seu nome, morada e telefone (se tiver), bem como o nome, morada e telefone do vendedor ou agente (apenas um) onde adquiriu os jornais relativos ao concurso. Junto ao boletim de identificação será publicado um talão-recibo que deverá igualmente ser preenchido pelo concorrente com o seu nome e morada.

2.º Haverá duas séries de cupões, ambas numeradas de 1 a 30, podendo o leitor concorrer com coleções formadas por cupões de ambas as séries, desde que a coleção apresente cupões de 1 a 30. Cada concorrente poderá enviar quantas coleções desejar, mas sempre e apenas um conjunto em cada envelope. Serão excluídos os concorrentes que não enviem as coleções completas, com os cupões de 1 a 30 e o boletim de identificação e o talão-recibo devidamente preenchidos. No caso de algum leitor enviar mais de uma coleção no mesmo envelope, elas serão numeradas com numeração seguida, ficando o envelope agradado à coleção com o número mais baixo.

3.º Único – Não serão válidos os cupões que contiverem o carimbo de «oferta», «serviço», ou outro semelhante, carimbo utilizado para identificar os exemplares gratuitos, sendo eliminado qualquer coleção encontrada, durante as operações de apuramento, contendo um ou mais desses cupões. Os envelopes ficarão agradados às coleções e deverão conter marca comprovativa do seu envio através dos CTT.

4.º Só serão admitidas ao sorteio as coleções enviadas até ao dia 24 de Agosto de 1982. Em caso de dúvida servirá prova a data do carimbo do correio.

5.º O «Diário de Lisboa», à medida que for recebendo as coleções de cupões e boletins de identificação, numerará, para efeitos de sorteio, esse boletim, com numeração seguida a partir de 1001, seguindo a sua ordem de entrada na empresa. O duplicado do

boletim, igualmente numerado, será devolvido ao concorrente por correio normal, em envelope aberto, se o concorrente assim o desejar e para o efeito juntar o selo correspondente. Este boletim ou talão-recibo serve unicamente para informação do concorrente, considerando-se apenas, para efeitos de sorteio e atribuição de prémios, aquele que, juntamente com a coleção de cupões, fica depositado no «Diário de Lisboa».

6.º As coleções serão agradadas e arrumadas por ordem de numeração, de forma a permitir ao representante do Governo Civil de Lisboa o controlo da numeração e a verificação das coleções.

7.º As operações de apuramento dos concorrentes far-se-ão nas dependências do «Diário de Lisboa» na Rua Luz Soriano, n.ºs 15 e 17, em Lisboa, pelas 18 e 30 do dia 3 de Setembro de 1982.

8.º O sorteio realizar-se-á no dia 10 de Setembro de 1982, nas dependências atrás referidas, através de esferas numeradas de zero a nove, contidas em recipiente a esse fim destinado, dele se extraíndo tantas esferas quantas as necessárias para formação dos números que indicarão os talões premiados. Assim, em cada extração, a primeira esfera a sair representará o algarismo das unidades, a segunda o das dezenas, a terceira o das centenas, e assim sucessivamente. A extração dos números premiados será feita por um representante do Governo Civil de Lisboa, na presença de um representante do «Diário de Lisboa».

9.º No caso de ao mesmo concorrente ou ao mesmo número ser atribuído mais que um prémio, só será mantida a extração correspondente ao prémio de maior valor, sendo as restantes extrações anuladas e repetidas tantas vezes até realojar em concorrentes ou números ainda não premiados. Serão igualmente anuladas as extrações de números inferiores a 1001.

10.º Os prémios para os leitores e os prémios para os vendedores e agentes do «Diário de Lisboa» constam da lista publicada neste jornal e deverão ser reclamados no prazo de 90 dias a contar da data do sorteio, na sede do «Diário de Lisboa», na Rua Luz Soriano, n.º 44, em Lisboa, das 9 às 12 e das 14 às 16 horas às 3.ªs, 5.ªs e 6.ªs feiras, e das 9 às 12 horas aos sábados.

11.º A publicidade do concurso será feita no jornal «Diário de Lisboa».

12.º O «Diário de Lisboa» obriga-se a anunciar nas suas páginas o nome e morada dos premiados, bem como o último dia do prazo em que os prémios podem ser levantados, logo após a sua determinação.

13.º O «Diário de Lisboa» obriga-se a apresentar ao Governo Civil de Lisboa, no prazo de oito dias a contar do termo final daquele a que alude a condição 9.ª, declaração dos premiados com a assinatura reconhecida notarialmente, comprovativa do recebimento dos prémios.

14.º No caso de os prémios não serem reclamados no prazo devido, ou de não ser feita prova, nos termos e prazo referidos na condição anterior, propõe-se que os prémios, em espécie, ou conforme for optado pelo Governo Civil de Lisboa, o seu valor em dinheiro, revertam para o estabelecimento de assistência a designar pelo Exm.º Governador Civil de Lisboa no prazo de trinta dias a contar da respectiva notificação. Haverá também idêntica reversão se, iniciadas, com a participação do público, as operações do concurso não se realizarem, por qualquer circunstância – incluindo a falta de cumprimento por parte da entidade organizadora do concurso de alguma das cláusulas estabelecidas para o mesmo – o respectivo sorteio ou não for possível atribuir os correspondentes prémios.

15.º São da responsabilidade dos concorrentes todas as despesas relacionadas com a entrega dos prémios, nomeadamente registos de transferência de propriedade e outras despesas, tal como o selo do recibo, o reconhecimento das assinaturas, as despesas de embalagem, seguro e transporte nos casos em que a entrega não seja feita na sede do jornal, etc. Será dada publicidade desta cláusula através dos meios referidos na cláusula 10.ª.

16.º O «Diário de Lisboa» compromete-se a confirmar por escrito ao Governo Civil de Lisboa, com a devida antecedência de cinco dias úteis, em relação às operações de determinação dos contemplados, como também as datas até às quais as coleções deverão dar entrada na sede do jornal para serem admitidas a sorteio, ou seja, até ao dia 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio).

17.º Através dos meios publicitários indicados na condição 10.ª serão dados a conhecer ao público, não só o local, dia e hora da realização das operações de determinação dos contemplados, como também as datas até às quais as coleções deverão dar entrada na sede do jornal para serem admitidas a sorteio, ou seja, até ao dia 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio).

18.º Serão aplicáveis a este concurso paralelo – de vendedores – e à sua entrega, de prémios, etc., todas as regras e normas que regem o concurso principal e que lhe foram aplicadas.

política de A a Z

A repercussão de um debate

O debate na Televisão entre os líderes dos quatro maiores partidos — Diogo Freitas do Amaral, Francisco Pinto Balsemão, Mário Soares, Álvaro Cunhal, citando da esquerda para a direita da imagem que no ecrã nos era oferecida — teve, apesar de tudo, do equívoco e do atraso, incontestável interesse. E incomodou. A sua repercussão alcançou aspectos sérios e caricatos, mas foi longe. E estão concordes as opiniões quanto a um ponto: a subalternização do presidente do PSD. O que não teria qualquer espécie de importância exterior da «Aliança Democrática» se não se desse a coincidência de o presidente do PSD ser o Primeiro-Ministro do Governo de Portugal.

De dia para dia — e sem gosto o reconhecemos — o sucessor de Francisco Sá Carneiro, destruindo o perfil que criara de homem liberal, aberto e convivente, vai cedendo e concedendo a pressões, influências, conselhos de duvidoso mérito e de suspeita sinceridade, e adoptando uma suficiência perigosa, exibindo um endurecimento não convincente e inconsequente, contentando-se com um esquematismo simplista, criando em círculos cada vez mais largos na dita «maioria» um sentimento que está generalizado na «oposição»: há que mudar de Primeiro-Ministro.

E se as hipóteses Cavaco Silva e Eurico de Melo (apesar da crise dos têxteis, da crise de Braga e das conversações algarvias) perderam força, surgem no horizonte candidaturas plausíveis: a de Hernâni Lopes, a de Meneres Pimentel, a de João Salgueiro. No CDS — que espanta a presa como um abutre — fala-se, a meia voz, de Basílio Horta. O professor ficaria na reserva. É uma reserva.

Mas como líder central, único, da coligação governamental, ele se apresentou e no debate teve intervenção. A um assessor tímido, hesitante, com meia dúzia de **boutades** fixados, se reduziu Francisco Pinto Balsemão, enquanto Diogo Freitas do Amaral tentava, aqui e ali com veemência digna de nota, mas também com quedas em fraseado retórico de péssimo gosto, conduzir a operação de conquista de um Mário Soares senhor da consciência do peso político do Partido Socialista na alternativa ao Governo e à «maioria parlamentar» da AD. E poderíamos acrescentar que essa consciência — a um nível de tática política — esteve presente nas intervenções de Álvaro Cunhal e daí resultou — do facto de Mário Soares e de Álvaro Cunhal terem convergido numa mesma reprobção da governação, dos métodos e dos objectivos AD — um terrível incómodo para muita gente. O debate teve repercussão na consciência nacional, agitou a «classe política», incomodou a «maioria», denunciou, espectacularmente, a crise de liderança e, para quem pensa friamente os problemas e analisa as situações, revelou que se está à beira de uma nova «crise política». Um editorialista da «direita» servidor atento, entre comentários reveladores da confusão que por aí anda, escreveu: «...reconhece-se que o dr. Mário Soares tem razão quando verifica que o II Governo/Balsemão não tem já resposta para os grandes problemas nacionais» («O Tempo», 15/4/1982).

Dizia o Quevedo que pela boca de uma serpente de pedra jorra um cano de água. Não o esquecendo, não ignorando que da serpente de pedra poderá jorrar água límpida, registemos a afirmação. Não importa, de momento, ver de onde vem a inspiração, averiguar quem está atrás do «editorial», mas tomar nota de que ali

se afirma: «O II Governo Balsemão chegou ao fim e o País caminha a passos de gigante para a catástrofe económica» («O Tempo», 15/4/1982).

Não nos perguntemos hoje até quando, e até que ponto, o tecnocrata João Salgueiro querará ligar o seu nome à catástrofe de um Governo que, no que respeita a muitos sectores, é de orientação marcadamente conservadora. Mas é esta a ocasião de recordarmos que, sabendo-se que a visita à República Popular de Angola do Presidente da República se revestia de um interesse fundamental para o Estado português, o CDS tentou — e não sabemos se com algum êxito — sabotar essa visita com a «libertação» de prisioneiros portugueses que se encontravam retidos pela UNITA. Nas vésperas da partida para Angola, do Presidente Ramalho Eanes, a diligência do CDS — qualquer que fosse o seu aspecto humanitário — não poderá deixar de ser classificada como politicamente inoportuna e inconveniente.

Levá-la à conta de mais uma infelicidade na cegueira da guerrilha institucional, será excessivamente generoso. Estamos perante uma intenção sabotadora de uma relevante acção de Estado, quis-se prejudicar a visita do Presidente da República portuguesa à República Popular de Angola. É preciso dizê-lo ao País.

Mas o partido que se enredou em tais malhas terá desistido de «a herança do poder» que tão engenhosamente, tão pertinazmente, tem andado a construir? É o que ficou por esclarecer. Os factos encarregar-se-ão de dar resposta à nossa pergunta. Com efeito, Freitas do Amaral — tendo dado cobertura à operação de colaboração com a UNITA e com as autoridades da República da África do Sul — coloca-se numa posição estranha para se manter na corrida para o Poder. Mais do que na recuperação das posições imperialistas (e colonialistas) na África Austral a burguesia portuguesa e os empresários inteligentes estão interessados nas relações úteis com Angola e Moçambique.

Assim, o general Ramalho Eanes ganha prestígio (e apoios) e os líderes da AD isolam-se no seu cruzadismo ultrapassado. As relações com a República Popular de Angola não podem estar à mercê de conspirações, intrigas e conluios com serviços secretos e organizações que conduzem uma actividade sistemática contra o Governo de Angola e o MPLA. O Governo português — este ou o que lhe suceder — tem que escolher. E, neste ponto, parece que o professor Freitas do Amaral escolheu. É livre na sua escolha. Mas tendo escolhido contra Angola, escolheu contra Portugal.

Como — e o debate na Televisão claramente o demonstrou — tendo decidido liderar a AD, parece ter escolhido mal o seu posicionamento em relação à revisão constitucional, às relações entre instituições, à estrutura dos órgãos de soberania ou acessórios. E parece não ter sabido definir, na sua dependência eleitoral em relação ao PSD, o tipo de relações no interior da «Aliança Democrática» que permitissem, sem crise, a substituição do Primeiro-Ministro.

O CDS não está em condições de substituir Francisco Pinto Balsemão por um Primeiro-Ministro seu. A ideia de alguns dirigentes do CDS de que Freitas do Amaral poderá ser, novamente, o candidato de uma parte do PSD, é acalentada. Mas, a cena da Televisão, não a facilita. Diogo Freitas do Amaral subalternizando Francisco Pinto Balsemão não conquistou aliados no PSD, e dando cobertura à «operação UNITA» não criou amigos entre os homens de negócios.

Foram dois erros em curto período. O tempo passa. Será que Diogo Freitas do Amaral não sabe esperar? Ou será que a «direita» não tem tempo para esperar?

ponto a ponto



● O debate televisivo da passada terça-feira entre os líderes dos quatro maiores partidos portugueses foi visto por 75 por cento de pessoas entre os 15 e os 65 anos, segundo uma empresa de sondagens. A empresa Marktest adiantou que as percentagens foram mais elevadas no sexo masculino (84 por cento) que no feminino (67,2). A sondagem foi efectuada por telefone, na área da Grande Lisboa e o debate interessou — ainda de acordo com a empresa de sondagens — mais a pessoas com idade inferior a 35 anos.



● O deputado comunista Silva Graça acaba de ser eleito presidente do comité de redacção da Comissão de Descolonização da União Parlamentar Internacional. A eleição processou-se no decorrer da sexagésima nona reunião da UIP, a decorrer em Lagos (Nigéria). A candidatura de Portugal foi proposta pela Zâmbia, tendo obtido o consenso dos restantes países.

● O almirante Sousa Leitão, em declarações divulgadas ontem em Brasília, afirmou que «a segurança do Atlântico Sul é fundamental para a própria segurança mundial», defendendo a desmilitarização dessa área. O chefe do Estado Maior da Armada, embora não se referindo especificamente ao conflito anglo-argentino sobre as Malvinas, defendeu a posição portuguesa quanto à segurança do hemisfério, sublinhando que Portugal, como membro da NATO, acompanha tudo quanto se passa no Atlântico Sul, acrescentando que o nosso país espera que «o Brasil, como país irmão de língua portuguesa, desempenhe um papel maior no equilíbrio estratégico da zona».



O «assalto», em 1930, ao Ministério da Instrução

José Magalhães Godinho

No dia 19 de Novembro de 1930, segundo reza uma folha de cadastro da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado e referenciada ao Processo n.º 368/46-S.E. indica-se, por extrato do Pr.s/n. S.P.S., que eu fui «preso no Ministério da Instrução, por fazer parte de um grupo de estudantes que ali foi em atitude menos respeitosa para com S. Ex.ª o ministro. Solto na mesma data».

Vejamos o que efectivamente se passou.

Nesse dia, por volta das 14 horas, se a memória me não falha, estava reunida, na sala grande dos espelhos da Faculdade de Direito de Lisboa, então no Campo de Santana, onde também se situava o Ministério da Instrução, sob a presidência do director, dr. Joaquim Pedro Martins, a assembleia dos estudantes para eleição do seu representante à assembleia da Universidade. A secretária estávamos o Teófilo Carvalho dos Santos e eu. A certa altura, vieram-me dizer que no corredor se encontrava alguém que precisava de me falar com a maior urgência. Indiquei ao presidente que me ausentava só por um instante, e fui ver de quem e do que se tratava. No corredor estava um grande amigo da família do Francisco Mendes, e meu amigo também, o Antero, que supunho ainda era primo dele. Disse-me que, de madrugada, a Polícia de Informações — assim então se chamava — tinha ido a casa do Francisco Mendes, o qual continuava preso sem se saber onde,

mas à ordem daquela Polícia. O Francisco Mendes era estudante da Faculdade de Ciências, e, naquela altura, presidente da Federação Académica de Lisboa. Voltei imediatamente à assembleia e pedi ao dr. Pedro Martins para acabar o mais rapidamente possível com a reunião e nos deixar ficar na sala — ao que acedeu — porque havia um assunto grave e urgente, do interesse dos estudantes, que carecia ser exposto e tratado urgentemente. Antes de se dar por encerrada a assembleia dirigi-me aos presentes pedindo-lhes que não saíssem da sala quando o presidente desse por finda a reunião, pois tinha uma comunicação importante e urgente a fazer e sobre a qual haveria de tomar-se posição. Encerrada a sessão, logo que o presidente saiu da sala, propus que a Presidência fosse ocupada pelo Teófilo e, não havendo oposição, ele assumiu-a e deu-me a palavra. Expus então a notícia que acabara de me ser dada e, como se tratava do presidente da Federação Académica, em que a nossa associação estava federada, impunha-se uma imediata tomada de posição e, entendia eu, esta deveria ser a ida de uma delegação da assembleia a reclamar do ministro a imediata libertação do presidente da federação, e dar-lhe a saber que se não fossemos atendidos no dia seguinte promoveríamos assembleias magnas em todas as faculdades para declarar uma greve de protesto. Por proposta, já me não recordo de quem, foi

aprovada por aclamação a minha sugestão, e designados 5 estudantes para integrarem essa delegação: o Teófilo, o Artur Santos Silva, eu e, confesso, não me lembro quem eram os outros dois. Logo se encerrou a sessão e a delegação partiu, levando atrás de si umas dezenas de estudantes. Ao aproximarmos-nos do ministério começaram — não sei quem deu o «pontapé de saída» — os Vivas à Liberdade e gritos de «exigimos a libertação do nosso colega preso». A porta do ministério a delegação dirigiu-se ao porteiro dizendo que queria subir para pedir audiência imediata ao ministro e, sendo-lhe respondido que havia ordem para não nos deixar entrar, logo corremos para as escadas, afastando o porteiro e gritando que queríamos ser recebidos pelo ministro. Atrás de nós, entrando também de roldão, vieram mais uns tantos. Éramos ao todo 28 ou 29. Começámos a ouvir aferrolhar portas à nossa frente, que iam arrombando a pontapé, aos vivos e aos morras. Um secretário do ministro, branco como a mais branca cal, apareceu-nos dizendo que o ministro não estava, que voltássemos no dia seguinte da parte da tarde, mas só dois, e talvez então fossemos recebidos. Rípostámos que queríamos ser recebidos de imediato, e não sairíamos sem o ser, e que se nesse

mesmo dia não fosse solto o nosso colega Francisco Mendes, no dia seguinte promoveríamos uma greve em todas as faculdades. Entretanto, um contínuo segredou-nos que o ministro, apavorado, tinha fugido precipitadamente pelas traseiras. Redobrámos de vigor nas nossas exigências, arrombámos mais umas portas, e tudo isto acabou por dar tempo que chegassem camiões da Guarda Nacional Republicana, carregados de soldados, que estes cercassem o Ministério, que nele entrassem e que todos fossemos levados sob prisão para a sala 1 do Aljube, que era como se sabe a cadeia dos presos políticos, onde os 28 ou 29 que éramos ficámos instalados em conjunto. Deveriam ser umas 18 horas. Fomos todos identificados. Cerca das 19.30 horas, começámos a clamar que nos servissem o jantar, pois tínhamos fome. Veio, suponho que o chefe dos guardas, dizer-nos que não nos podia dar de jantar pois não estava preparado para isso. Fizemos uma enorme chifreira reclamando comida. Saiu, voltando pouco depois disse-nos que não havia ali mesmo ao lado um restaurante onde podíamos mandar vir comida, e forneceu-nos uma ementa que já trazia. Escolhemos o que quisemos. Excepcionalmente, disse-



● Foi adiado, sem data ainda marcada pela organização, o almoço comemorativo do 20.º aniversário do Dia do Estudante de 1962. A comissão executiva que tem coordenado as actividades evocativas da crise académica de há vinte anos reúne-se ainda hoje, admitindo-se que daí decorra a marcação de nova data para o almoço.



● Preocupada com o que considera manobras que visam «a divisão e desagregação do PSD e o enfraquecimento da AD», a comissão política concelha da JSD do Fundão denunciou, através de um comunicado, a situação criada pela demissão das comissões concelhias do PSD de Castelo Branco, Fundão e Covilhã, «uma vez que esta atitude, além de mais, se manifesta pouco clara e não visa senão pôr em causa a unidade do partido». A JSD do Fundão manifesta ainda o seu apoio e solidariedade ao governo liderado por Pinto Balsemão.

Continua na pág. 6

Hoje à noite

Intelectuais questionam direcção socialista

Convidados individualmente pelo secretário-geral do PS, artistas, escritores e outros intelectuais, sem filiação partidária, vão participar hoje à noite, no Hotel Altis, num colóquio promovido por aquele partido.

Será o primeiro de uma série intitulada «Questões ao PS», que até princípios de Maio juntará ainda políticos da área da esquerda democrática e jornalistas.

Na carta — convite que dirigiu aos intelectuais, Mário Soares refere a necessidade de um projecto cultural autónomo que, segundo afirma, num partido democrático deve resultar «do diálogo livre entre intelectuais, es-

critores, cientistas, universitários e artistas da área do socialismo democrático e não das opções, em abstracto dos responsáveis políticos».

Entre os participantes contam-se os nomes de Fernando Namora, Augusto Abelaira, Jacinto Prado Coelho, Almeida Faria, Luís Sttau Monteiro, Palla e Carmo, Nuno Júdice, Manuel Vilaverde Cabral, e Dóridio Guimarães.

De entre os convidados, muitos recusaram, uns por princípio outros por impossibilidade. Nomeadamente Sofia de Melo Breyner, Vergílio Ferreira, Eugénio de Andrade, Eduardo Lourenço, Mário Cesariny e Nikiás

Skapinakis.

O debate será moderado por parte do PS, por Mário Soares,

Jaime Gama, Almeida Santos, António Reis, Manuel Alegre e Sottomaior Cardia.

Solidariedade com a Linha da Frente Preparatória da Conferência começa hoje em Lisboa

Começa esta noite num hotel de Lisboa a reunião internacional preparatória da Conferência de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente.

Esta reunião prolonga-se por três dias e traz à capital portuguesa alguns destacados dirigentes de países africanos.

Entre os delegados à reunião que já esta manhã se encontravam em Lisboa contam-se o ministro de Estado do Lesotho, L. S. Jonathan e Rui Xavier, do Departamento de Relações Exteriores do MPLA/PT (Angola).

Está também em Lisboa Vladimir Khandogly, do Comité Especial das Nações Unidas Contra o «Apartheid», e Leonard Kapungo, do Conselho das Nações Uni-

das para a Namíbia, bem como representantes dos movimentos anti-«apartheid» de países como a Suécia, e a Itália.

A reunião preparatória da conferência será obsequiada no domingo à tarde com um «Porto de honra» pela Câmara Municipal de Lisboa, no Castelo de S. Jorge.

Entretanto, realizou-se ontem na Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio a eleição da comissão executiva da reunião.

Entre as personalidades portuguesas que integram a comissão figuram nomes como os de Fernando Piteira Santos, José Cardoso Pires, João Cravinho, J. M. Galvão Teles, o padre Luís Franço e Álvaro Rana.

Ordem dos médicos critica Governo

Considerando que os projectos de carreiras hospitalares, de saúde pública e de clínica geral são ilegais, o presidente da secção regional do Norte da Ordem dos Médicos, Guimarães dos Santos, afirmou, ontem, que a classe médica «atravessa uma situação deveras grave» e que «está a ser alvo de um ataque que visa a sua destruição como

classe livre e independente».

O Governo foi acusado, por este dirigente da Ordem, de avançar com legislação sobre as carreiras sem previamente consultar a classe e de «implementar um sistema de saúde repudiado por 93,7% dos médicos do Norte de Portugal». A política de saúde do Governo foi também posta em causa por Silva Leal.

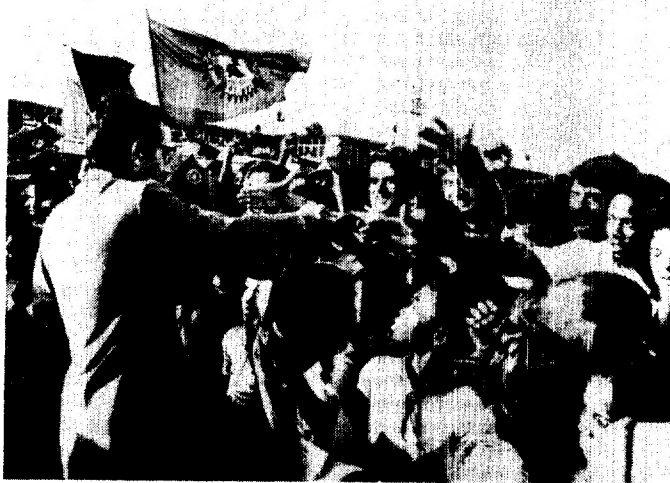
Eanes aclamado

Ontem

LUANDA, 16 (do nosso enviado especial, Ribeiro Cardoso) — Ontem foi a festa. Grande, enorme, quente. Depois do abraço apertado e indiscutivelmente emocionado, que Eanes e José Eduardo dos Santos trocaram na pista do Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro, foi o espectáculo impressionante de um mar de gente ladeando as ruas que leva-

contiveram e, de rostos felizes, gastaram o percurso a acenarem para a multidão, como se o clamor que ocupava as ruas fosse também, um pouco, para eles.

Mas o dia de ontem, marcado de uma forma decisiva, sem dúvida, pela recepção calorosa, teve outro ponto bem alto e diferente. Em silêncio, sem outras testemunhas que não fossem os mem-



A chegada ao aeroporto

ram até Futungo de Belas. Ruas que agora se chamam «Revolução de Outubro», «Ho Chi Min», «Katyavaia», «Primeiro Congresso do MPLA», e, ainda há bem poucos anos, tinham nomes bem diferentes.

Ontem, pois, foi a festa com negros e brancos de Luanda misturados e alegremente empunhando pequenos «posters» com as fotos de Eanes e José Eduardo dos Santos. Dizem os de cá que nunca em Angola houve uma recepção igual, em número de pessoas nas ruas, em entusiasmo e até em emoção. Acredito, embora não tenha possibilidade de comparar. Mas o que posso jurar é que na comitiva de Eanes todos ficaram impressionados. E acrescento um pormenor: dentro dos carros em que se integraram no cortejo presidencial, alguns dos empresários portugueses

que acompanham Eanes não se brios da comitiva e dois membros do CC do MPLA, Eanes depositou uma coroa de flores no sarcófago de Agostinho Neto, para os angolanos guia imortal da sua revolução. Essa cerimónia sentida e recolhida decorreu no Palácio do Povo, outrora palácio de governadores coloniais, e revestiu-se de um grande significado e importância para os dirigentes angolanos.

E os quatro soldados, que permanentemente guardam a urna de Agostinho Neto, envolta pela bandeira do MPLA, assistiram, imperturbáveis, ao olhar fixo e silencioso de Eanes, lembrando-se talvez de Bissau e do encontro que ali teve há anos com o grande dirigente angolano — um encontro cujo espírito continua a dominar as relações de Portugal com África.

O «assalto» em 1930 ao Ministério da Instrução

Continuação da pág. 5

ram, autorizaram que viessem dois garrações de vinho tinto, e banqueteámo-nos em franco e alegre convívio. Depois, conversámos, cantámos, durante largo tempo, apesar de volta e meia nos virem dizer que nos calássemos. Já altas horas, deitámo-nos nas tarimbadas para dormir. Mas foi sono de pouca duração. Seriam 5.30 da madrugada abriu-se a porta da sala e entrou o próprio director da Polícia, então o tenente Brás Vieira. Começou por nos dizer que, embora compreendendo a nossa atitude, tínhamos exagerado. Mas ele tomava tudo à conta da nossa juventude e, garantindo-nos que o Francisco Mendes já estava solto e em casa, disse-nos que nós também íamos sair em liberdade, porque o Governo era generoso. Nesta altura, o Santos Silva, que continuava deitado na sua tarimba, soergueu-se e exclamou: «eu, nem para ir às aulas me levanto tão cedo. Se me quer soltar, venha-me acordar ao meio dia». E, deitou-se de novo. O Brás Vieira entendeu ainda dirigir-nos alguns conselhos: que não nos metessemos em política, não fizessemos greves nem hostilizássemos o Governo, e rematou: «reflitam no que vos digo. Mais tarde vocês, lembrando-se deste dia, não de dizer aquele coirão do Brás Vieira tinha razão!»

O João Gomes da Silva, que era o que estava mais próximo dele, mirou-o dos pés à cabeça e exclamou: «coirão também é exagero!» e acrescentou algo mais que entendo não dever reproduzir, mas provocou uma gargalhada geral e deixou o Brás Vieira verdadeiramente embaraçado. Pediu-nos que saíssemos de imediato, pois estávamos livres e nada mais tinha a dizer-nos. Mas, de repente, quando íamos começar a sair, exclamou: «alto! Têm de pagar a conta do restaurante». Como retorquíssemos que considerávamos uma indecência tal exigência, visto que entendíamos ter sido seus convidados no Aljube, travou-se animada controvérsia, e, perante a nossa firme declaração de que nos recusávamos a pagar, ainda que tal implicasse termos de continuar presos, o que para ele representaria um aumento dos seus gastos pessoais, uma vez que outras refeições teria de nos pagar, desalentado, sem saber como responder-nos, desabafou: «Está bem, eu pago do meu bolso pessoal, mas saiam já.» Assim fizemos e viemos em grupo até ao Rossio aos vivos à Liberdade, à República e aos estudantes republicanos. Ali dispussemos, indo cada um para suas casas. A verdade é que, devido à nossa atitude, o Francisco Mendes fora libertado. Mas, se o não tivesse sido, nós desencadeáramos uma greve.

Angelo Correia em Coimbra:

“Tempos estão a favor do Poder Local”

O ministro da Administração Interna, Angelo Correia, empossou ontem em Coimbra, a comissão instaladora do Centro de Estudos e Formação Autárquica (CEFA).

Aquele organismo é presidido por Barbosa de Melo e integrado ainda por Alves Correia, Saraiva de Aguiar e Torres Pereira.

Angelo Correia sublinhou no acto de posse que os lugares da comissão instaladora ainda não estão todos preenchidos e que aguarda resposta a convites formulados a pessoas que não são da área política do Governo.

Disse que o Executivo pretende com tais convites evitar o risco de anexação partidária daquele Centro

de Estudos e venceu o facto de nenhum elemento da respectiva comissão instaladora ser de Lisboa.

Afirmou também que os tempos estão a favor do poder local e apresentou a cerimónia de posse a que presidiu como uma prova disso.

Revelou que o seu Ministério tem prontos dez diplomas sobre poder local, quatro dos quais estão em Conselho de Ministros e outros seis serão apresentados em breve à Assembleia da República.

Entre eles, destacou três que se referem à situação dos trabalhadores das autarquias e cuja aprovação anunciou para um prazo não superior a trinta dias.



Direcção de Distribuição Tejo

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

3.º Sector — **Concelho de Lisboa:** R. Luz Soariano, 82 a 148 e de 67 a 81, Tr. dos Inglesinhos, 24 a 52 e de 7 a 49 e R. dos Caetanos, 28 a 40.

6.º Sector — C. do Correio Velho, 3 a 5, L. Santo António da Sé, 3 a 11, R. da Padaria, 39 a 49 e de 2 a 52, Beco da Caridade, 1 a 6, Cruzes da Sé, 5 a 21, L. da Madalena, 6, R. dos Douradores, 101 a 147 e Av. da Liberdade, 28 a 70.

8.º Sector — R. Eça de Queiroz, n.ºs ímpares entre a Av. Duque de Loulé e a R. Actor Tasso.

10.º Sector — Vila Formosa e imediações, Praça Circular Norte, Circular Norte e imediações (das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Ericeira — L. da Parada, L. de S. Pedro, EN 249, R. Paroquial, Calc. do Rego, R. do Paço, R. do Espírito Santo, L. do Pelourinho, R. de S. Felix, R. da Assunção, R. do Carmo, R. do Rio Calvo, R. do Arrabalde, R. Dr. Manuel de Arriaga e imediações, Cerâmica Monumental, Qt.ª da Juncqueira, Salgados, Paz, A da Perra e Casal Mourão (das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de V. Franca:** Castanheira do Ribatejo: R. D. António de Taide, Av. Carlos Leal, R. S. João, R. Palha Branco, R. Sacadura Cabral, Estr. Nacional N.º 1 (parte), Beco S. João, Trav. do Regedor, R. da Igreja e outras (das 8 às 14 horas).

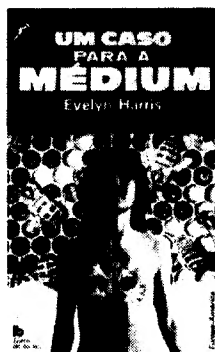
3.ª Zona — **Concelho de Amadora:** Vale Grande, Casal da Mira, A-da-Beja (parte), Amadora: Av. Combatentes da Grande Guerra, R. Luís de Camões, R. 9 de Abril, Av. Marquês de Pombal, R. Dr. Manuel Arriaga e imediações (das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Oeiras:** Queijas: R. António Feliciano de Castilho, R. Ramalho Ortigão, R. Garcia de Resende, R. Afonso Lopes Vieira, R. Fernão Lopes, R. Diogo Bernardes, R. Barbosa do Pocage, R. Alves Crespo e imediações (das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Cascais: R. Eça de Queiroz, R. Júlio Dantas, R. Júlio Dinis, R. Diogo Couto, R. Garcia Resende e imediações. Amoreira (parte), Caparide: Cobre: B. de Santana (das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Carrascal: Morelino, Casal da Granja, Mem Martins: Estr. de Mem Martins e imediações, Av. da Bela Vista, R. Jorge de Castilho, R. Plácido de Abreu e imediações. Rodízio, Praia Grande, Queluz Ocidental: Praceta Pedro Alexandrino, Praceta Stuart Carvalhais, R. Cristino da Silva, Praceta Simões Almeida Júnior, Praceta Henrique Poução e imediações (das 8 às 14 horas).

AGORA NOS livros de bolso EUROPA-AMÉRICA



Apartado 8
2726 Mem Martins Codex

em Luanda por dezenas de milhares de pessoas

foi a festa

«Esta é a rapaziada»

Voltando ao dia de ontem: na placa do aeroporto, quando Eanes chegou, encontrava-se uma delegação da Associação de 25 de Abril empunhando dois cartazes: «Estamos juntos, Associação de 25 de Abril» e «Comunidade portuguesa na RPA saúda general Ramalho Eanes». O Presidente português ao passar junto desses compatriotas que por aqui ficaram, ou para aqui vieram recentemente trabalhar, parou por momentos e conversou informalmente com eles. Acompanhado por José Eduardo dos Santos que sorrindo disse simplesmente: «esta é a rapaziada de Portugal».

Uma «rapaziada» que tem desenvolvido um excelente trabalho na RPA e onde esperam inaugurar no próximo dia 25 as instalações da nova sede que lhes foram cedidas pelas autoridades angolanas. Trata-se de uma velha casa no centro de Luanda que está completamente remodelada e muito funcional, fruto de um trabalho gratuito de muitos meses prestado por muitos portugueses sócios da Associação.

Esses nossos compatriotas, com quem falei longamente ontem à noite, esperam que Eanes aceite ser sócio de honra da «25 de Abril» (até agora só há dois — Agostinho Neto e José Eduardo dos Santos) e que vá visitar a nova sede. E esperam mais: que as autoridades angolanas dêem o nome de «25 de Abril» à rua onde a associação vai ficar instalada. Um 25 de Abril que está presente em toda a cidade de Luanda onde se vêem numerosos cartazes alusivos à data de um 25 de Abril que, só ele, tornou possível este encontro fraterno de dois povos que aqui se está a viver.

membros do Corpo Diplomático creditado em Luanda, Eanes será convidado de honra de um banquete oferecido pelos dirigentes angolanos.

O Presidente português esteve acompanhado nas conversações de hoje pelo ministro da Indústria, Energia e Exportação, Bayão Horta, e pelos secretários de Estado dos Negócios Estrangeiros, Indústria, Planeamento, Ensino Superior, Turismo e Transportes Exteriores.

Enquanto isto, a mulher do Presidente da República, Manuel Eanes, foi recebida de manhã por Maria Eugénia Neto, viúva do primeiro presidente de Angola.

Amanhã Eanes deverá ir à província da Huíla, próxima da província do Cunene, parcialmente ocupada pelas forças sul-africanas e que nos últimos dias conheceu uma intensificação dos voos de reconhecimento da aviação de Pretória.

A visita à Huíla, o centro económico e militar do Sul de Angola, tem um importante significado político tanto para os angolanos como para o Presidente português, consideram os observadores. Com efeito, para além da presença sul-africana, verifica-se nessa região um incremento das actividades do movimento-fantoches UNITA, que vive do apoio sul-africano.

Reacção

A Agência Noticiosa Angolana (ANGOP), considerava ontem a visita do Presidente Eanes «um ponto indelevel na história das seculares relações entre os dois povos».

A agência refere terem sido tais relações caracterizadas, num passado ainda recente, «pelo

criado pelo imortal guia da revolução angolana e primeiro presidente da República, dr. António Agostinho Neto, e o general Ramalho Eanes, que visita hoje Angola», acrescenta.

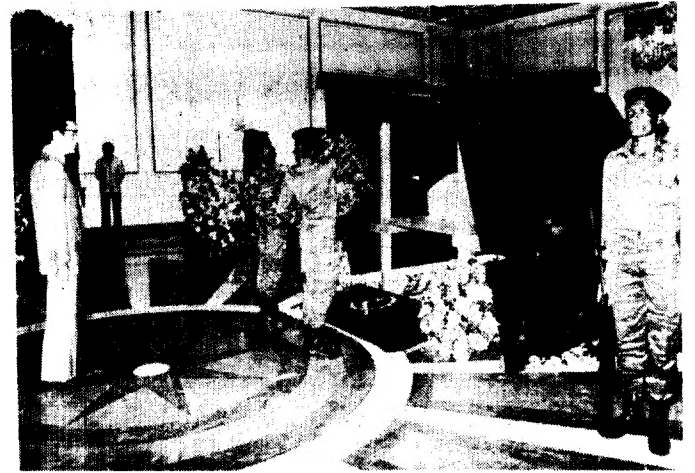
A ANGOP faz depois uma longa citação de um «feature» da ANOP, assinado por Jorge Heitor, em que se refere que, no encontro de Bissau, em Junho de 1979, tinham sido «enterrados fantasmas de um passado recente».

APA denuncia operação CDS

Entretanto, a Associação de Amizade Portugal-República de

Angola, tornou público um comunicado onde denuncia a operação do CDS e da UNITA que, no momento da visita de Eanes, decidiram «lançar nova e provocatória campanha de intoxicação da opinião pública, tentando criar dificuldades ao bom êxito desta visita de carácter profundamente patriótico», a pretexto da libertação de «prisioneiros» da UNITA.

A APA sublinha que o «grupo terrorista de Savimbi não passa de um utensílio de guerra do regime de Pretória, cujas forças armadas, elas sim, ocupam criminalmente uma parte do território soberano de Angola», e denuncia ainda a cobertura da operação CDS-UNITA nos órgãos de Comunicação Social do Estado.



Flores no mausoléu de Agostinho Neto



linhas aéreas de angola

TAG DELEGAÇÃO EM PORTUGAL

Av. da Liberdade, 259 - 1º 1200 LISBOA - Tels. 57 58 99 / 57 59 18 - Telex: 18475

Passagens e Reservas

Av. da Liberdade, 259/loja
Telef. 53 18 25 - 57 58 99

Aeroporto de Lisboa

Serviço Escala/Carga
Sala 452-2º - Tel. 89 61 73 - 80 35 33



As honras militares

Amanhã no Sul de Angola

As conversações oficiais tiveram início a meio da tarde, tendo Ramalho Eanes visitado, durante a manhã, a Petrangel e a barragem de Cambamba. Ao fim da tarde, depois de dois povos

excecrável binómio colonizador-colonizado: relações essas que, de resto, mesmo o povo português soubera destruir, em 1640, após anos de dominação espanhola».

«É numa perspectiva nova, diferente, que as novas relações luso-angolanas vão estabelecer-se, no espírito de Bissau».

em duas palavras

● CTM COMPRA NAVIOS PARA GANHAR

A Companhia de Transportes Marítimos (CTM) comprou o navio brasileiro «Santa Ursula», que designará por «Leiria» quando o lançar à água. Construído em 1976 no estaleiro da Companhia Brasileira de Comércio e Navegação, o «Santa Ursula» tem 140,8 metros de comprimento e capacidade para transportar 14 800 toneladas. O «Leiria» destinar-se-á às linhas internacionais da empresa, que este ano deverá facturar 8,5 milhões de contos.

● «DIA DA UNIDADE» EM LEIRIA

O general Pires Tavares, comandante da Região Militar do Centro, presidiu em Leiria ao «Dia da Unidade», comemorado no Regimento de Artilharia. O «Dia da Unidade» coincidiu, este ano, com o juramento de nove recrutas.

de ontem para hoje

Duas crianças carbonizadas



DUAS crianças, de 3 e 5 anos, morreram carbonizadas na sua barraca em Odiveiras. Uma delas tinha o hábito de brincar com fósforos e provavelmente fez-lo quando a mãe saiu para comprar o leite do pequeno-almoço.

O incêndio, que deflagrou por volta das nove da manhã de ontem, acabou por destruir totalmente oito barracas, deixando várias famílias sem alojamento, situação que a Câmara de Loures procurou resolver de imediato.

Os bombeiros compareceram poucos minutos depois de lhes ter sido dado o alarme e só esse facto impediu a destruição total do bairro conhecido por Vale do Forno, que tem cerca de seis dezenas de barracas para 300 habitantes.

O salvamento das duas crianças tornou-se impossível devido à violência das chamas. No final foram encontradas sob a mesa da cozinha, junto ao fogão que estava intacto. Drama também para a mãe, separada há três meses, mas com outro filho no ventre.

Ourivesaria assaltada em Silves

Cerca de dois mil contos de relógios, pulseiras e objectos de prata foram roubados de uma ourivesaria em Silves. Na mesma noite, foi roubada uma vitrina do mesmo ourives no cinema local e assaltados os balneários do Silves Futebol Clube, donde foi roubado algum dinheiro e os medica-

mentos.

O assalto à ourivesaria foi concretizado por arrombamento de uma porta lateral. Os assaltantes, provavelmente inexperientes, desprezaram algumas caixas com artigos muito mais valiosos do que os que levaram.

Perturbado regresso ao Brasil

Veio matar saudades a Portugal, natural de A-Ver-o-Mar que era. Agora regressava ao Brasil e provavelmente levava os «trocos» da sua permanência. Mas, aprontado para o embarque no aeroporto, não declarou os 150 contos que levava escondidos no fato.

Como deu o «cheiro» à Guarda Fiscal sabe-se lá. O certo é que o emigrante viu o seu embarque retardado, deixou os seus 150 contos entregues à Guarda e teve de adiantar uma caução de mais 50. Depois lá teve luz verde para regressar a Porto Alegre.

Carne imprópria no Porto

Ainda há poucos dias foram apreendidos cerca de cem quilos de carne estragada num talho do Porto. Agora eram 130, mas num estabelecimento de produtos avícolas, situado na Rua Ferreira dos Santos daquela cidade.

O lote de carne, inutilizado após verificação da sua impropriedade, constava de 80 quilos de orelheira de porco e

50 quilos de frango, uma parte dos quais «prontos a cozinhar». Foi processado o comerciante, de apelido Farreca.

No mesmo domínio, outro caso foi registado no Porto. Uma cervejaria da Rua do Campo Alegre tinha dois quilos de salmone e algumas trutas já com prazos ultrapassados.

Octogenário tenta a morte

Um octogenário do Cacém tentou suicidar-se atirando-se do 2.º andar do prédio que habita. Falhou, porém, e acabou por ser internado no Hospital de S. José.

O suicida, Francisco António Janelas, de 88 anos já manifestara tendências semelhantes ao esconder 25 comprimidos de tranquilizantes. Foi descoberto e também aí falhou.

Motoretista morre por tabela

Foi perto de Faro. Um motoretista, de seu nome Epifânio Viegas Farinha, saiu projectado para a faixa contrária quando uma senhora indisposta abriu a porta, em anda-

mento, do carro de aluguer em que viajava.

Um carro que vinha em sentido contrário não pôde evitar o embate com o condutor da motoreta.

Judiciária incrimina «Canecos»

A inspecção da Polícia Judiciária de Setúbal anunciou ter concluído um volumoso processo de seis presumíveis autores de tráfico e consumidores de haxixe.

A droga era transportada de Marrocos para Portugal pelos irmãos conhecidos por «Os Canecos».

A Polícia Judiciária de Setúbal adiantou que aqueles presumíveis traficantes, por serem marítimos, utilizavam os barcos em que prestavam serviço para transportar o haxixe daqueles portos no Norte de África colocando-o nos revendedores em Setúbal.

Granada contra guardas-nocturnos

Três guardas-nocturnos de Rio de Moura foram atacados à granada e dois deles ficaram feridos. O ataque partiu de um carro de marca Opel com quatro ocupantes.

Um dos guardas ficou ferido no abdómen e por isso foi submetido a uma intervenção cirúrgica no hospital de Cascais, ficando livre de perigo.

Quanto ao seu companheiro, recebeu tratamento a ferimentos ligeiros e recolheu imediatamente a casa.

Uma das justificações encontradas para o atentado é a de se tratar de um ajuste de contas, após os vigilantes terem há pouco impedido que o grupo consumasse um assalto em Rio de Moura.

Belarmino: apogeu e doença

Fernando Lopes ainda pensa nele para “Crónica dos Bons Malandros”?

Belarmino simplesmente (do cinema), ou Belarmino Fragoso (do boxe), que em 1974 travou o seu último combate, no Coliseu dos Recreios, contra Rodrigo, está internado no Hospital de Santa Marta. Para quem o quiser visitar aqui fica a informação: Serviço 1, sala 1, cama 3. Homem ainda hoje entroncado, vinha a deitar a cabeça sobre o peito. Ainda não recuperou dos ferimentos este

homem que ganhou bastante dinheiro no boxe (nem sempre o que cobrava), em que foi estrela, além de vedeta de cinema (todos se recordam do filme com o seu nome e de «A Carta Roubada» (uma produção francesa em que fez o papel de polícia e de ladrão), e passou a engraxar sapatos antes de ingressar nos quadros dos Serviços Prisionais, prestando serviço (até Março findo) na Cadeia de Monsanto.

Parece afastar-se assim, para Belarmino Fragoso Teixeira, a hipótese e o desejo de participar no filme que Fernando Lopes rodará em torno do livro de Mário Zambujal, um homem com fortes vínculos ao desporto, «Crónica dos Bons Malandros». Belarmino ainda há dias confiava a um

amigo essa esperança, cada vez menos viável. Uma desgraça nunca vem só — diz o bom do nosso povo que Belarmino bem conhece, mas que não o tem visitado nestas horas amargas da sua vida. A mulher, Maria Amélia, a filha (Ana Paula) e o irmão (Domingos Fragoso) têm sido nestes momentos de sofrimento os seus grandes companheiros. Da mulher, dizia há dias: «O pugilismo continua a ser a maior adoração da minha vida, mas o melhor que o boxe me deu foi a minha mulher». Belarmino afirmava-o há dias e repete-o constantemente, agora no Hospital de Santa Marta, onde arranhou uma cama com muitas dificuldades.

Homem ainda hoje famoso, que ganhou muito dinheiro e que matou a

fome a muitas pessoas nos seus tempos áureos, a bondade no coração e o sofrimento no rosto, Belarmino deu entrada ontem naquele estabelecimento hospitalar amparado pelo irmão e apoiado em duas «canedias». Está lá «para ser visto e tratado como deve ser», disseram familiares esta manhã ao «DL».

Belarmino começou no boxe com 17 anos, mas começou a sua carreira a sério aos 21. Foi campeão e bicampeão de Portugal, abandonando a prática desportiva aos 42. Hoje com 50 anos considera que muitos dos que com ele conviveram terão abusado da sua bondade, esquecendo-o nestas horas de amargura e dor. Está no Hospital de Santa Marta, serviço 1, sala 1, cama 3. É a cabeceira da cama que se conhecem os amigos...

Menores na mira do Governo

“Abaixamento da delinquência passa pelo apoio da cultura”

O acesso aos bens culturais por parte dos jovens do Instituto de S. Domingos de Benfica e de todos os que dependem da Direcção-Geral dos Serviços Tutelares de Menores foi ontem assegurado, pelo menos no papel, com a assinatura de um protocolo de cooperação entre os Ministérios da Cultura e da Justiça, respectivamente representados pelos secretários de Estado Gomes de Pinho e Azevedo Soares.

«Os jovens, os primeiros signatários deste acordo e das acções que ele vai proporcionar, terão oportunidade de minimizar os efeitos negativos da situação em que se encontram e das suas causas, valorizando a sua personalidade, alargando os seus horizontes, ganhando da vida

uma nova perspectiva que só a vivência cultural é capaz de dar», acrescentou Gomes de Pinho durante a cerimónia.

Da conjugação da acção dos dois serviços de Estado (Ministérios da Justiça e da Cultura) poderá concretizar-se, com economia de recursos — disse também Gomes de Pinho — e maior eficácia e vantagens recíprocas, o cumprimento de objectivos de relevância sociocultural, basicamente o combate à delinquência através do enriquecimento cultural.

Ao Ministério da Cultura é assim dado alargar o âmbito da sua acção a uma camada de jovens particularmente carenciada e à qual ainda não tinha chegado.

O fenómeno da delinquência está subjacente à assinatura deste protocolo e a ela se referiu o secretário de Estado da Justiça, Azevedo Soares no Instituto de S. Domingos de Benfica. Aumentar o nível cultural para combater a delinquência é o objectivo fundamental do protocolo ontem assinado, como atrás referimos. Isso porque, «a delinquência é hoje uma forma de evasão ou recusa em assumir as responsabilidades que a cada um cabem na vida colectiva».

Num quadro em que «o futuro é para os jovens mais o ónus de viver do que a esperança de conquistar», o Estado, disse Azevedo Soares, «prolonga artificialmente o tempo próprio da juventude através de um sistema de ensino despersonalizado, por

vezes inútil, sempre desmoralizante e, numa visão meramente economicista, reduz o trabalho à dimensão de simples condição de subsistência».

O acordo, embora com incidência sobre a Direcção-Geral dos Serviços Tutelares de Menores, contempla nomeadamente o Instituto de São Domingos de Benfica, que se dedica à reeducação de menores do sexo feminino. O protocolo dá-lhe possibilidades de exibição de filmes de qualidade, realização de sessões de música gravada e produção de apoio técnico à produção teatral. O Instituto juntar-se-á a curto prazo ao Centro de Observação e Acção Social de Lisboa dando lugar a um estabelecimento polivalente.

Nove mil contos roubados de carrinha bancária

PORTO, 16 — A P.J. do Porto e a GNR de Santo Tirso prosseguem as diligências no sentido de encontrar um Mercedes branco com a matrícula TI-OA-628 e os quatro ocupantes que ontem, ao fim da manhã, cerca das 11 e 20, assaltaram uma carrinha Renault 4 L da União dos Bancos

Portugueses, no Monte da Asunção, num local denominado Capela Velha situado na estrada que liga Santo Tirso a Paços de Ferreira, de onde sacaram nove mil contos em dinheiro e valores.

Na referida carrinha viajavam os prospectores bancários Manuel Gonçalves da Cunha, resi-

dente no Porto, e Fernando Salvador de Jesus Tavares, morador em Rio Tinto, Gondomar, que se dirigiam a Vila das Aves quando numa curva da estrada depararam com o Mercedes atravessado na via impossibilitando-os de prosseguirem a viagem. Rapidamente, três indi-

viduos mascarados, empunhando metralhadoras de canos curtos os intimidaram «quietos, que isto é um assalto», após o que aliviaram a carrinha da avulsa quantia que se encontrava no banco traseiro em envelopes. Para não serem perseguidos levaram também as chaves,

Sociedade Filarmónica
Incrível Almadense
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
AVISO

Nos termos do Art.º 16.º, parágrafo 4.º dos Estatutos, convocam-se os associados para uma Assembleia Geral Ordinária, a realizar no Salão de Festas da Colectividade, pelas 20.30 horas, no dia 16 de Abril de 1982.

ORDEM DE TRABALHOS:

Apresentação, discussão e votação do Relatório e Nome da Gerência do ano de 1981.

N. B. — Esta reunião é marcada em primeira convocação; todavia, se à hora de se iniciar não comparecer o número legal de associados, estipulado no parágrafo 2.º do artigo 16.º dos Estatutos, a mesma funcionará, legalmente constituída, com qualquer número de sócios, uma hora depois.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Seguidamente e nos termos do Art.º 16.º, parágrafo 5.º dos Estatutos, convocam-se os associados para uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar no mesmo local e no mesmo dia, com a seguinte.

ORDEM DE TRABALHOS:

1. Informar a Assembleia da existência de acção judicial, intentada pelo Ministério Público contra a S. F. I. A.
2. Alteração dos parágrafos 2.º, 3.º e 5.º do art.º 16.º, e dos artigos 23.º, 25.º, 27.º, 43.º e 45.º dos Estatutos da Sociedade.
3. Alteração da composição dos Corpos Gerentes.

Almada, 8 de Abril de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(José Carlos Gouveia Pereira)

N. B. — Segundo o parágrafo 3.º do Art.º 16.º dos Estatutos, esta Assembleia só se achará legalmente constituída, se um mínimo de 50 sócios a ela estiverem presentes.

TEATRO DA TRINDADE
— INATEL
ApresentaA COMPANHIA NACIONAL
DE BAILADO

Hoje às 21.30 horas

Programa

PAQUITA — coreografia de Petipa
música de Minkus

CANTO DA SOLIDÃO — coreografia de Armando Jorge
música de Álvaro Cassuto

SERESTA — coreografia de E. Senen
música de H. Villa Lobos

NOITE DE WALPURGIS — coreografia de Armando Jorge
música de Gounod

ÚLTIMO ESPECTÁCULO,
DIA 17 ÀS 18 HORAS

50% de desconto para os sócios do INATEL, dos CCDs, e CPTs, em todos os espectáculos.

75% de desconto para os menores de 18 e maiores de 65 anos no espectáculo do dia 17.
Este espectáculo será comentado por ARMANDO JORGE

Extinção do CICD irreversível?

O Centro de Investigação e Controlo de Droga pode considerar-se extinto pese embora a afirmação eufemística do ministro da Justiça, Meneres Pimentel, nomeadamente na entrevista que há pouco tempo deu ao nosso jornal publicada no dia 12 do corrente: «...não se trata da extinção do CICD mas sim da sua integração num departamento da Polícia Judiciária».

Na autêntica guerra que se travou entre aquele Centro e o departamento de narcóticos da PJ e que teve a sua fase quando há cerca de dois anos, quando os investigadores do primeiro contribuíram para desmascarar determinado núcleo de tráfico de haxixe que tinha como seu principal fornecedor um agente da Judiciária que se abastecia na própria arrecadação policial. Logo em resposta a PJ prenderia dois investigadores do CICD que do mesmo modo se apoderavam de droga, neste caso dura, apreendida e guardada em cofre oficial que introduziam no respectivo circuito clandestino.

Muito se tem argumentado a favor e contra a existência de organismos com funções paralelas, em especial a propósito deste caso em que tanto o CICD como a Judiciária tinham competência para a investigação e prevenção no campo específico do tráfico, importação e consumo de droga. Não vamos aqui tomar partido até porque os argumentos que defendem ou atacam qualquer das posições são falíveis embora em princípio válidas. Falíveis por não poderem garantir as consequências futuras e válidas por poderem ser confirmadas pelo tempo e pelos factos.

Um dos principais argumentos para a manutenção da atribuição de competência a ambos os or-

ganismos é a de que se fiscalizam um ao outro permitindo um melhor controlo dos possíveis casos de corrupção, perigo sempre iminente dadas as vultosas importâncias em jogo susceptíveis de fazer quebrar a resistência moral das pessoas. Do outro lado, argumenta-se que ligado à traficância da droga se desenvolvem e associam outras actividades criminosas e que pela investigação de uma se chegará mais facilmente às outras, obtendo-se assim uma maior eficiência com economia de meios.

Como o assunto é de grande interesse público, limitamo-nos a expor as posições de ambas as partes. Hoje damos abertura à posição favorável à moribunda CICD e dentro de dias voltaremos com a argumentação favorável à integração.

Porque se criou o CICD?

Em 1976, a questão «droga» podia caracterizar-se por: ausência de dados para uma estimativa razoável da prevalência e incidência do abuso da droga e do comportamento do mercado e consequente ausência de uma firme posição oficial perante o problema. Verifica-se a incapacidade dos vários organismos interessados em informar, prevenir, tratar e reprimir com desarti-

culação evidente, quer no domínio das operações quer no da informação. Encontravam-se desactualizados os instrumentos legais em relação à situação real do mercado da droga.

A Comunicação Social estava também superficialmente orientada para os aspectos alarmantes e chocantes que atingiram a opinião pública à qual, dramaticamente, se distribuía entre a desorientação e o simplismo de soluções, informações distorcidas que contribuíam para a sacralização da droga e favorecendo a rotura social do meio dos iniciados no abuso, com ampliação dos seus comportamentos desviantes.

Uma actuação de combate à droga desinteressada da perspectiva social na resolução dos problemas com a tentadora exploração do virtuosismo, em casos pontuais, quer de captura quer de apreensão, quer em especial de tratamento e recuperação (a surgir muitas vezes mutuamente exclusivos) e que, em qualquer dos casos se apresentavam como suficiente justificação dos serviços.

Foram assim criados no âmbito da Presidência do Conselho de Ministros, o Gabinete Coordenador do Combate à Droga, (GCCD), o Centro de Estudos da Profilaxia da Droga (CEPD) e o Centro de Investigação e Controlo de Droga (CICD).

As medidas de fundo da legislação que vem «extinguir» o Centro, são: A integração do CICD na Polícia Judiciária, mantendo-se porém os seus actuais quadros, à excepção dos respectivos dirigentes, compe-

tências e atribuições constantes do Decreto-Lei 791/76 que cria aqueles departamentos e não é revogado e a inserção orgânica no Ministério da Justiça não só daquele centro como também do CEPD e GCCD, com a deslocação para este do Grupo de Planeamento.

Extinguir ou integrar?

Pretende-se assim acabar com a conflitualidade permanente entre a PJ e o CICD; garantir uma maior operacionalidade na luta contra o tráfico de estupefacientes e criminalidade afim, e permitir uma afectação dos recursos humanos e técnicos mais eficaz e mais racional. No entanto contrapõem os defensores da existência do Centro:

O primeiro objectivo deve ser subalternizado em relação aos outros já que o respeito pelas normas legais de competência seria suficiente para evitar conflitos, tal como se tem verificado entre o CICD de um lado e a GNR, PSP, GF e as Alfândegas.

Quanto ao segundo: No nosso país, é rara a criminalidade violenta motivada pela ou relacionada com droga, se é que já aconteceu alguma vez. Apenas nos Estados Unidos é vulgar e frequente tal criminalidade conjunta desde há dezenas de anos. Ali se cometem roubos e furtos cujo fruto se destina a cobrir no todo ou em parte a droga adquirida pelo toxicómano que é por dia superior a um milhão de contos. Obviamente não será a motivação de um homicídio ou de um roubo que vai determinar

qual a agência policial mais apta para o investigar. Se recentemente nos EUA se manifestaram intenções de fundir a DEA com o FBI, o estudo elaborado sobre o assunto através dum processo transparente e participação dos responsáveis das duas agências determina as competências, evita interferências prejudiciais e contraria a corrupção, desencoraja-a e facilita a sua descoberta sem prejuízo da operacionalidade de cada serviço com intervenção no combate à droga.

Finalmente, quanto ao terceiro objectivo, não há dúvida que uma maior racionalidade no aproveitamento dos recursos humanos e técnicos é facilitada por uma gestão centralizada desses recursos. Só que estes se encontram dispersos pelos diversos organismos policiais e aduaneiros cuja participação no combate à oferta da droga é imprescindível mas que, por outras razões, se têm de situar em diferentes ministérios. A não ser assim teria razão o ministro da Administração Interna Ângelo Correia ao querer subordinar à sua pessoa tudo quanto fosse polícia ou coisa parecida no que é contestado por Meneres Pimentel responsável pela extinção do CICD que no entanto advogava ainda há pouco tempo a subordinação da dúzia de polícias existentes no nosso país a um comando único sem aventar qual o ministério que tutelaria tal poder concentracionário.

O futuro dirá se esta decisão é a mais vantajosa. Uma coisa é certa, será irreversível.

Dias Brito

Aventuras com "hax" sentam cinco no banco dos réus

Iniciou-se ontem, na Boa Hora, o julgamento de cinco jovens acusados de constituírem uma organização que teria como objectivo a introdução e comercialização de haxixe em Portugal.

Os jovens em causa foram presos em Novembro de 1981, depois de um deles ter sido apanhado no Aeroporto de Lisboa, por agentes da Judiciária, transportando quatro quilos de haxixe provenientes de Marrocos.

Com idades rondando os 21 anos, os referidos jovens tinham já feito uma confissão completa à Judiciária, confissão que reafirmaram na audiência. Foram ontem ouvidos três dos réus, estando a continuação do julgamento prevista para a próxima terça-feira.

Uma «curiosidade»: as três testemunhas de acusação (agentes da PJ) não compareceram na audiência de ontem. O procurador da República, dr. Maia Costa, prescindiu por essa razão das referidas testemunhas.

Os cinco jovens, entre eles uma rapariga espanhola, são defendidos pelos drs. Marques Mendes, Luís Castelo, Sousa Carrusca e António Furtado dos Santos. O julgamento é presidido pelo juiz Alves dos Santos e em causa está a comercialização de cerca de 13 quilos de «hax» (o que, verdade seja dita, comparado às centenas de quilos e até às toneladas que ultimamente «têm dado à costa» não se pode considerar exagerado).

Os três jovens, ontem ouvidos, que se declararam arrependidos, afirmaram ter tomado a decisão de vender haxixe, por um período limitado, para poderem responder a algumas situações económicas difíceis ou para viabilização de projectos garantes de futuros empregos.

AVISO

**AVEIRO, VILA REAL
CALDAS DA RAINHA
SANTIAGO DO CACÉM
VILA FRANCA DE XIRA**

**PARA LIGAÇÕES INTERURBANAS
NÃO-AUTOMÁTICAS MARQUE 090**

A próxima abertura do acesso destes Grupos de Redes ao Serviço Telefónico Internacional Automático, obriga à mudança de alguns indicativos de serviço especiais

Assim, a partir do próximo sábado, dia 17, o indicativo de acesso ao Serviço Interurbano Manual nestes Grupos de Redes, mudará de 00 para 090.

**AJUDE-NOS A SERVI-LO
MELHOR
UTILIZE BEM O TELEFONE**



TELECOMUNICAÇÕES

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

16 ABRIL • Mais

Nunca se está a mais quando se está certo. Certa está a **Mais**. Uma revista de grande actualidade que surge no momento certo, com a equipa certa, para o público certo. Por isso a **Mais** não está a mais.

Mais*

Director: Carlos Cruz
Publicação Semanal
Sai às 6.ªs-feiras
64 páginas
32 páginas a cores

Preço: 50\$00

* Não se trata de mais uma revista: é **Mais!**

Para viagens oceânicas

“Creoula” será navio-escola da Marinha Mercante portuguesa

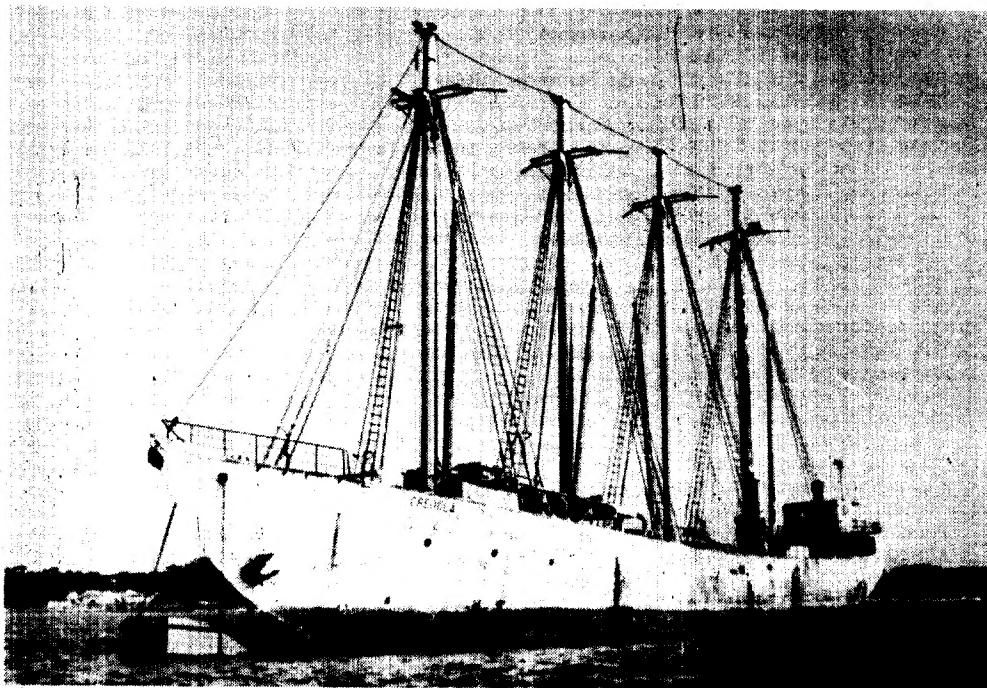
Lugre de quatro mastros que o avanço tecnológico foi pondo de parte, o “Creoula”, último descendente da frota bacalhoeira portuguesa, está a passar por obras num estaleiro de Cacilhas. Dentro de pouco tempo será um navio-escola, o primeiro da Marinha Mercante portuguesa, como é o “Sagres” na Marinha portuguesa. Jovens utilizarão em viagens oceânicas, ao passo que o “Sagres” é teste para jovens marinheiros e cadetes da Armada.

Mandado construir pela Parceria Geral das Pescarias no estaleiro da CUF, em Lisboa, foi lançado à água em 1937. Fez, durante 37 anos, campanhas de pesca ao bacalhau e teve sete capitães até 1973 — ano da sua última operação na captura do bacalhau.

Armando Rocha, engenheiro responsável pela transformação do lugre em navio-escola, e o capitão António Marques da Silva, o 6.º dos sete comandantes do “Creoula” — vai voltar a comandar o navio, disseram à ANOP que os trabalhos estão a decorrer normalmente. Apesar de ali se encontrar há dois anos, a transformação do navio foi iniciada há apenas cerca de três meses.

O “Creoula” foi modificado de modo a manter toda a estrutura original de velame. Tendo em vista as novas funções como navio-escola, foi renovado e transformado apenas interiormente, dado o bom estado de conservação do casco.

Os responsáveis do Gabinete de Estudos e dos estaleiros verificaram que o “Creoula”



merecia ser aproveitado e transformado para os objectivos em vista em vez de passar a navio-museu, inicialmente programado pela Secretaria de Estado das Pescas. A transformação, disse Armando Rocha, incidirá essencialmente sobre os alojamentos dos oficiais à ré, enquanto as instalações para tripulantes serão remodeladas e renovadas de acordo com a legislação em vigor.

No porão de peixe foi instalada uma coberta corrida com lugares para 50 alunos, com todos os requisitos modernos. Sob essa cobertura foram instalados tanques de combustí-

vel, aguada e lastro. Da casa das máquinas aproveitou-se apenas o motor principal do navio, sendo introduzidos novos geradores de corrente alterna. O aparelho do navio, mastrelas, retrancas e caranguejas que, na traça inicial, eram de madeira, serão agora em aço. No que diz respeito a velas, mantêm-se as de origem. Reconstruídas.

O “Creoula”, lançado à água em 1937, foi construído em aço, com reforço avançado para poder navegar em mares com gelo. Todo o interior é revestido a madeira e o porão calafetado para evitar o contacto da mouro com o ferro.

A rota do lugre na pesca do bacalhau

Toda esta inventariação de pormenores do lugre tem a ver historicamente com as viagens dos marinheiros portugueses para o Atlântico Norte, onde foram encontradas, em tempos imemoriais, terras com mares em que abundavam o bacalhau.

A exploração dessa riqueza foi prontamente iniciada, como se pode depreender da doação, feita em 1520, por D. Manuel I a João Álvares Fagundes, das terras descobertas naquela região, e onde se estabeleceu a colónia de

Cabo Bretão com portugueses de Viana do Castelo e dos Açores. Desde então, o bacalhau fresco e salgado passou a fazer parte da alimentação dos portugueses, e muitos foram os bacalhoeiros à vela que, durante séculos, demandaram aqueles mares, deixando uma tradição única no mundo. No Canadá, por exemplo, aqueles navios ficaram conhecidos pelo nome de Frota Branca (White Fleet).

O lugre largava de Lisboa normalmente em fins de Março e seguia para os bancos da Terra Nova, Nova Escócia e St. Pierre et Miquelon, onde pescava, se as condições o permitissem, até fins de Maio. Dirigia-se então a Nova Escócia (North Sidney) ou à Terra Nova (St. John's), onde reabastecia de isco fresco, mantimentos, combustível e aguada, seguindo para a Gronelândia. Chegava aí em meados de Junho, começando a pesca no Estreito de Davis (Costa Oeste) até aos 68 graus de latitude Norte.

Se não terminasse o carregamento até princípios de Setembro, data tradicionalmente estabelecida como limite para a pesca com os dorys nestas paragens, regressava aos bancos da Terra Nova, onde voltaria a tentar a sorte até meados de Outubro, altura em que regressava a Portugal e às instalações dos seus armadores, no Rio Coia, Barreiro.

Navegava normalmente a motor e à vela, pois era este o sistema que lhe proporcionava melhor velocidade e qualidade de manobra.

Desalojados das ex-colónias queixam-se de maus tratos

«Matam-nos à fome, roubam-nos os parques haveres, arrancam-nos o telefone, destroem-nos a correspondência, dificultam-nos os cuidados higiénicos, misturam-nos com prostitutas, insultam-nos e ainda nos ameaçam com a Polícia!», São, em resumo, as queixas formuladas por um grupo de desalojados das ex-colónias ainda a cargo da Comissão Liquidatária do IARN (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais).

Estão alojados há vários anos na Pensão «Flor da Ribeira», situada na Rua D. Luís, número 1, em Lisboa. Até há poucos meses tudo corria com agrado geral, tendo sido mesmo classificado pelas Assistentes do Ministério dos Assuntos Sociais como: o alojamento-modelo, exemplo de vivência cívica.

A partir de Outubro foi o descalabro, desde que a pensão começou a ser explorada por Adelino Calças em sociedade com um indiano de apelido Rutilal, os quais recebem nove contos mensais por cada pessoa a quem fornecem alimentação e alojamento.

«Só nos dão arroz e massa. Andamos cheios de fome. Colocaram na pensão uma encrenagrada, Maria Catarina, que não possui um mínimo de princípios morais, empregando constantemente frases e gestos obscenos que agredem adultos e crianças. A semana passada mandou aqui à noite dois guardas à paisana que nos tiraram os fogões eléctricos que utilizamos para confeccionar papas e leite para as crianças, visto a alimentação ser deficiente em quantidade e qualidade.»

Já denunciaram a situação à directora dos Alojamentos do referido Instituto, ao Governo Civil, à Direcção-Geral de Saúde e ao Ministério dos Assuntos Sociais, sem que até agora tenham visto solucionados os problemas. Promessas de que vão ver e a ver ficam... Esperam com alguma esperança uma audiência, já solicitada, com a dr.ª Manuela Eanes.

Desalojados, desenraizados e desempregados, sofrem ainda mais estas agruras, ignorando qual a razão dos maus tratos de que estão a ser vítimas. Há quem afirme pretenderem que abandonem a pensão, para ser usada em negócio mais lucrativo: alugar a casas em regime de pouca permanência, mais propriamente: casa de passe. Garantem que os dois sócios são proprietários de mais dezasseis pensões, todas em locais estratégicos destinados prioritariamente a esse comércio. Na sequência desta afirmação forneceram-nos uma lista desses presumíveis proístas.

São pelo menos nove desalojados e respectivos familiares que se queixam desta situação. Para além das centenas de casos escandalosos que envolveram fraudes vultosas na ordem dos milhões de contos pagos pelo IARN, cujos processos a Judiciária investiga e investiga mas de cujos resultados se desconhece, há ainda muita gente neste triste situação a servir de pretexto a choro e negócios sem que os pretensos beneficiários usufruam de facto do equivalente ao que o País desembolsa.

Tentámos contactar com os proprietários visados nas acusações destes desalojados mas, por razões que desconhecemos, a nossa iniciativa não teve qualquer correspondência da parte dos visados.

D. B.

Secretário de Estado da Emigração responde sobre burocracia de fronteira

A propósito da carta aberta ao secretário de Estado da Emigração, da autoria de Isidoro Gomes Raposo, publicada na edição do dia 4 do passado mês de Fevereiro, enviou-nos aquele membro do Governo, com o pedido de publicação e invocando o direito de resposta, um esclarecimento sobre as normas de funcionamento dos serviços de alfândegas em relação aos emigrantes.

O relatório de Estado refere a existência, através das representações diplomáticas nos países de imigração portuguesa, de serviços de informação onde são prestados todos os esclarecimentos e que aquela Secretaria de Estado «tem sempre esclarecido e continuará a esclarecer, pela via mais rápida, as dúvidas apresentadas pelos que se lhe têm dirigido pessoal, telefonicamente ou por carta fechada».

Quanto às questões levantadas por aquele nosso leitor, o secretário de Estado da Emigração limita-se a citar legislação existente sem todavia responder a todas elas.

Acrescenta-se todavia que o secretário de Estado da Emigração não é posto em causa pela «Carta Aberta» publicada no «D.». O autor da mesma pretende apenas chamar a atenção do Governo para a maneira como são por vezes tratados os emigrantes nas fronteiras portuguesas e implicitamente faz-lhe sentir que, por inerência do cargo, o secretário de Estado deverá ter conhecimento dessas

anomalias e tomar medidas visando eliminá-las.

Pode existir — e existe — legislação sobre a entrada de bens de emigrantes no país, mas que em muitos casos, por deficiente aplicação, por erradas formas de interpretação dos funcionários ou pelo próprio espírito dessa legislação, os emigrantes são vítimas de dificuldades intoleráveis, é um facto.

Reportamo-nos aos esclarecimentos da SEECP. Vejamos só um caso.

São isentos de direitos de importação «os móveis, roupas e outros objectos de uso doméstico de indivíduos que vierem habitar no território do continente da República e ilhas adjacentes, sendo necessário que os seus possuidores não tenham aqui habitação guarnecida à data da sua chegada e que os bens constituam há mais de um ano o recheio da sua casa no estrangeiro».

Isto aplica-se aos emigrantes? Não é normal que um emigrante, ao deixar o seu país, deixe também a sua casa recheada (bem ou mal) e até a sua família?

Não é normal que ao residir noutro país tenha casa e nela tenha algum recheio? Não é normal que ao regressar definitivamente ao seu País possa juntar algumas peças trazidas do país onde viveu e que representem produto do seu esforço?

Então por que razão neste caso já não tem isenção de direitos?

Os resultados do inquérito aos hábitos alimentares dos portugueses, iniciado há mais de cinco anos pelo Centro de Estudos de Nutrição, do Instituto de Saúde Ricardo Jorge, só deverão ser conhecidos dentro de aproximadamente três meses.

Previsto para o início deste ano, o tratamento informático dos dados recolhidos conheceu um adiamento, em virtude de se ter registado um atraso na aquisição dos computadores indispensáveis à conclusão do inquérito.

A especialização do pessoal habilitado a operar com o novo parque sofreu, consequentemente, um inesperado compasso de espera.

Segundo pudemos apurar, os dados recolhidos ao longo de duas fases distintas, calculados em cerca de 8 400, estão presentemente a ser «montados» em programa, operação que lepará um mínimo de três meses a concretizar.

Só nessa altura os computadores começarão a trabalhar, entrando-se na fase de apuramento final.

Seguir-se-á a redacção dos relatórios que fornecerão as indicações necessárias aos organismos competentes, e eventualmente permitirão definir uma política de produção e importa-

ção, que tenha em conta as necessidades alimentares das populações.

Saúde e alimentação

O conhecimento dos hábitos alimentares de um povo é o primeiro passo para conseguir a saúde física e mental de um povo.

Não é difícil saber que os portugueses comem mal, têm péssimos hábitos alimentares e que cerca de 30 a 40 por cento dos óbitos têm origem em doenças cuja base é o desregramento alimentar.

Mas não chega. É importante possuir uma visão global de todos os problemas que a alimentação envolve.

Essa, a razão por que se projectou em 1977 a realização de um inquérito alimentar nacional.

No entanto, só passados três anos ele começou a tomar forma.

O trabalho foi dividido em duas fases. Dezoito mil pessoas de todo o país foram interrogadas, pretendendo-se determinar a quantidade e qualidade dos alimentos consumidos, os hábitos culinários, número de refeições diárias e intervalos entre elas, condições habitacionais e grau de instrução de cada um dos inquiridos.

Há mais de cinco anos na forja

Inquérito aos hábitos alimentares concluído dentro de três meses

«Este inquérito teria de ser feito à base de perguntas, exames e análises clínicas, porque o que fundamentalmente queremos saber é a relação entre a alimentação e a saúde dos portugueses», declarava em Outubro de 1980 o dr. Rento de Aguiar, responsável do Centro de Estudos de Nutrição a um matutino lisboeta.

Por estas razões, os inquiridos foram depois observados em centros de saúde, para tentar detectar doenças relacionadas com problemas de nutrição.

Primeira iniciativa nacional

A segunda fase do inquérito iniciar-se-ia em Novembro daquele ano. Uma nova série de perguntas foi feita às mesmas pessoas, pretendendo-se determinar a flexibilidade de hábitos alimentares ao longo dos dois períodos do ano.

Os dados recolhidos por cerca de 120 funcionários da Direcção Geral de Extensão Rural do MAP abrangeram a totalidade do território nacional.

É assim que se chega à presente fase, que encerra a primeira iniciativa do género realizada em Portugal, pois até hoje apenas se tinham realizado inquéritos a nível regional.

Encontro de Jornalistas do Norte encerra amanhã

“Pontes” lançadas sobre o futuro

PORTO, — O II Encontro de Jornalistas do Norte se teve o impacto e a repercussão que lhe foram dados pela intervenção do Presidente da República, valeu sobretudo pelas duas pontes que lançou sobre o futuro. Concretamente, a perspectiva de criação de um centro de formação profissional em regime cooperativo e a institucionalização do Encontro como «forum» de debates diversos sobre os problemas de informação, são duas decisões que constituem um marco fundamental para a dignificação profissional.

Para além da caracterização da situação que se vive nos diversos órgãos de Comunicação Social, foram aquelas as duas principais conclusões dos debates. Ambas são um verdadeiro desafio aos jornalistas do Norte. Desafio que já está a mobilizar um bom punhado de profissionais e que parece ter a sedução suficiente para galvanizar muitos mais.

A aposta que envolve ambas as decisões centra-se, afinal, na dignificação profissional. E esta tem como substrato a qualificação, o aperfeiçoamento, factores dos quais nunca se poderá alhear nenhum jornalista. Por isso mesmo, julgamos que qualquer daquelas decisões tem a força motivadora suficiente para por em movimento a grande maioria dos jornalistas da região.

Aliás, tal como ficou assente, para a concretização quer da cooperativa, quer da institucionalização do Encontro, far-se-ão debates alargados em reuniões expressamente convocadas para o efeito. Esta é uma garantia de que nenhuma daquelas iniciativas se irá transformar num espelho de meia duzia...

Se o II Encontro de Jornalistas não valeu tanto pela profundidade dos debates, valeu, isso sim, em termos de classe, pelas traves lançadas sobre o futuro. Essas traves suplantaram os erros, as deficiências. Haverá que concretizá-las.

Estas e as restantes conclusões serão divulgadas publicamente amanhã, às 21h30, na Fundação António de Almeida, na presença de um representante do Governo (está previsto que seja Marcelo Rebelo de Sousa) e do presidente do Sindicato dos Jornalistas, António dos Santos. Depois da divulgação haverá debate.

«Aprendam gramática!»

«Aprendam gramática!» — este o conselho que Fernando Pessa (80 anos feitos ontem) deu a todos quantos pretendem realisar-se no jornalismo, seja na imprensa, na rádio ou na TV.

Pessa, quando proferiu aquele conselho, estava a receber os

parabéns da RTP, através do Canal 1, numa breve entrevista com um locutor. A dado momento, este perguntou-lhe que conselho daria aos jornalistas para se realizarem na carreira.

Pessa não hesitou:

«Aprendam gramática!»

O «Diário de Lisboa» endereça a Fernando Pessa os mais sinceros parabéns.

Dívidas de Sá Carneiro

«O verdadeiro julgamento» do caso das dívidas de Sá Carneiro «é o que decorre no 8.º Juízo Correccional e que a família» (do extinto Primeiro-Ministro) «tenta, por todos os meios, entrar» — afirma hoje o matutino «o diário», referindo-se à sentença, ontem conhecida, do 10.º Juízo Cível de Lisboa na acção de simples apreciação negativa com FSC «pretendeu distrair a opinião pública dos aspectos fulcrais do processo das suas dívidas à banca».

De acordo com a sentença daquele Juízo Cível «Sá Carneiro nada devia à banca nacionalizada».

Segundo «o diário», o que se verificou neste processo do 10.º Juízo Cível «foi que a generalidade dos bancos accionados, sem interesse nenhum, aliás, e o BESCL, este com interesse e com objectivo determinado, não contrariaram a tese de Sá Carneiro de que nada devia à banca».

Pormenoriza aquele matutino que «obedecendo ao princípio do contraditório, dizendo Sá Carneiro na petição dessa acção que nada devia à banca portuguesa e não contestando os bancos, ou até concordando, o juiz do 10.º Juízo não pôde deixar de dar a decisão que deu».

Entretanto, o director de «o diário», Miquel Urbano Rodrigues,

interpôs recurso da decisão do juiz do 10.º Juízo Cível.

CI/ANOP

O Conselho de Informação para a ANOP, reunido extraordinariamente a pedido do PCP, tentou analisar as razões que levaram o Conselho de Gerência da agência a suspender no dia 8 a transmissão do noticiário de política nacional.

Foi aprovada por unanimidade uma proposta daquele partido político no sentido de serem pedidos esclarecimentos sobre o assunto ao Conselho de Gerência da ANOP.

As respostas serão analisadas em reunião marcada para o próximo dia 22 do corrente.

ANGOP: telefotos para Lisboa

A Agência Angolana de Informação (ANGOP) assinalou a chegada do Presidente da República, general Ramalho Eanes, a Luanda com a inauguração de um circuito de transmissão de telefotos para Lisboa.

A montagem do centro de transmissão de telefotos na ANGOP foi feita ao abrigo da cooperação entre esta agência e a sua congénere portuguesa (ANOP), que, para o efeito, mantém actualmente em Luanda o director dos Serviços Técnicos, João de Melo.

«Diário da Madeira»

Segundo informações provenientes do Funchal, o «Diário da Madeira» passará em breve para a posse do Governo Regional, estando a decorrer de momento negociações nesse sentido.



Carlos Cruz apresentando a revista

Começou a distribuição do primeiro número de «Mais»

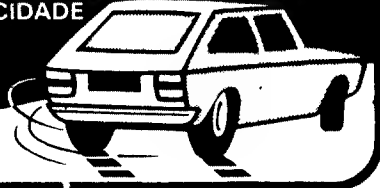
Começou hoje a ser distribuído por todo o País o primeiro número de «Mais», uma nova revista portuguesa de actualidades que vem preencher um espaço importante no sector da imprensa não diária. Carlos Cruz é o director da nova revista e o corpo redaccional é constituído por António Macedo (coordenador), Alexandre Manuel, Cristina Arvelos, João Grego Esteves e Maria Elvira Bento.

De características marcadamente gráficas, «Mais» conta ainda com a colaboração de Carlos Gil, que é o editor fotográfico.

Neste primeiro número colaboram Diogo Alves Pereira, Fernando Assis Pacheco, Fernando Ricardo, João Alves da Costa, Joaquim Lobo, Martim Henriques e Sara Cristina.

A leitura é variada e inclui temas como os Óscares, um teste com o balão que acusa álcool e revela antidotos, uma reportagem sobre príncipes e princesas de Inglaterra, uma entrevista com Leo Ferré, as Malvinas, uma reportagem no palacete onde está instalada uma nova força da PSP para combater o terrorismo, uma entrevista com a irmã mais velha da vidente de Fátima, irmã Lúcia, uma história sobre Mariel Hemingway, neta mais nova do famoso escritor, e ainda temas sobre moda, teatro, cinema, desporto, etc. Em destaque também um conjunto de fotografias inéditas em Portugal mostrando o Papa João Paulo II nadando na sua piscina de Castelgandolfo.

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA
MODERE A VELOCIDADE



O ÉXITO
MEDE-SE PELA
VALORIZAÇÃO
TÉCNICA.
POR ISSO
A FILTÉCNICA É
IMPORTANTE
PARA SI.

FILTÉCNICA/82

SALÃO INTERNACIONAL DA METALURGIA E METALOMECÂNICA

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
HORÁRIO: das 15 às 23 Horas

13/18 ABRIL



**CÂMARA MUNICIPAL
DO SEIXAL
EDITAL
ACTUALIZAÇÃO DO
RECENSEAMENTO ELEITORAL
DE 2 A 31 DE MAIO
HORÁRIO DO FUNCIONAMENTO
DOS POSTOS DE RECENSEAMENTO**

Eufrázio Filipe Garcez José, presidente da Câmara Municipal do Seixal, faz público, nos termos e para os efeitos do n.º 2, do art.º 16, da Lei n.º 69/78, de 3 de Novembro, que as Comissões Recenseadoras deste concelho funcionarão nas sedes das Juntas de Freguesia nos dias e horas a seguir mencionados:

Junta de Freguesia de Amora	— Segundas e quartas-feiras	das 21,30 às 23 horas
	— Sábados	das 10 às 12 horas
Junta de Freguesia de Arrentela	— Terças, quintas e sextas-feiras	das 19 às 21 horas
Junta de Freguesia de Corroios	— Segundas e sextas-feiras	das 21,30 às 23 horas
	— Sábados	das 15 às 18 horas
Junta de Freguesia de Paio Pires	— Terças e quintas-feiras	das 21 às 23 horas
	— Sábados	das 10 às 12 horas
Junta de Freguesia do Seixal	— Segundas, terças e — quintas-feiras	das 21,30 às 23 horas.

E para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

E eu João Maria Viçoso Freire, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Seixal, 14 de Abril de 1982

O Presidente da Câmara,
(Eufrázio Filipe Garcez José)

Gaston Thorn passou atestado de incompetência

“Não fomos nós que vos pedimos para aderirem ao Mercado Comum”

Meus senhores vocês é que nos vieram pedir para entrar na Comunidade, não fomos nós que vos pedimos para a Comunidade aderir a Portugal. Se vocês agora não se entendem e já não sabem se querem ou não aderir, o problema é vosso. Não temos nada a ver com isso. Entretanto, e já que o Governo português continua a mostrar-se interessado em juntar-se a nós, a Comunidade mantém a sua decisão de facilitar a adesão de Portugal. Mas, sejam claros, o avanço das negociações depende fundamentalmente do Governo português. É para isso que precisamos de competência. Não basta mandar «dossiers» para Bruxelas e pôr condições. É preciso fundamentá-los e justificá-los tecnicamente. Ou seja, mais uma vez, são vocês os principais interessados na adesão, por isso não façam exigências demasiadas, não façam ondas. Ou sim ou sotas.

Por outro lado, vejamos lá se são ao menos capazes de utilizar o dinheiro que pusemos à vossa disposição porque ele anda para lá às moscas (mais um atestado de incompetência).

Além disso, não se esqueçam que ainda não fazem parte do clube, portanto ponham de parte quaisquer veleidades mais ou menos irreverentes de querer participar na resolução dos nossos problemas internos. Não têm nada a ver com isso.

E não se preocupem em saber se vão dar mais dinheiro para a Comunidade do que aquele que dela vão receber. Para nos complicar a vida com questões dessas que nada têm a ver com os grandes ideais da unidade europeia e são apenas aspectos materiais mais ou menos mesquinhos, já lá temos os ingleses. Finalmente, e que fique bem presente também para o Governo português, nós nunca dissemos nem havemos de dizer que a vossa actual constituição é incompatível com as nossas regras. Nós não impomos modelos económicos a ninguém. Não se escudem portanto atrás dos nossos princípios para modificar os vossos. Não temos nada a ver com isso. Eis resumidamente, o recado que Gaston Thorn, o presidente da Comissão da Comunidade Económica Europeia (CEE) tem andando a distribuir pelos gabinetes dos governantes portugueses. Pelo menos é isso que se pode deduzir da conferência de imprensa que ontem à tarde realizou em Lisboa.

Gaston Thorn não deixou dúvidas. Não disse directamente porque seria pouco simpático dizê-lo, aqui mesmo, em Portugal. Mas foi suficientemente claro para que se percebesse. A CEE entende que o Governo português e a administração pública portuguesa se têm revelado tecnicamente incapazes de negociar a adesão. Disse-o textualmente: «Não basta introduzir 'dossiers', é necessário explicar e justificar as posições neles

expostas. E isso é necessário para fazer avançar as negociações.» Mas nem só na negociação dos «dossiers» da adesão os responsáveis portugueses têm demonstrado a sua incompetência aos olhos dos «eurocratas» de Bruxelas. Até na utilização das verbas (quase 20 milhões de contos) que os órgãos comunitários puseram à disposição de Portugal no âmbito das acções de pré-adesão. Thorn não hesitou em recordar que quando se discutiam os montantes a conceder a Portugal, os negociadores portugueses entendiam ser demasiado modesta a contribuição da CEE (recorde-se que a recusa pura e simples dessa ajuda chegou mesmo a ser encarada por essa razão). Ora, o que se passa agora, disse, é que o dinheiro está à vossa disposição e os créditos ainda não foram esgotados porque o Governo português não apresenta projectos concretos para a sua utilização.

Não

Em resposta a uma pergunta do «DL» onde se recordava nomeadamente que o Primeiro-Ministro português afirmara há dias na TV que a CEE nos imporia um novo modelo económico caso não fizessemos certas alterações à Constituição, o presidente da Comissão da CEE respondeu numa única palavra — «Não!». O não de Gaston Thorn respondia também à questão de saber se o Conselho de Ministros da CEE ou a Comissão a que preside alguma vez se tinham

interessado e tomado posição sobre a compatibilidade ou a incompatibilidade da nossa Constituição com o tratado de Roma e o direito comunitário dele derivado.

Sim

Uma outra resposta de Thorn ao repórter do «DL», teve porém resposta afirmativa depois de consultar rapidamente um dos responsáveis directos pelas negociações com Portugal — «Sim!». A Comissão mantém a sua proposta para que a Comunidade imponha a Portugal a aceitação da seguinte e curiosa condição: Durante um período de três anos após a adesão, a Comissão da CEE terá o direito de impor a Portugal a aceitação de determinados investimentos directos estrangeiros que tenham sido previamente recusados pelas autoridades portuguesas. Recorde-se que essa proposta ainda não foi analisada no Conselho de Ministros da CEE que a adoptará ou não como posição negociada da Comunidade. A mesma proposta suscitou aliás imediata repulsa em alguns meios portugueses na medida em que representa uma clara ingerência e uma usurpação de poderes soberanos mesmo antes de terminado o período de transição da adesão.

Nem sim, nem sotas!

Uma outra questão do «DL» suscitou uma resposta mais elaborada da parte de Gaston Thorn. Lembrámos-lhe que em 1977 escrevera que o alargamento da CEE ao Sul da Europa

constituía ao mesmo tempo um risco para o futuro da Comunidade mas também uma grande «chance». Sobre esse risco escreveu então que «se a Comunidade não for capaz de fornecer uma resposta aos novos problemas que serão suscitados pelo alargamento ela será submetida a pressões internas tão fortes que se desintegrará progressivamente: talvez subsista um nó integrado à volta da RFA, com países ao Norte e ao Sul, que ficarão mais ou menos ligados por acordos de cooperação a níveis diversos».

Perguntámos-lhe se, actualmente, via mais riscos ou mais «chances» para o futuro da CEE em consequência desse alargamento ao Sul. Em resposta, disse-nos que ninguém pode saber qual será o futuro, mas que a Comunidade tem que ser capaz de encontrar (como tem feito até aqui) as respostas adequadas aos novos problemas que se lhe levantam e aos desafios que aceita. O alargamento ao Sul é um deles e a decisão da Comunidade em o aceitar mantém-se.

CIP: isso é com o Governo português

A propósito da recente tomada de posição da Confederação da Indústria Portuguesa (CIP) contra a adesão à CEE, nas condições que têm vindo a surgir das negociações em curso, Gaston Thorn declarou novamente que não foi a Comunidade que pediu para aderir a Portugal. Nós não pedimos a ninguém que se junte

a nós, disse, nós desejamos de facto a vossa entrada na Comunidade, que não é um clube «snob», porque pensamos que os desafios modernos se enfrentam melhor em conjunto do que isoladamente. Mas se a CIP toma essa posição nós não temos nada a ver com isso.

É um problema entre os industriais portugueses e o Governo português. É ao Governo português, às forças vivas do vosso País que compete decidir se querem ou não a adesão, acrescentou.

No que toca à posição do Governo português não hesitou em afirmar que constatou em Lisboa uma grande vontade de negociar a fundo. Do lado da Comunidade, essa vontade existe igualmente, sublinhou. Mas ainda a propósito da CIP, Thorn disse que a sua atitude era normal uma vez que quando se está longe da porta, quer-se vivamente entrar e diz-se que não nos deixam. Quando se está mesmo à porta, também é normal que surjam receios, concluiu.

Em relação ao saldo entre aquilo que Portugal pagará à CEE e aquilo que dela receberá, o presidente da Comissão manifestou a sua opinião pessoal de que ele será provavelmente favorável a Portugal. Salientou contudo que não é possível saber-lo exactamente antes de estarmos lá dentro.

Gaston Thorn partirá de Lisboa amanhã de manhã.

JAC

Inflação em Fevereiro: 21,6

O índice de preços ao consumidor acusava, em finais de Fevereiro, um aumento de 21,6 em função dos últimos doze meses e 25,6 relativamente a um idêntico mês do ano passado, segundo informação do Instituto Nacional de Estatística.

Aquele índice inflacionário de 21,6 em Fevereiro deve-se, principalmente, à subida de preços no sector de alimentação e bebidas (22,5). O «vestuário e calçado» subiu 19,2, as despesas de habitação 19,9 e a rubrica «diversos» 21,1.

• • •

CONTRATO PETROGAL-ELF — A Petrogal vai fabricar óleos da gama ELF (principal empresa petrolífera francesa) com os quais abastecerá os seus clientes armadores de comércio e de pescas em função de um contrato assinado ontem, pelas duas companhias.

Segundo esse contrato, certos óleos e lubrificantes ELF serão comercializados e fornecidos à Marinha, em Portugal,

pela Petrogal.

O contrato prevê a extensão da actividade abastecedora da Petrogal, às Repúblicas de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, e permitirá reforçar a posição da empresa como fornecedora maioritária dos principais armadores portugueses de comércio e de pescas, para além de contribuir para o desenvolvimento das vendas, nos portos portugueses, aos navios estrangeiros clientes da Lub Marine. O contrato prevê, ainda, acções de cooperação entre a ELF e a Petrogal no domínio da tecnologia de produtos e da formação de quadros de pessoal.

• • •

A PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE MÁQUINAS INDUSTRIAIS foi objecto de um colóquio ontem organizado na Filitécnica pelo Banco Pinto & Sotto Mayor e em que participaram mais de cem industriais dos mais representativos do sector.

O colóquio acentuou a im-

portância para a economia portuguesa da produção de maquinaria industrial bem como a gama de apoios bancários ao dispor dos industriais, com vista ao incremento da exportação.

Foi sublinhado que virão a ser crescentes as dificuldades de penetração das exportações tradicionais portuguesas no mercado mundial, o que inculca a necessidade da produção de maquinaria industrial em particular de máquinas de tecnologia intermédia, que oferecem possibilidades de exportação mais estáveis. É o caso das máquinas-ferramentas, algumas máquinas agrícolas e para a indústria de madeira, máquinas de elevação e motores térmicos.

• • •

O CONSUMO DE CIMENTO continua a aumentar, sendo o actual ritmo de aumento mensal, na ordem dos 5 a 6 por cento, informa a CIMPOR.

«Para dar uma ideia da pressão do mercado, posso afirmar

que em Março o consumo de cimento em Portugal, foi o maior de sempre» — afirmou o responsável pelo sector de comercialização da empresa.

A manter-se a procura actual, o consumo do cimento, que subiu 5,9 por cento em 1981, vai continuar a crescer este ano a um ritmo idêntico, apesar das medidas restritivas tomadas quanto ao crédito para aquisição de casa própria e do relativo afrouxamento de afluxo das reservas de emigrantes, em boa parte canalizadas para a compra de habitações.

X

DOIS MILHÕES PARA ELECTRICIDADE — A Empresa Pública de Electricidade dos Açores (EDA) vai investir nos próximos três anos cerca de dois milhões de contos na melhoria da rede de distribuição de energia indica o contrato-programa publicado no jornal oficial de ontem.

Ao abrigo do contrato-programa, assinado entre o Exe-

cutivo açoriano e a administração da empresa, a EDA está autorizada a contrair empréstimos no montante de 1240 milhões de escudos destinados a financiar empreendimentos com vista ao aumento da capacidade da sua produção energética.

O Governo Regional dos Açores compromete-se, por outro lado, a conceder até 1984 subsídios no valor de 1630 milhões de escudos, dos quais 960 milhões se destinam a gastos de exploração.

• • •

PESCAR EM ESPANHA — Todos os barcos de pesca estrangeiros que entrem em portos espanhóis terão que justificar as respectivas capturas, informaram fontes da Subsecretaria de Pesca de Espanha.

Esta justificação far-se-á mediante a apresentação da licença de pesca emitida pelas autoridades espanholas ou a entrega do livro de pesca do caderno de bitácula (livro de sonho).

Cabora Bassa em pleno só em 85

A energia de Cahora Bassa passará a abastecer grande parte do Centro e Norte de Moçambique quando, em meados de 1985, estiver concluído o projecto em curso — indicaram fontes oficiais em Maputo.

O início da exploração da linha Centro-Norte, que serve de designação ao projecto, permitirá também que Moçambique passe a consumir directamente cerca de 20 por cento da produção da barragem, com uma taxa de crescimento anual de 10 por cento.

A construção da linha Centro-Norte, cuja primeira fase estará concluída em Dezembro deste ano quando a energia chegar a Mocuba, na Zambézia, destina-se essencialmente a abastecer uma série de planos de desenvolvimento económico e industrial, agrícola e mineiro.

Entre esses centros contam-se o Caia (indústria pesada), Luabo e Marromeu (açucareiras) e Moatize (minérios); mas o projecto visa também abastecer de energia centros urbanos como Nampula, Quelimane e Pemba, actualmente dependentes de antiquadas centrais a diesel.

ÁDOQUE HOJE
Teatro

TELEF 87 44 76

HORÁRIO:
2.^{as}, 3.^{as} e 5.^{as}: 21.30 h.
6.^{as} e Sáb.: 20.30 e 23.00 h.
Domingo: 16.00 e 21.30 h.
Folga: 4.^a-feira.



ANTÓNIO FEIO



HENRIQUE VIANA



DELFINA CRUZ

VIEIRA DE ALMEIDA • CARLOS GUIA
PAULA OLIVEIRA

A ÚLTIMA REVISTA
NO MARTIM MONIZ



Tá entregue à Licharada



MACDA CARDOSO



ANTÓNIO MONTEZ

AS JOVENS DO ÁDOQUE!

ÊXITO ESPECTACULAR!
UMA REVISTA
INESQUECIVEL



CREMILDA GIL



MARIA VIEIRA

CT (suspensa) da Eurofil acusa lista B de compadrio com a administração

A Comissão de Trabalhadores da Eurofil, que se encontra suspensa devido ao parecer favorável da Procuradoria da República que impugnou as eleições ali realizadas em Janeiro do corrente ano, afirma em comunicado que, apesar de aquela instituição «não ter tido em conta os argumentos» por si aduzidos e a «especial situação da empresa, o acto eleitoral de 21/1/82 decorreu nos termos estatutários».

A mesma CT afirma não contestar o princípio de representação proporcional e de-

clara acatar «a decisão que os tribunais vierem a tomar relativamente ao critério da máxima representatividade escolhida em 1979 pelos trabalhadores da Eurofil».

Os elementos da lista A, unitária, que foram eleitos pela grande maioria dos trabalhadores da Eurofil, «repudiaram o papel» independente «que o SITESE (UGT) está a desempenhar neste processo assumindo a defesa de corpo inteiro, de uma das partes» e acusam os «cabeças» da lista B (UGT) de manterem «boas

relações» com um «conselho de administração hostil aos trabalhadores e à CT».

A propósito das preocupações que a lista A tem manifestado pela situação do vazio criada devido à inexistência da comissão de trabalhadores numa empresa com uma situação económica extremamente difícil e com o «fantasma dos despedimentos e do encerramento desde 1974», aqueles elementos afirmam que tais preocupações têm tanto mais razão de ser por terem sido os «mento-

res da lista B a avisar a administração da decisão do procurador e a alertá-la do uso das instalações pela CT». De acordo com a mesma fonte, são também os apoiantes (quadros) da lista B «que estão a ser promovidos dois degraus na escala hierárquica no regresso ao compadrio na empresa».

De recordar que desde 1977 têm sido listas unitárias a vencer as eleições para a CT da Eurofil, não se tendo registado até agora a apresentação de listas alternativas.

Comissão sindical do ICEP contra «lei dos excedentários»

A comissão sindical do Instituto do Comércio Externo de Portugal (ICEP) protestou pelo facto do diploma que cria o organismo prever a eventual aplicação de legislação sobre excedentes a funcionários seus.

A comissão sindical afirma ser estranho que o diploma que cria o ICEP, em substituição do Fundo do Fomento de Exportação (FFE), refira a possibilidade de funcionários do Fundo poderem vir a ser colocados no quadro de excedentes, figura jurídica já anunciada publicamente pelo Executivo, mas que ainda não foi aprovada.

Raul Baptista Nunes, vice-presidente do ICEP, disse que o diploma prevê a «aplicação da legislação de excedentes» logo que termine o período de transição, seis meses, mas que essa medida será sempre a última a utilizar na racionalização dos quadros do novo Instituto.

Os trabalhadores do ex-FFE reuniram-se ontem em assembleia geral e mandaram a comissão sindical para defender os seus direitos, nomeadamente ao trabalho e apoiaram a greve nacional da Função Pública a realizar a 23, convocada pela «Frente Comum» (CGTP).

MAI recua no caso das Loças de Sacavém

Na audiência que ontem concedeu aos dirigentes da União dos Sindicatos de Lisboa (USL) e que se destinava a debater a situação na Fábrica de Loças de Sacavém, o ministro da Administração Interna, Ângelo Correia, numa tentativa de rodear a questão de fundo, que era a das ocupações ilegais da empresa, afirmou que as ilegalidades cometidas visavam evitar conflitos físicos entre trabalhadores.

Recorde-se que a intervenção da GNR foi requisitada pelo MAI, a pedido do administrador Monteiro Pereira, que pretendia assim retomar as suas funções, depois de ter sido impedido pelos trabalhadores de regressar à empresa. Este administrador, conforme oportunamente noticiámos, é acusado de «gestão ruinosa» e de ter desencadeado na empresa todo um processo de repressão que conduziu à instauração de 75 processos disciplinares e ao despedimento de cinco trabajado-

res, quatro dos quais dirigentes sindicais.

No encontro com o titular do MAI, os dirigentes sindicais do USL reafirmaram a decisão dos trabalhadores, de se manterem em laboração; exigiram a demissão de Monteiro Pereira, para salvaguardar os postos de trabalho; e paralisar no caso de a GNR voltar a ocupar a empresa para permitir a entrada ao administrador acusado de arruinar a empresa.

Por seu turno, Ângelo Correia, de acordo com os dirigentes sindicais, sugeriu que tratassem do problema da Fábrica de Loças de Sacavém junto dos Ministérios do Trabalho e da Finanças, e que o informassem do resultado dessas iniciativas.

Para os dirigentes sindicais, a posição do MAI constitui «um recuo em toda a linha», o que não altera no entanto o seu carácter repressivo e a política da AD, virada contra os trabalhadores.

Conflito no porto de Leixões está a causar elevados prejuízos

Cerca de 30 navios que se propunham descarregar no porto de Leixões foram até ontem desviados para outros portos, em consequência do conflito laboral entre os sindicatos de trabalhadores de terra e os sindicatos de trabalhadores de bordo. Esta situação arrasta-se há cerca de duas semanas e provocou uma paralisação no porto, não se prevendo de momento, quando e como será desbloqueada.

De momento apenas quatro navios estão atracados no porto de Leixões, um carregado de açúcar, outro com sucata, o terceiro com trigo e o último com carga geral.

O porto de Vigo para onde foram desviados a maior parte dos navios, apresenta-se congestionado pelo que ultimamente os barcos que demandam o porto de Leixões estão a ser desviados para os portos de Aveiro, Viana do Castelo, Lisboa e Setúbal.

O director do serviço de exploração do porto de Leixões, An-

tónio Graça, sublinhou que, designadamente, seguiu para Vigo um navio com 20 mil toneladas de milho. Esta carga será transportada em camiões para Portugal, com pesados encargos, acrescentou a mesma fonte.

Os barcos não são descarregados no porto de Leixões, devido a desentendimentos entre carregadores e lingadores, por um lado, e entre os estivadores por outro. Os estivadores estão dispostos a retirar os produtos dos porões, mas os lingadores e os carregadores recusam-se a trabalhar em coordenação com aqueles.

Os estivadores retiram as mercadorias dos porões dos navios mas não podem movimentá-las em terra, tarefa que depende dos lingadores e carregadores.

O conflito entre os sindicatos que representam estes trabalhadores teve origem na entrada em vigor no princípio deste mês, da legislação que criou o Centro Coordenador de Trabalho Portuário de Leixões. Esta entidade

passou assim a ser a única orientadora da distribuição do trabalho de cargas e descargas.

O Sindicato dos Estivadores manifesta-se contra esta medida e pretende manter a prerrogativa de dispor do pessoal da estiva.

Por outro lado, alguns agentes de navegação não querem interferências alheias nas contratações para serviços de carga e descargas.

A UGT e a luta dos maquinistas

O Secretariado Nacional da UGT verbera, em comunicado, a «falta de capacidade de negociação demonstrada pelas partes» envolvidas no conflito que opõe os maquinistas ao conselho de gerência da CP, mas responsabiliza aquele CG que, «além do mais, em comunicados públicos, manipulou números, de forma reprovável, esquecendo-se das suas responsabilidades na má gestão da empresa e no facto dos maquinistas se-

rem, senão a única, uma das únicas categorias profissionais da CP sem um regulamento de carreiras».

Apesar de o Sindicato dos Maquinistas não ser filiado na UGT, o Secretariado Nacional daquela organização sindical afirma «não poder ficar indiferente perante a ameaça da reabertura de um conflito» que tantos prejuízos tem causado aos utentes e ao País. No mesmo documento o Governo é também responsabilizado pelo arrastar da presente situação e exige-se deste a decisão de demitir o actual CG da CP por um outro «que tenha efectiva capacidade de diálogo e não de confrontação».

Marconi

Conciliação começa esta tarde e greve termina às 24 horas

Os representantes dos trabalhadores da Marconi reuniram-se cerca das 15 horas, no Ministério do Trabalho, com a administração da empresa, a fim de dar início ao processo de conciliação.

Entretanto termina às 24 horas a greve de quatro dias que os trabalhadores têm estado a cumprir e cuja adesão, de acordo com uma fonte sindical, anda próxima dos 100 por cento, assegurando os grevistas apenas os serviços considerados de urgência ou «salvação de vida humana».

A greve foi desencadeada como forma de pressionar a administração a conceder aumentos salariais de 24 por cento, garantindo a anualidade das tabelas e concluir as negociações de várias outras cláusulas de expressão pecuniária, no âmbito da revisão do acordo de empresa.

O Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações, que decretou a paralisação, é afecto à CGTP.

A actual tabela salarial está em vigor há cerca de 14 meses.

Hotelaria

A Federação dos Sindicatos da Indústria Hoteleira e Turismo de Portugal afirma, em comunicado, que os trabalhadores não aceitam os 21 por cento de au-

mentos a partir de Janeiro, que o patronato do Centro e Norte e o Ministério do Trabalho acordaram, com a convicção do sindicato paralelo do sector. O documento diz igualmente que os trabalhadores estão dispostos a lutar no sentido de obterem a satisfação das suas reivindicações, tanto mais que os preços de cafetaria sofreram aumentos de 35 por cento, determinados pelo Governo. Os dirigentes da federação reúnem-se hoje com o patronato da indústria hoteleira do Norte e Centro, para prosseguimento das negociações.

Seguradoras estrangeiras

Os trabalhadores de seguros do sector misto estrangeiro e corretores encetarão novas paralisações parciais nos próximos dias 19 e 20 e uma total a 26, reivindicando contratação colectiva única para o sector, segundo anunciou uma fonte sindical. O STSS afirma que aqueles trabalhadores, que representam 25 por cento do total, se opõem à pretensão da Associação de Seguradoras Estrangeiras em Portugal (ASEP) de celebrar contrato paralelo às seguradoras nacionalizadas. Membros do Conselho Geral dos Sindicatos do Sul e Ilhas afirmaram que,

embora as diferenças de clausulado entre as duas contratações se refiram essencialmente às regalias sociais, «a gravidade consiste no princípio, em termos de negociações futuras, quando se está a fomentar pela primeira vez a divisão entre os sectores».

Petrogal

Na sequência do diferendo que opõe os trabalhadores da Petrogal ao conselho de gerência e que se relaciona com a suspensão de sete trabalhadores, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria Química e Farmacêutica e os sindicatos nela federados poderão convocar novas formas de luta naquela empresa. A suspensão, que já originou uma paralisação dos trabalhadores da Petrogal, que laboram no Rosarinho - Moita e a concentração de todo o pessoal em frente à sede da empresa em Lisboa, no dia 13, foi ordenada na sequência da greve geral de 12 de Fevereiro. Os trabalhadores da Petrogal, que estão dispostos a levar a sua luta, com vista ao levantamento das suspensões, até às últimas consequências, responsabilizam por tal facto o conselho de gerência, já que este «se recusa a toda a espécie de diálogo para se encontrarem soluções para o conflito».



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

COMEMORAÇÕES DE ABRIL



TORNEIO ABERTO NO PAVILHÃO DO ATLÉTICO C. MOSCAVIDE dia 18 com início às 9 h

DESTINADO AOS SEGUINTE ESCALÕES:

- A — misto filiados-não federados até 14 anos
- B — feminino não federados com mais de 14 anos
- C — masculino " " " " " "

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 15 ABRIL NOS SEGUINTE LOCAIS

CÂMARA MUNICIPAL LOURES — PELOURO DA CULTURA

ATLÉTICO C. MOSCAVIDE — R. ANTÓNIO P. DE CARVALHO, N.º 5

GRUPO RECREATIVO DO B.ª BELA VISTA — R. S. FRANCISCO XAVIER, N.º 16-LOJA • ST.ª MARIA AZOIA

NUMEROSOS PRÉMIOS INDIVIDUAIS E POR EQUIPAS

Espanha

Libertado um dos réus do "23 F"

Um dos 33 réus, acusados de participação no golpe falhado de 23 de Fevereiro de 1981, o capitão da Guarda Civil, Francisco Ignacio Roman, foi posto em liberdade ontem à tarde, por decisão do conselho de guerra, soube-se de fonte segura.

O tribunal militar que está a julgar este caso desde 19 de Fevereiro, na sede dos serviços cartográficos do exército espanhol, perto de Madrid, decidiu colocar em liberdade provisória esse oficial por já ter cumprido dois terços da pena pedida contra ele

pelo procurador.

Este último, pediu uma pena de ano e meio de prisão a mais ligeira de todas, tendo em conta a brevidade do papel desempenhado pelo réu na ocupação das cortes (parlamento) pelos 288 guardas civis às ordens do tenente-coronel António Tejero.

Ao que parece, o capitão Roman juntou-se aos atacantes sem saber nem por que motivo nem para onde ia. Mal chegou ao local de delito, foi preso por ordem do director-geral da Guarda Civil, general José Aramburu.

Condenações à morte na Turquia

Um procurador militar turco exigiu a pena de morte para 73 militantes de esquerda que ontem foram a julgamento, e a Assembleia Consultiva deu o seu aval para a execução de quatro condenados, anunciaram funcionários.

Num julgamento na cidade de Asmara, no Norte da Turquia, os 687 alegados membros do Partido de Salvação Popular turco enfrentam acusações de actividades terroristas antes e após o

golpe de Estado militar de Setembro de 1980.

O procurador exigiu penas de morte para 73 dos acusados. O julgamento foi adiado após a leitura do libelo acusatório, de 532 páginas.

Em Ancara, a comissão de justiça da Assembleia Consultiva ratificou as penas de morte aprovadas por tribunais militares contra quatro militantes de esquerda, acusados da morte de três pessoas, em 1981.

Suicidou-se ex-ministro francês

Louis de Guiringaud, antigo ministro francês dos Negócios Estrangeiros, foi hoje encontrado morto na sua casa de campo, com ferimentos de balas, anunciou a Rádio francesa.

A emissora, sem citar fontes, descreveu a morte como um suicídio, não se conhecendo de imediato outros pormenores.

Guiringaud de 71 anos, chefiou o Ministério francês dos Negócios Estrangeiros, de Agosto de 1976 a Novembro de 1978, sob a presidência do então presidente Giscard d'Estaing.

Diplomata de carreira, com larga experiência em assuntos do Terceiro Mundo, foi um dos primeiros impulsores do que se tornou conhecido como o diálogo Norte-Sul entre as na-

ções ricas e pobres.

Desempenhou um importante papel na preparação da primeira conferência Norte-Sul, em Paris, que procurou planejar uma partilha mais equilibrada das riquezas mundiais.

Nascido em 12 de Outubro de 1911, em Limoges, entrou para o Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1938 e, durante a Segunda Guerra Mundial, aderiu à resistência à ocupação nazi, antes de fugir do país para se juntar às forças francesas livres.

Demitiu-se do Ministério dos Negócios Estrangeiros após ter sido criticado, generalizada-mente, pelas suas afirmações contra a posição assumida por grupos de milícias cristãs do Líbano.

Retirada do Sinai no dia 25?

Egipto está confiante Israel não diz que não

«Penso que a retirada israelita do Sinai terá lugar em 25 de Abril como previsto e como garantiram o primeiro-ministro israelita Menahem Begin e o presidente americano, Ronald Reagan», declarou Kamal Hassan Ali, ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, no final de uma reunião entre o presidente egípcio Hosni Mubarak, e o ministro israelita da Defesa, Ariel Sharon.

O ministro egípcio, que participou no encontro, indicou que todas as questões levantadas por Israel nestes últimos dias foram discutidas. «Respondemos ponto por ponto a tudo o que foi apresentado pela parte israelita», acrescentou, precisando que havia ainda questões em suspenso.

A respeito do diferendo egípcio - israelita quanto ao tracado das fronteiras em Tabah (golfo de Akaba), Ali indicou que o problema não estava ainda resolvido.

O chefe da diplomacia egípcia disse que outras questões continuavam ainda em suspenso e serão alvo de discussões, nomeadamente a questão da instalação da força multinacional e de observadores

(FMO) do Sinai. «Estou certo de que conseguiremos chegar a acordo relativamente a todos os pormenores», acrescentou Ali, que se declarou convencido de que as duas partes estavam decididas a pôr em prática com boa vontade, o tratado de paz.

Sharon, pelo seu lado indicou que tinha discutido «todos os problemas e que apresentará um relatório ao regressar a Israel, ao primeiro-ministro, Begin. O ministro israelita recusou-se a qualquer outra declaração ou comentário.

Anunciou, porém, causando alguma surpresa, que o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros viajaria para Israel no domingo, a fim de continuar a debate sobre o problema do tracado da futura fronteira.

Entretanto, líderes israelitas entregaram ao sub-secretário norte-americano de Estado, Walter Stoessel uma lista de alegadas violações pelo Egipto do tratado de Camp David.

A lista cobre três assuntos: tom crescentemente hostil de declarações egípcias, passagem de armas do Egipto para a faixa de Gaza, e queixas de que o Cairo estacionou um

número de tropas superior ao aprovado na parte leste do canal de Suez.

Cessar-fogo em Beirute

Um cessar-fogo entrou hoje em vigor no Líbano, depois dos dois dias entre milícias libanesas pró-iranianas e pró-iraquianas, que provocaram 27 mortos e 89 feridos.

Testemunhas declararam que as zonas, de influência chiita, no sul do Líbano, se encontravam «relativamente calmas, após uma noite de bombardeamentos com artilharia pesada e granadas, para além de confrontos de rua».

O aeroporto de Beirute foi reaberto ao tráfego normal, tendo entrado vários aviões chegados da Europa e do Médio Oriente. O aeroporto tinha sido fechado quarta-feira à noite, depois de terem rebentado granadas à volta do terminal. Os funcionários fugiram e os aviões levantaram voo a toda a velocidade acrescentou o porta-voz.

Milhares de famílias passaram a noite amontoadas em abrigos, nos arredores da capi-

tal libanesa, onde centenas de automóveis foram destruídos.

Apelo da OLP a cimeira islâmica

O comité executivo da Organização de Libertação da Palestina (CEOLP) lançou um apelo para a realização de uma reunião extraordinária da Organização da Conferência Islâmica (com sede em Djeddah), ao nível mais elevado, para examinar a situação nos territórios ocupados, refere a agência palestina Wafa.

No final de uma reunião presidida por Yasser Arafat, o CEOLP, a mais alta instância executiva palestina, decidiu realizar uma «grande campanha política ao nível internacional para denunciar a agressão sionista contra a mesquita de Al Aqsa» (em Jerusalém, no domingo passado).

O CEOLP «convida, por outro lado, os países de todo o mundo, e as instituições internacionais e religiosas a adoptarem uma posição clara em relação aos crimes racistas cometidos por Israel contra os palestinos».

Segundo jornal de Varsóvia

Prosseguem contactos Governo-«Solidariedade»

A central sindical «Solidariedade» participa em conversações com o Partido Operário Unificado Polaco (POUP) sobre a reactivação dos sindicatos na Polónia, anunciou ontem um jornal governamental de Varsóvia.

O «Sztandar Młodych», órgão da juventude comunista, confirmou oficialmente que dirigentes dos três maiores movimentos sindicais do país, incluindo representantes não identificados

do «Solidariedade» estão a debater o renascimento dos sindicatos com especialistas do POUP.

A notícia, sobre uma reunião recente, não refere a posição adoptada pelo «Solidariedade», mas relata que os sindicatos de «ramo» e os sindicatos autónomos defenderam a continuação do movimento sindical, mas rejeitaram a interferência sindical anti-socialista na política.

O «Sztandar Młodych» adianta que, à excepção de um, todos os outros participantes condenaram a dissolução das três organizações, hipótese levantada por um artigo no jornal governamental «Zycie Warszawy».

Jan Trynkowsky, do sindicato dos professores, não filiado em qualquer dos três grandes grupos, mas simpatizante do «Solidariedade», teria declarado que todas as ideias no sentido do desmembramento dos sindicatos não conseguiriam vingar.

Fontes oficiais afirmaram que reuniões informais semelhantes, entre representantes do governo e do «Solidariedade», realizam-

-se há cerca de dois meses. Porém, nunca foram revelados os nomes dos elementos da organização dirigida por Lech Walesa que têm participado em tais sessões.

Um líder do «Solidariedade» na província de Varsóvia, Zbigniew Bujak, na clandestinidade desde que a lei marcial foi declarada, em 13 de Dezembro, advertiu os sindicalistas de que as autoridades poderão tentar dissolver os sindicatos, o que foi desmentido pelo departamento do governo encarregado das relações com o movimento sindical.

Amanhã, com o Quebec ausente

Isabel II proclama Constituição do Canadá

A rainha Isabel II de Inglaterra chegou ontem a Otava para uma visita de quatro dias, durante a qual proclamará a primeira Constituição inteiramente canadiana, 51 anos após esta nação se tornar independente de Londres. A cerimónia terá lugar amanhã. Contudo, o líder separatista do Quebec - província de expressão maioritariamente francesa - René Levesque, tenciona boicotar a cerimónia.

A rainha britânica, chefe de Estado tanto da Grã-Bretanha como do Canadá, proclamará uma Constituição incluindo reformas adoptadas em 1981 pelos líderes de nove províncias e pelo primeiro-ministro, Pierre Trudeau, para quem o acordo foi uma vitória bem difícil de obter.

A segunda maior província canadiana, o Quebec, considera (no ponto de vista do seu primeiro-ministro, René Leves-

que) que as reformas incluídas na Constituição reduzem os poderes do Quebec e recusa-se a participar na cerimónia no Parlamento de Otava.

Pelo contrário, Levesque deverá participar numa marcha de protesto nessa altura em Montreal, a 200 quilómetros de distância.

A proclamação real cortará os últimos laços legais entre a Grã-Bretanha e o Canadá, mas não alterará o seu tipo parlamentar, copiado do britânico, nem retirará à rainha o título de chefe de Estado canadiano.

A cerimónia tem importância simbólica, põdo fim ao anacronismo que era a Constituição canadiana em vigor desde 1867, com a declaração da Lei Britânica da América do Norte (BNA), e que se manteve em vigor mesmo depois da independência, em 1931.




A MLI — METALÚRGICA LUSO-ITALIANA, S.A.R.L. tem o gosto de comunicar aos seus Agentes Distribuidores e Armazenistas de material metálico sanitário «ZENITE» (torneiras, misturadoras, acessórios), aos Exmos. Arquitectos, Engenheiros, empresas de construção civil e mercado em geral, de que foi nomeada representante exclusiva para Portugal Continental, Macau e Arquipélagos da Madeira e Açores pela firma GEORG ROST & SOHNE, Armaturenfabrik de todos os seus artigos DAL, de reputação bem conhecida no mercado, nomeadamente no que respeita a fluxómetros, autoclismos e comandos temporizados.



METALÚRGICA LUSO-ITALIANA, S.A.R.L.

Av. Marechal Gomes da Costa, 15 - 1899 LISBOA CODEX PORTUGAL

Telex PPCA 85 15 41/5 - Telex 16650 MELUIT

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Novo acordo militar entre a RFA e os EUA

Os Estados Unidos e a Alemanha Federal assinaram ontem um acordo que prevê o envio de mais de 200 mil reforços militares norte-americanos para a RFA em tempo de crise.

O acordo foi assinado pelo ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher e pelo embaixador Arthur Burns.

O acordo prevê o envio de mais de 200 mil soldados norte-americanos para reforço dos 260 mil já estacionados na Alemanha Federal, em tempo de crise ou guerra.

Referindo-se ao acordo, Genscher comentou que «a co-opeção e amizade germano-americana mantém-se desde os dias em que os Estados Unidos ajudaram à reconstrução do seu antigo inimigo, durante o Plano Marshall, e que sempre os Estados Unidos defenderam sem hesitação a liberdade de Berlim».

Genscher disse que concorda com o ponto de vista do secretário norte-americano de Estado, Alexander Haig, de que a dou-

trina da resposta aliada flexível, incluindo a opção de um ataque nuclear tem sido a razão da preservação da paz, desde a fundação da NATO.

Nos termos do acordo, a Alemanha Federal treinará e equipará 93 mil reservistas para apoiar os seus 495 mil soldados e dará apoio logístico às forças norte-americanas.

O acordo, conhecido por acordo de apoio à nação hospedeira, implica que a RFA pagará cerca de 265 milhões de dólares do custo total de 570 milhões, ficando os restantes a cargo dos EUA.

No total, há actualmente 375 mil soldados norte-americanos na Europa. Os 93 mil reservistas alemães federais garantirão apoio logístico, transporte, fornecimentos, reparação de bases aéreas e segurança das instalações norte-americanas.

Segundo o embaixador Burns, o acordo permite «a redução das necessidades estratégicas de ponte aérea dos Estados Unidos e fará desse modo que haja mais tropas de combate disponíveis em caso de emergência».

O secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig, chegou às 1h25m tmG de hoje a Buenos Aires, no quadro de mais uma ronda da missão de «bons ofícios» que efectua entre a Argentina e a Grã-Bretanha. A chegada ao aeroporto da capital, Haig sublinhou que estava ali a convite da Argentina e reafirmou que o «Governo argentino assim como o do Reino Unido asseguraram à Casa Branca que desejavam que os Estados Unidos prosseguissem os seus esforços para encontrar uma solução pacífica para o conflito».

Escalada militar ou negociação?

A visita do chefe da diplomacia norte-americana à capital argentina, ocorre no preciso momento em que, segundo alguns

Haig já está em Buenos Aires

Ganha credibilidade fórmula tripartida para as Malvinas

observadores, várias unidades da esquadra argentina zarparam do porto de Bahia Blanca para o arquipélago. No entanto, em Londres, fontes do ministério da Defesa afirmam duvidar que Buenos Aires tenha decidido violar a zona de guerra declarada pelo Governo britânico. «Nenhum navio de guerra argentino importante penetrou na zona de exclusão», precisaram essas fontes que, assim, minimizaram a importância da violação da área das 200 milhas considerada zona de guerra, pelas vedetas que, terça-feira, atingiram as Malvinas. Enquanto isto, vários países da região manifestam a sua intenção de não favorecer uma escalada militar. Assim, fontes oficiais do Governo brasileiro avisaram os voluntários que estão a ingressar nas tropas argentinas, com vista a uma possível guerra com os ingleses, que podem perder a cidadania. Por outro lado, e segundo a imprensa de ontem do Rio de Janeiro, a Argentina teria pedido ao Brasil autorização para o fornecimento de armas e equipamento militar. Contudo, funcionários governamentais dos dois países afirmaram desconhecer qualquer negociação nesse sentido. A mesma atitude tomou o ministro brasileiro dos Negócios Estrangeiros.

Posição mais esclarecedora foi a da Bolívia. Segundo o Ministério dos Negócios Estrangeiros de La Paz, o Governo nunca se dispôs a dar ajuda militar ou logística à Argentina na crise das Malvinas. Esta afirmação desmente a do ministro da aviação boliviano, general Natalio Morales, que antes tinha oferecido aviões de combate à Argentina caso este país fosse atacado pela Grã-Bretanha.

No lado britânico, a primeira-ministra, sr.^a Margaret Thatcher, esteve ontem de manhã reunida durante duas horas com o comando militar do Ministério da Defesa para analisar a situação. Thatcher, e os seus ministros dos Negócios Estrangeiros, Francis Pym, da Defesa, John Nott, e do Interior, William Whitelaw, foram informados dos detalhes das operações militares no Atlântico Sul. Por outro lado, o ministro sul-africano dos Negó-

cios Estrangeiros, Roelof Botha, terá confirmado que Pretória põs a sua base naval de Simonstown à disposição da armada britânica. A informação foi ontem veiculada pelo jornal «Noticias» do Maputo que considera que «o facto de garantir a base sul-africana à Grã-Bretanha, evidencia que as potências ocidentais estão a desenvolver planos de tornar Simonstown num porto forte da NATO no Atlântico Sul».

No entanto, a missão de Haig a Buenos Aires parece indicar que a contagem de espingardas não será levada até às últimas consequências.

Argentinos acreditam em Alexander Haig

O ministro dos Negócios Estrangeiros argentino, Costa Mendez, disse ontem perante as câmaras da televisão do seu país, estar confiante de que Haig, «não trará as mãos vazias». «Haig traz algo de novo, porque se assim não fosse não o teríamos convidado para esta visita», acrescentou. Sobre a disputa que opõe o seu país à Grã-Bretanha, Costa Mendez reafirmou a exigência argentina de uma solução justa que respeite a sua soberania sobre o arquipélago. «Se os ingleses querem um lugar para abastecer os seus barcos — concluiu — poderão tê-lo e poderemos também dar-lhes uma participação na exploração económica do arquipélago».

Esta posição do ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo de Buenos Aires, notam os observadores, é mais flexível que as anteriores declarações de responsáveis argentinos.

Aliás, na sua edição de ontem o jornal «Clarín», próximo do Governo, considerava ainda como possível uma forma de administração conjunta do arquipélago pela Argentina, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Recordar-se que essa proposta apresentada telefonicamente por Haig ao presidente Galtieri, tinha recebido o apoio da Grã-Bretanha e a recusa de Buenos Aires. As fontes citadas pelo «Clarín» sugeriram que a fórmula, prevendo um conselho administrativo com-

posto pela Grã-Bretanha e Estados Unidos, com um governador argentino, poderia ser agora aceitável, permitindo o reconhecimento internacional da soberania argentina sobre as ilhas, e uma saída honrosa para o Governo de Londres.

Moscovo e «New York Times» criticam Haig

Uma solução tripartida é considerada pela agência TASS como uma manobra neocolonialista mal camuflada pelos Estados Unidos. «A proposta de Haig, acusa a agência soviética em comentário datado de ontem e divulgado em Moscovo, procura, alcançar objectivos políticos e estratégicos egoístas».

Por outro lado, o «New York Times» na sua edição de ontem aconselhava o secretário de Estado, Alexander Haig, a ficar em casa em vez de interferir no conflito. Em editorial, o jornal americano considerava que a mediação era uma «frenética operação transatlântica que está a provocar denúncias e interferências». Referindo-se a duas facetas da crise das Malvinas, a sobrevivência do Governo conservador britânico e a da junta militar de Buenos Aires, o «New York Times» acentua que esses não são os problemas mais graves, e que Haig actua como se houvesse um holocausto iminente.

Sanções venezuelanas à Grã-Bretanha?

Segundo a imprensa de Caracas, o Governo venezuelano estaria a estudar a possibilidade de aplicar sanções económicas contra Londres por solidariedade contra a Argentina. Segundo «El Diario» de Caracas, estão a ser estudadas medidas que poderão afectar designadamente a compra de 24 aviões «Hawk» à Grã-Bretanha.

Na sua viagem para a Argentina Alexander Haig fez uma breve escala em Caracas onde contactou funcionários governamentais que lhe terão exposto a posição do seu país.

Nicarágua responde aos EUA com plano de conciliação

A Nicarágua propôs aos Estados Unidos um plano de conciliação em 13 pontos como base de discussão, tendo em consideração o plano de oito pontos avançado por Washington, segundo dois diários nicaraguenses publicados ontem.

O «Barricada», órgão oficial da «Frente Sandinista», e «El Nuevo Diario» precisam que essa proposta não constitui uma rejeição às análises contidas no documento americano.

Manágua não tem objecções em discutir os oito pontos dos americanos, mas pede aos Estados Unidos que examinem o seu próprio documento em 13 pontos para garantir os interesses nicaraguenses, afirma o «Barricada».

O plano de Manágua foi apresentado em Washington pelo embaixador da Nicarágua, Francisco Fiallos, ao subsecretário americano para os assuntos latino-americanos, Thomas Enders.

Expondo os 13 pontos ao seu interlocutor, Francisco Fiallos declarou que «nem a Nicarágua, nem qualquer país centro-americano ou das Caraíbas podiam ser considerados como parte das fronteiras estratégicas dos Estados Unidos».

Pelo contrário, Francisco Fiallos rejeitou as «pretensões» de Washington em «impor restrições humilhantes às prerrogativas da Nicarágua ligadas à sua defesa nacional».

O plano americano prevê o

reinício da ajuda económica à Nicarágua, se este país se empenhar em não armar a guerrilha salvadorenha e em reduzir o equipamento das forças armadas sandinistas.

Manágua pede ainda a Washington para pôr termo a qualquer actividade hostil à Nicarágua no território dos Estados Unidos, nas Honduras ou nas águas da América Central.

Os Estados Unidos devem «afirmar explicitamente que renunciam a agredir a Nicarágua, a lançar ou promover qualquer acção directa, indirecta ou clandestina» na América Central, concluiu o embaixador nicaraguano nos Estados Unidos.

Eden Pastora volta-se contra a Revolução

Um dos antigos dirigentes da rebelião armada contra a ditadura Somoza na Nicarágua, Eden Pastora, lançou ontem, na Costa Rica, um apelo ao derrube do Governo sandinista, de que fez parte como ministro da Defesa até Junho do ano passado.

O documento de Pastora, extremamente violento, convidou «o povo armado a expulsar do poder» os dirigentes sandinistas actuais, que classifica de «traidores e assassinos».

O documento distribuído em São José pelo antigo «comandante Zero» surge no momento em que se abrem perspectivas para conversações entre Manágua e Washington com vista

à solução dos diferendos existentes e quando a direcção sandinista da Nicarágua, por continuar a reacear uma invasão do país por somozistas e mercenários treinados e apoiados pelos EUA, acaba de dilatar por mais um mês o estado de emergência.

Os observadores interrogam-se sobre os reais objectivos de Eden Pastora ao escolher este momento para lançar o seu anátema contra o governo sandinista, e fazem notar que a sua linguagem é significativa de um certo posicionamento político, particularmente grato aos Estados Unidos. No seu documento, o antigo «comandante Zero» qualifica de «imperialista» a «invasão»

do Afeganistão pelas forças soviéticas e ataca o «regime totalitário da Polónia».

«O nosso sandinismo não pode permitir-se o envolvimento no conflito Leste-Oeste», diz ainda Pastora, pegando na tese utilizada por Reagan e a sua administração para desviar as atenções da autêntica problemática da América Central.

Enfim, Pastora declara inspirar-se no exemplo de Che Guevara e ataca a Junta fascista de El Salvador. Só que em lugar de a atacar combatendo, o faz por escrita na Costa Rica, país que escolheu para o seu exílio voluntário.

A. T.

Conflito Irão-Iraque

Falhou a mediação dos Não-Alinhados

Uma missão de paz do Movimento Não-Alinhado falhou na sua última tentativa para terminar a guerra que o Irão e o Iraque travam há 18 meses — revelou ontem um membro daquele grupo.

O comité, que regressou quarta-feira ao Kuwait, depois de ter estado em Teerão e Bagdad, «não conseguiu conciliar as reivindicações das nações em guerra para resolver o conflito» — disse um membro do grupo que recusou identificar-se.

Esta missão de paz, criada em Fevereiro de 1981, integra os ministros dos Negócios Estrangeiros de Cuba, Zâmbia e Índia e o chefe do departamento político da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Farouk Kaddoumi.

Todos os anteriores esforços de mediação por parte de países Não-Alinhados, de Estados islâmicos e das Nações Unidas fracassaram. Entretanto, a revista soviética «Novos Tempos»

comentou que a guerra entre o Irão e o Iraque «está nas mãos dos americanos».

«A Administração norte-americana, por um lado, está a usar esta guerra para justificar a sua presença na região e, por outro, considera-a um factor de diversão para preservar a superioridade de Israel» — acrescentou.

Afirmou ainda que o «lema norte-americano é: deixem os vizinhos matarem-se uns aos outros, enquanto isso nos beneficia».

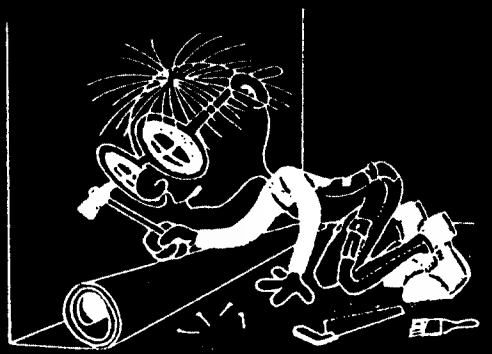
grátis até 15/Maio

SERVIÇO DE COLOCAÇÃO DE ALCATIFAS COM 4 m LARGO
GRANDE SORTIDO DESDE 245.00 m²

VISITE - NOS, SOMOS



CONDE BARÃO



exclusivo

A revista "The Nation" critica relatório do Pentágono (conclusão)

Ninguém pode ganhar a guerra

«**P**ERITOS de ambos os lados da Cortina de Ferro

estão em geral de acordo em que nem os Estados Unidos nem a União Soviética poderiam ganhar uma guerra na Europa e nas suas águas limítrofes — é assim que o conhecido perito Michael Klare inicia o seu artigo «The Feeble Giant» («O Fraco Gigante») que constitui uma análise crítica do relatório do Pentágono sobre o poderio militar soviético, inserida na revista de esquerda norte-americana «The Nation», (edição de 24 de Outubro de 1981), ao qual aludimos ontem. O facto de ambas as partes terem na Europa certas vantagens uma sobre a outra — o bloco de Leste é superior em tanques e artilharia, e o bloco ocidental em mísseis antitanque e em poderio naval — não impede que a vitória seja impossível. Dada esta constatação como assenta, Michael Klare aborda aquilo que no relatório do Pentágono se diz acerca do potencial militar soviético em outras zonas de confrontação, nomeadamente na África, Ásia e Médio Oriente.

O Departamento de Defesa dos EUA consagra grande espaço à enumeração do potencial militar soviético nessas zonas onde um conflito pode estalar, partindo do princípio de que a URSS tem alcançado grandes êxitos nestes últimos anos naquelas áreas.

No prefácio do relatório do Pentágono, Gaspar Weinberger, secretário da Defesa dos EUA, afirma que «os interesses estratégicos ocidentais» são especialmente ameaçados pela intrusão do «poderio soviético longe das costas da URSS» e pelo facto de Moscovo utilizar forças de potências amigas em apoio de facções revolucionárias e em certos conflitos».

Este tema causa grandes apreensões nos círculos dirigentes dos EUA, mas, segundo Michael Klare, o relatório do Pentágono quanto a isso fala muito mais das prioridades da própria América do que dos objectivos e capacidades soviéticos.

«A revelação mais espantosa que o relatório faz a este propósito é a de que os soviéticos têm forças de projecção de poder» (isto é, forças que combatem fora do país). Esse facto é um reconhecido contraste

com o que acontecia há dez anos, quando os soviéticos não dispunham de forças desse tipo. Referindo-se especificamente ao poder naval, diz o relatório: «Nestas últimas duas décadas, a Armada soviética tem vindo a ser transformada passando de uma força basicamente de defesa costeira para uma força capaz de cruzar os oceanos e destinada a estender a capacidade militar da URSS muito para lá das suas fronteiras».

A este propósito, diz Michael Klare: «O que há aqui a destacar é que a URSS entrou recentemente num domínio onde o Ocidente durante anos e anos gozou de um monopólio; o caso é que os estrategas dos EUA estão mais alarmados com esse simples facto do que propriamente com a dimensão das forças em questão».

O relatório do Pentágono consagra grande atenção às novas classes de navios de superfície recentemente introduzidos na frota soviética. Exemplos: as classes Kiev, Kirov, Sovremenny e Udaley. Como afirma o Pentágono, trata-se de poderosos barcos de guerra que equivalem aos americanos da mesma categoria. Mas, segundo M. Klare, o relatório omite o facto de os soviéticos terem reduzido a taxa de fabrico de barcos de superfície, uma vez que estão a concentrar os seus esforços nos vasos de guerra modernos, transoceânicos. O que se passa realmente é um declínio

da esquadra soviética. Em contraposição com isto, os EUA desactivaram, na sua maioria, os vasos antigos na década de 70 e estão neste momento em fase de expansão (aliás o próprio relatório do Pentágono refere que os soviéticos têm apenas 12 vasos de superfície em estaleiros, enquanto os EUA têm 46).

Outra gritante omissão do relatório é, segundo o autor do artigo, o facto de passar em claro que a Armada soviética não dispõe de verdadeiros porta-aviões. O relatório descreve o Kiev e os Moskva como se fossem equivalentes aos norte-americanos, quando a primeira classe de transportadores só tem capacidade para um número diminuto de helicópteros e de aviões VSTOL (de decolagem e aterragem vertical em pista curta) de alcance limitado e utilidade duvidosa, e os Moskva só podem transportar helicópteros ASW (guerra anti-submarina). Nenhum pode comparar-se aos A-6 e A-7 norte-americanos. E mais: anteriores previsões do Pentágono, segundo as quais a URSS na década de 90 poderia ter verdadeiros porta-aviões são agora catalogadas pelo relatório não como «previsões», mas como uma «possibilidade». Já depois de tornado público o relatório do Pentágono, o EMGFA norte-americano afirmava que «a falta de apoio aéreo táctico no mar limita grandemente a capacidade dos soviéticos para se lançarem em aterragens

anfíbias se encontrarem grande oposição».

Exageros semelhantes são detectados por Michael Klare na secção do relatório que diz respeito à infantaria naval e às forças aerotransportadas. O relatório admite que a Infantaria naval soviética é «pequena em comparação» com o Corpo de «Marines» dos EUA (mas o que se devia dizer é que é minúscula, pois os soviéticos dispõem de 12 mil homens contra os 189 mil norte-americanos). Também é falso que se trate da «segunda maior força de fuzileiros do Mundo» (Taiwan, a Coreia do Sul e a Tailândia têm forças maiores, com, respectivamente, 31 mil, 23 mil e 14 mil fuzileiros). As sete divisões aerotransportadas soviéticas são, no seu conjunto, equivalentes em tamanho a duas norte-americanas, mas falta-lhes a mobilidade e o poder das suas congéneres dos EUA.

O relatório refere depois que essas forças, apesar de toda a sua debilidade, poderiam esmagar as «forças indígenas» de alguns países subdesenvolvidos. Só que o Pentágono se esquece de referir a Força de Intervenção Rápida dos EUA, que não tem nem de parte nem de longe equivalente na URSS.

No que se refere ao poder aéreo táctico, o relatório diz que os soviéticos têm uma grande capacidade de combate aéreo moderno e que, na sua maioria, essas forças

estão destinadas à defesa da Europa de Leste e da fronteira sino-soviética, podendo, no entanto, ser utilizadas em áreas do Terceiro Mundo adjacentes à URSS, como foi o caso do Afeganistão. Mas não podem ser desdobradas em teatros mais afastados, pois não são reabastecíveis em voo, ao contrário do que acontece com as norte-americanas. E esse «pormenor» é omitido no relato do Pentágono. Acresce que os 775 aviões de combate da força aérea naval da URSS de modo nenhum podem equivaler a 1675, que é o total combinado dos aparelhos da Armada americana e dos fuzileiros, aparelhos esses que, na sua maioria, podem descolar de porta-aviões.

Finalmente — refere Michael Klare — embora os soviéticos tenham uma grande força estratégica anfíbia (a qual está em expansão) o relatório não diz que o seu equipamento é muitíssimo inferior ao dos EUA. «Com 600 aparelhos, a frota de transporte aéreo dos soviéticos é mais ou menos equivalente em dimensões à dos EUA, mas os aviões de transporte soviéticos são mais pequenos e menos aperfeiçoados que os norte-americanos. Além disso, não podem ser reabastecidos em voo (elemento crucial que o estudo do Pentágono omite)».

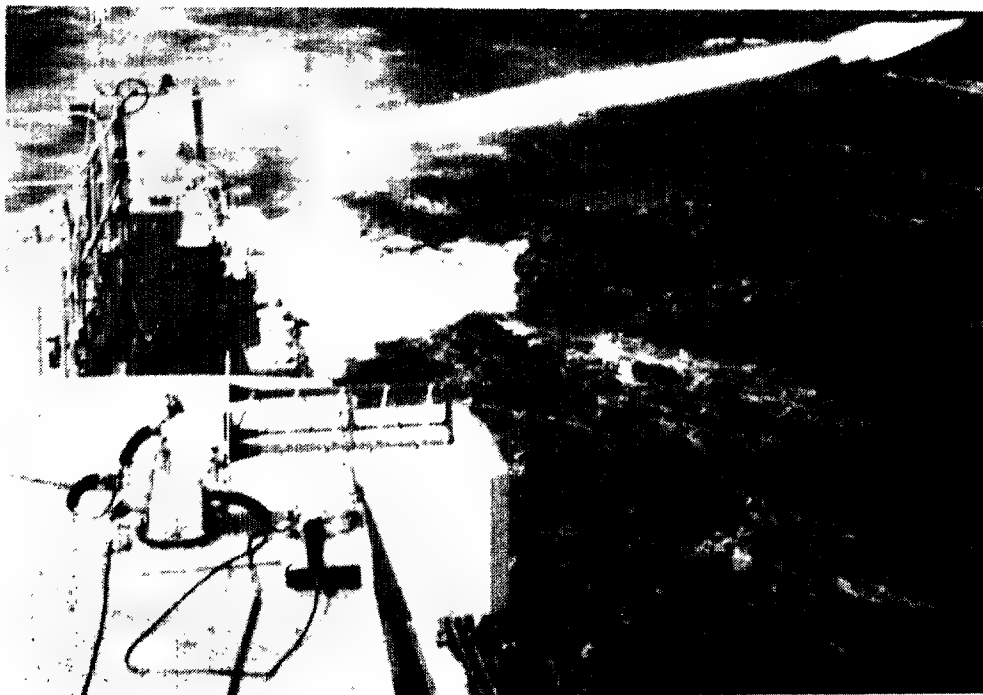
E o autor do artigo acrescenta: «A esquadra anfíbia soviética tem mais unidades que a norte-americana (93 vasos soviéticos contra 65 americanos) mas o próprio Pentágono é o primeiro a admitir que só 25 vasos soviéticos são verdadeiramente transoceânicos e que o maior deles, o Ivan Rogov, de 13 mil toneladas, não pode comparar-se com os Taray norte-americanos, de 40 mil toneladas».

Segundo Michael Klare, o poderio soviético mostra-se através das revelações» do relatório do Pentágono e através das suas omissões, muito menos ameaçador do que se proclama nos EUA. A única coisa que é demonstrável (mas que não carecia de demonstração, porque é um facto de todos sabido) é que a URSS tem hoje maior capacidade de intervenção fora do seu território do que há uma década. Mas a falta de verdadeiros aparelhos de transporte faz com que a URSS nessa matéria continue muito aquém dos EUA. E o artigo conclui do seguinte modo: «É

evidente que os soviéticos poderiam utilizar as forças dos seus aliados e clientes em operações além-mar, mas essas forças têm muitas debilidades e, de qualquer modo, podem ser neutralizadas pelas dos países alinhados com os EUA, tais como a Grã-Bretanha, a França, Israel, o Egipto, Marrocos, o Paquistão, a Indonésia e a Tailândia». Não há, pois, provas de que a correlação de forças se tenha alterado em favor de Moscovo. Muito pelo contrário: se considerarmos a perda de antigos aliados da URSS, como a Indonésia, a China, a Somália e o Egipto, e ainda a situação que se deteriora no Afeganistão, os factos demonstram precisamente o oposto. Pode ser que a URSS seja um gigante com intuítos expansionistas, como o relatório do Pentágono afirma, mas, quando comparado com os EUA, trata-se, sem dúvida, de um gigante fraco».

Cotejar estes dados, que temos vindo a fornecer, apresentados por especialistas norte-americanos, com os que se contém na brochura do Ministério soviético da Defesa, «Quem ameaça a paz» (traduzido em português pela Editorial Avante) poderá constituir um estimulante exercício para a inteligência.

A loucura armamentista que se apossou da Administração dos EUA é de tal forma desproporcionada com as necessidades de defesa do autodenominado «mundo livre», e as justificações em que falsamente se apoia são de tal modo viciadas que não precisamos de grandes dotes proféticos para prever a crescente oposição interna aos planos históricos do Pentágono. O movimento pacifista, antinuclear já começou nos EUA. Os dois artigos que sumariámos constituem peças de reflexão para muitos cidadãos «yankees», os quais, aproveitando as tradições de democracia directa, já se lançaram numa campanha pró-congelamento dos arsenais nucleares americanos e soviéticos. As Igrejas norte-americanas, os estudantes universitários, associações de cientistas e de médicos engrossam as fileiras dessa corrente. Uma vez mais contra as loucuras de alguns, parece desenhar-se, desde já, a vitória da inteligência humana sobre os desvios irracionalistas que pretendem inconscientemente conduzir-nos a todos para o abismo. ■



Doenças intestinais matam 5 milhões de crianças por ano

TERMINOU os seus trabalhos, em Havana, a Conferência de Peritos para a Saúde Pública dos Países em Vias de Desenvolvimento.

Hector Acuna, presidente da Organização Pan-Americana da Saúde Pública, em entrevista à Novosti, explicou as razões que levaram à realização desta conferência.

«Segundo os dados oficiais da Organização Mundial da Saúde Pública, quatro quintos da população mundial estão privados de assistência médica elementar. Cinco milhões de crianças morrem anualmente no mundo atingidas por doenças gastrointestinais. Milhões de pessoas morrem vítimas por epidemias».

«Os países em vias de desenvolvimento são as vítimas principais desta situação pois carecem dos recursos necessários à criação de uma assistência médica elementar à população».

«A criança africana tem, à nascença, apenas 50 por cento de hipóteses de sobrevivência. Nos países em desenvolvimento morrem pessoas vítimas de doenças, para as quais há muito existem medicamentos eficazes».

Hector Acuna considera que uma das razões fundamentais do problema reside no facto da indústria farmacêutica ser controlada por multinacionais que definem os seus próprios critérios de fornecimento dos preparados médicos.

«Por vezes, os países capitalistas evoluídos aproveitam o monopólio sobre o fabrico de medicamentos para exercer a pressão política sobre os países em vias de desenvolvimento, afirma. O imperialismo não hesita em aproveitar quaisquer meios para alcançar objectivos interesseiros e anti-humanos. Assim, por exemplo, em relação a alguns países ocorre ao embargo de fornecimentos da vacinas».

«Esta situação obriga os países em desenvolvimento a procurarem saídas, através de acções conjuntas, nomeadamente a cooperação bilateral, multilateral e a decisão conjunta de resoluções sobre problemas da saúde pública, declarou Hector Acuna, prosseguindo a melhoria da troca de informações, a realização de projectos conjuntos tendentes a reduzir a mortalidade infantil e a melhorar a assistência médica da geração mais nova são problemas importantes que os países em vias de desenvolvimento enfrentam neste domínio».

«Na sequência dos debates travados em Havana, foi decidido realizar com maior frequência encontros de peritos destes países em matéria da saúde pública e organizar anualmente conferências ministeriais e regionais. Foi ainda decidido fazer um melhor aproveitamento das possibilidades oferecidas pelos fóruns internacionais com vista à solução dos problemas candentes da saúde pública», terminou o presidente da Organização Pan-Americana da Saúde Pública. ■

DESPORTO

Espanha prepara

“O maior espectáculo da história do Futebol”

A Espanha prepara o maior espectáculo da história do futebol.

O «show» promete ser fantástico, tendo no elenco um rei, os mais famosos futebolistas da actualidade, 30 mil agentes da polícia especial e 1,5 mil milhões de adeptos da modalidade.

Os preparativos para o Mundial de futebol de 1982 estão quase terminados, a dois meses do pontapé inicial, que será dado em Barcelona, no dia 13 de Junho.

Competem 24 países, um aumento de 50% sobre as anteriores finais, 52 jogos vão disputar-se em 17 estádios. Custo estimado: 400 milhões de dólares (cerca de 30 mil milhões de escudos).

Os turistas são aguardados em número de 500 mil, elevando para quatro milhões o fluxo anual de visitantes.

Em Espanha funciona-se já em ambiente de «loucura do mundial» há já um vinho oficial do Mundial, um refrigerante oficial do Mundial, uma mascote oficial do Mundial, um «poster» oficial do Mundial e até um nome oficial para o Mundial — «Fiesta».

Há ainda moedas oficiais para o Mundial, cunhadas com a efige do rei Juan Carlos, que inaugurará o torneio, numa face, e uma bola de futebol na outra.

O mercado de recordações está a barrotar de produtos, desde as inevitáveis «T-shirts» a jogos electrónicos, posters, bonecos, porta-chaves, cartas de jogar, canivetes, colheres e sacos.

«Naranjito» uma laranja sorridente segurando uma bola de futebol e calçando botas da modalidade, está por todo o lado, como mascote oficial.

Há mesmo um «Bar do Mundial 1982», aberto toda a noite no centro de Madrid.

A imprensa local, diz mesmo que até os separatistas bascos parecem dispostos a uma moratória nos actos de terrorismo, durante o campeonato.

Porém, o Governo espanhol acautela-se e pediu à França para estar alerta contra possíveis acções dos separatistas ao longo da fronteira entre os dois países, além de ter preparado uma segurança especial em redor dos locais da competição.

A televisão espanhola construiu o mais alto edifício da capi-

tal, uma torre de 221 metros, para televisar 41 jogos antes das partidas terminarem, em 11 de Julho, cerca de 1,5 mil milhões de pessoas, e em todo mundo, terão visto os jogos.

O preço dos hotéis para o Mundial já duplicou não obstante a Mundiespanha, organização oficial, afirmar tudo ter feito para os manter baixos. O preço pedido por um apartamento com três divisões em Madrid oscila hoje entre os 2500 e quatro mil dólares mensais (180 e 280 mil escudos), duas vezes o preço normal.

Peru com a 2.ª Divisão

A selecção do Peru defrontará, quinta-feira, 22 de Abril, às 20.30, no estádio «Riazor», o Real Club Deportivo de La Coruña, que evolui na 2.ª Divisão espanhola.

Este encontro servirá de preparação ao Peru com vista ao Mundial-82, onde disputará o Grupo Um, onde uma das duas cidades-sedes é justamente a Corunha, situada na província da Galiza (Nordeste da Espanha).

Argentina-Uruguai

A selecção argentina, actual detentora do título mundial, defrontará a sua congénere do Uruguai em Montevideo nos fins de Abril ou princípios de Maio em jogo de preparação para o Mundial, soube-se em Montevideo de fontes desportivas.

Os dirigentes da Federação Argentina de Futebol, com o acordo do treinador César Luis Menotti, propuseram a realização deste encontro com os uruguaios para substituir aquele que os campeões do mundo deviam jogar a 28 de Abril com o Eire e que foi anulado devido ao diferendo a propósito das ilhas Malvinas.

Os dirigentes uruguaios aceitaram esta proposta da Argentina, mas a data do jogo não foi ainda confirmada, uma vez que os argentinos desejam jogar no dia 28 deste mês e os uruguaios preferem jogar a 5 de Maio próximo.

Flamengo finalista

O Flamengo do Rio de Janeiro classificou-se para disputar com o Grémio de Porto Alegre a final

do campeonato brasileiro de futebol, ao vencer o Guarani, de Campinas por 3-2, em jogo referente à segunda «mão» da meia-final.

Na partida da primeira «mão», disputada domingo passado no Rio de Janeiro, o Flamengo já havia ganho por 2-1.

Flamengo e Grémio serão os representantes do Brasil na «Taça dos Libertadores da América», na temporada 1983.

Dinamo mais líder

O Dinamo de Zagreb venceu o Vardar Skopje por 3-0 em encontro atrasado da 30.ª jornada do campeonato da Jugoslávia da 1.ª Divisão.

O Dinamo de Zagreb lidera a classificação geral com 6 pontos de avanço sobre o Estrela Vermelha de Belgrado.

O jovem avançado centro da selecção argentina e do River Plate, Ramon Angel Diaz, jogará na próxima época no Nápoles de Itália, cuja transferência somará 1 200 000 dólares.

Um pré-contrato foi assinado em Buenos Aires entre o presidente do River Plate, Rafael Aragon Cabrera, e um representante do clube italiano, Giuseppe Bonetto. Ramon Diaz estreiar-se-á no seu novo clube após o Campeonato do Mundo de Espanha.

A avançado centro internacio-

nal, que fez parte da selecção argentina de juniores, que ganhou o campeonato do mundo nesta categoria em 1979 no Japão, foi o marcador, na quarta-feira, do único gol argentino com a União Soviética, em que as duas selecções empataram a uma bola.

Segundo o presidente do River Plate, a transferência de Ramon Diaz permitirá resolver uma parte dos problemas financeiros do clube.

Telé Santana: melhoras

O estado de saúde de Telé Santana, hospitalizado quarta-feira devido a uma pneumonia infecciosa, evolui favoravelmente, indicaram os médicos que assistem o treinador da equipa do Brasil, no Rio de Janeiro.

Estes últimos afirmaram que a temperatura e a pressão arterial de Telé Santana eram normais e que em princípio, daqui a dois três dias, poderá regressar para casa a fim de repousar.

Santana recebeu a visita do seu adjunto Edvaldo Izidio Neto (Vava), que assegura actualmente interinamente o comando da selecção «canarinho». Vava salientou que Telé Santana estaria apto a dirigir o novo treino da selecção brasileira no dia 26 de Abril em Belo Horizonte.

Desporto movimentar-se em Oeiras

Nos próximos dias 17 e 18 terá lugar no Palácio Anjos (em Algés) a 2.ª fase do Curso de Dirigentes Desportivos, organizado pelo Pelouro de Desporto da CMO. Temas a abordar no sábado (15.00 h): os clubes e o movimento olímpico, prof. Celso Moreira; 15.17 h: A função social do clube (Viegas Gomes); Domingo (9 h): a prática desportiva e a saúde (dr. Manuel Oliveira e Sousa); 10 h: Organização das actividades de um clube para competição desportiva, prof. Jorge Araújo. O curso

encontra-se aberto a todos os interessados (dirigentes, sectionistas, atletas, técnicos, animadores) e as inscrições efectuam-se no próprio local.

Também o Pelouro de Desporto da CMO promove no próximo sábado (dia 17), um torneio de basquetebol para deficientes em cadeiras de rodas. Estão convidados a participar todos os núcleos e secções desportivas de deficientes e os jogos realizar-se-ão no Pavilhão da Escola Náutica Infante D. Henrique, com início às 15 horas.

Afinal não havia dopados

As análises do controlo anti-«doping» efectuado no sábado nos encontros das meias-finais da Taça de Portugal deram resultado negativo, revelou o secretário-geral da federação portuguesa da modalidade.

Nos últimos dias circularam alguns rumores que apontavam para a existência de «doping» em algumas das análises, nomeadamente nas do encontro Braga - Benfica.

conjunto». E mais: «Dei conta do sucedido ao departamento ao qual o jogador foi entregue».

Taveira da Mota em Chaves?

Taveira da Mota, da Direcção do Boavista, para a do Grupo Desportivo de Chaves?



Taveira da Mota: «negócios» levam-no para o Chaves?

A hipótese é legítima e foi levantada pelos sócios daquele clube, que procuram dirigentes. Taveira da Mota vai assim ser contactado, estando a actual Direcção do Chaves esperançada que o dirigente boavistense aceite, dado os interesses económicos que possui em Chaves.

Muitos madeirenses para Faro

O Conselho de Gerência da TAP assegurou ao secretário regional do Comércio e Transportes da Madeira a realização, no fim-de-semana, de dois voos extraordinários entre Funchal e Lisboa.

O Governo Regional tinha solicitado, segunda-feira, voos suplementares em virtude do grande movimento gerado pelo jogo de futebol de domingo, no Algarve, entre o Farense e o Marítimo do Funchal.

Foi também garantido o transporte de mais 300 pessoas para Faro, distribuídas por vários voos.

O Conselho de Gerência da TAP - Air Portugal assegurou, igualmente, o regresso, na segunda-feira, dos passageiros ao Funchal.

Os voos fazem escala em Lisboa, proporcionando aos acompanhantes um dia na capital.

Lima a contas com o Belenenses

Lima, do Belenenses, não deverá alinhar frente aos algarvios na próxima jornada do «Nacional» depois de ter tomado a atitude de se recusar a treinar. Júlio Amador, técnico de Belém diz a propósito: «Apenas houve uma atitude irreflectida de Lima que não acatou a minha indicação para integrar a equipa chamada de reserva no habitual treino de

Processo ao Sporting

O árbitro Inácio de Almeida, recorda-se, accionou um processo a diversos dirigentes do Sporting em consequência de afirmações feitas contra si na sequência da arbitragem do Sporting - Benfica. O processo, que corre na Polícia Judiciária, está actualmente numa fase de inquirições.

MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPALGABINETE DE INFORMAÇÃO
E RELAÇÕES PÚBLICAS

Comemorações de Abril

Dia 17 de Abril às 15 h.

no
JARDIM MUNICIPAL DE LOURES
SIMULTÂNEA DE XADREZ
PELO
CAMPEÃO NACIONAL
ANTÓNIO FERNANDES

Prémios a todos os participantes

MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPALGABINETE DE INFORMAÇÃO
E RELAÇÕES PÚBLICAS

Comemorações de Abril

Dia 16 Abril às 21.30 h.

no
PAVILHÃO DO SACAVENENSE
Concerto de rock com
UHF

ENTRADA LIVRE

2.ª SEMANA

NEIL YOUNG

O ANJO DO ROCK

NEIL YOUNG E CRAZY HORSE

2.ª APRESENTA

RUST NEVER SLEEPS

Banda sonora original do filme em disco Reprise e editado por RADIO TRIUNFO, LDA.

Não aconselhável a menores de 15 anos

O ROCK AND ROLL NUNCA MORRERÁ

DESPORTO



Karpov a braços com novo «génio» xadrezista?

Xadrez

Mestre cai às mãos de menino

Um aluno de liceu britânico, de 16 anos, Nigel Short, causou surpresa ontem à noite no Torneio Internacional Phillips And Drew ao empatar com o campeão do mundo, o soviético Anatoly Karpov.

A partida durou cinco horas e meia. O jovem colocou o campeão do mundo em xeque perpé-

tuo, obtendo um empate.

Ao princípio da partida, Karpov abandonava por vezes o seu jogo para se interessar por outras partidas, enquanto o seu adversário se mantinha concentrado. Mais tarde, foi o contrário. Karpov concentrava-se enquanto o jovem, confiante, passava pela sala.

Borg: não a Wimbledon

O tenista sueco Bjorn Borg anunciou em Tóquio que não participará este ano no Torneio de Wimbledon, que se realiza de 21 de Junho a 4 de Julho.

Borg, cinco vezes campeão de

Wimbledon teria que passar pelas provas qualificativas do torneio e recusar recentemente uma fórmula de compromisso por uma questão de princípio.

PRÉ-AVISO DE GREVE

À SINCORAL
SOCIEDADE INDUSTRIAL
DE COSMÉTICA SARL

AO MINISTÉRIO DO TRABALHO

Exmos. Senhores

Em virtude da recusa da Administração em responder à proposta de negociação de Caderno Reivindicativo, apresentado pelos trabalhadores, através das suas estruturas representativas, nos termos e para os efeitos do artigo 5.º da Lei 65/77 de 26 de Agosto, as Associações Sindicais signatárias decretam GREVE dos seus Associados ao serviço da SINCORAL — SOCIEDADE DE COSMÉTICA SARL, Estrada Nacional 10, Póvoa de Santa Iria, para os seguintes dias e horas:

DIA — 19/4/82 DAS 8,30 ÀS 9,30 HORAS

SECTORES:

- CALDEIRA
- CENTRO DE EXPEDIÇÃO
- CANTINA
- JARDIM
- MOTORISTAS
- MANUTENÇÃO

DIA 19/4/82 DAS 14 ÀS 15 HORAS

SECTORES:

- FABRICAÇÃO
- LABORATÓRIO
- ARMAZÉM DE ACONDICIONAMENTO
- CONTROLO DE QUALIDADE

DIAS — 20 A 23/4/82 DAS 8,30 ÀS 10,30 HORAS

SECTORES:

- CALDEIRA
- CENTRO DE EXPEDIÇÃO
- CANTINA
- JARDIM
- MOTORISTAS
- MANUTENÇÃO

DIAS — 20 A 23/4/82 DAS 14,00 ÀS 16,00 HORAS

SECTORES:

- FABRICAÇÃO
- LABORATÓRIO
- ARMAZÉM DE ACONDICIONAMENTO
- CONTROLO DE QUALIDADE

— PELA NEGOCIAÇÃO DO CADERNO REIVINDICATIVO!

LISBOA, 14 DE ABRIL DE 1982

Pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro e Ilhas
(Assinatura ilegível)

Pelo Sindicato dos Fogueiros de Terra e Único da Mestrança e Marinhagem de Máquinas da Marinha Mercante
(Assinatura ilegível)

Taça latina em natação

Como vai Portugal? mal!

Após a primeira jornada da décima Taça Latina em natação, a França e a Itália lideram a classificação, com 77 pontos, à frente da Espanha com 50 pontos, da Argentina, 49 pontos, do Brasil, 44 pontos, do México, 31 pontos, e de Portugal, com 20 pontos.

Resultados registados ontem no decorrer da primeira jornada: 400 metros 4 estilos, senhoras: 1.º — Cinzia Savi Scarponi (Itália), 5 m 00 s 36/100; 2.º — Isabelle Lefebvre (França), 5 m 10 s 27/100; 3.º — Aida Horta (México), 5 m 12 s 71/100; 4.º — Maria Valiente (Espanha), 5 m 16 s 88/100; 7.º — Helena Barros (Portugal), 5 m 37 s 04/100.

400 metros 4 estilos, homens:

1.º, Ricardo Prado (Brasil), 4 m 22 s 77/100; 2.º — Giovanni Franceschi (Itália), 4 m 31 s 04/100; 3.º — Frederic Delcourt (França), 4 m 37 s 81/100; 7.º — Vasco de Sousa (Portugal), 4 m 45 s 93/100.

200 metros livres, senhoras: 1.ª — Veronique Stephan (França), 2 m 04 s 52/100; 2.ª — Virgínia Sachero (Argentina), 2 m 07 s 92/100; 3.ª — Elisabetta Fusi (Itália), 2 m 07 s 92/100; 4.ª — Natalia Mas (Espanha), 2 m 11 s; 5.ª — Alexandra Silva (Portugal), 2 m 11 s 51/100.

200 metros livres, homens: 1.º — Fabrizio Rampazzo (Itália), 1 m 52 s 69/100; 2.º — Jorge Fernandes (Brasil), 1 m 52 s 72/100; 3.º — Juan Vallejo (Espanha), 1 m 53

s 44/100; 5.º — Fabien Noel (França), 1 m 54 s 44/100; 7.º — Paulo Frischnecht (Portugal), 1 m 58 s 85/100.

100 metros bruços, senhoras: 1.º Alicia Boscatto (Argentina), 1.12.56/100; 2.º Simona Brighetti (Itália), 1.13.59/100; 3.º Claire Lemaire (França), 1.17.03/100; 6.º Cristina Peralta (Portugal), 1.17.10/100.

100 metros bruços, homens: 1.º Olivier Borios (França), 1.05.24/100; 2.º Gustavo Torrijos (Espanha), 1.05.93/100; 3.º Carlo Travaini (Itália), 1.06.55/100; 5.º Alexandre Yocochi (Portugal), 1.07.44/100.

100 metros costas, senhoras: 1.ª Laura Foralosso (Itália), 1.05.28/100; 2.ª Mireille Azais

(França), 1.07.09/100; 3.ª Natália Asustich (Espanha), 1.07.81/100; 4.ª Teresa Figueiras (Portugal), 1.08.46/100. 100 metros costas, homens: 1.º Frederic Delcourt (França), 58.34/100; 2.º Conrado Porta (Argentina), 58.92/100; 3.º Francisco Benitez (Espanha), 59.18/100; 7.º Paulo Azevedo (Portugal), 1.03.21/100.

Estafeta 4 x 100 metros, livres, senhoras: 1.ª França, 3m 53s 93/100; 2.ª Itália, 3.57.60/100; 3.ª Espanha, 4.02.67/100; 7.ª Portugal, 4.13.49/100. Estafeta 4 x 100 metros, livres, homens: 1.ª Itália, 3.26.53/100; 2.ª França, 3.30.92/100; 3.ª Brasil, 3.31.92/100; 7.ª Portugal, 3.42.22/100.

Volta ao Algarve

Bicicletas da URSS, Cuba e Brasil

A Associação de Ciclismo de Faro convidou oito equipas portuguesas e três estrangeiras para participarem na oitava Volta ao Algarve em Bicicleta, que se disputará de 28 de Abril a 1 de Maio.

Equipas da Lituânia (URSS), Cuba e Brasil foram as estrangeiras convidadas, enquanto as portuguesas são a Coelima, Rodovil, Coimbrões, Lousa, Porto, Bombarralense, Centro de Ciclismo de Tavira e Centro de Ciclismo de Loulé.

Nesta oitava edição da Volta ao Algarve em Bicicleta a principal novidade é a penetração que a corrida fará em território do Baixo Alentejo, no decorrer da terceira etapa, Almodôvar-Beja, na distância de 105 quilómetros.

O total do percurso da corrida é de 667 quilómetros divididos por sete etapas, das quais seis na estrada e uma em pista.

Além dos prémios a distribuir ao longo das etapas, o vencedor final arrecadará um prémio de 50 mil escudos, enquanto o 2.º classificado receberá 40 mil escudos.

A organização da corrida está orçada em cerca de 2,5 milhões de escudos.

O percurso mais longo da volta está programado para a quarta etapa, que será disputada dia 30, entre Beja e Fôia, na distância de 164 quilómetros.

Esta etapa, que inclui uma contagem de montanha de primeira categoria (subida à Fôia-Serra de Monchique), é considerada a «prova dos nove» desta importante competição veloz, devido à dureza do percurso.

Iniciando-se em Vale da Tela, dia 28, a primeira etapa da corrida, na distância de 147 quilómetros, terminará em Lagos.

A sétima e última etapa será disputada em contra-relógio individual, na distância de 30 km Loulé-Loulé.

No total, a corrida terá oito

metas volantes e cinco de turismo, uma contagem de montanha de primeira categoria, três de segunda categoria e outras três de terceira categoria.

Europeu de basquete junior

Nossas atletas arredadas

As equipas de juniores da Espanha e de Israel, asseguraram ontem a sua qualificação para o próximo Campeonato da Europa de Basquetebol Feminino, ao conseguirem classificar-se nos dois primeiros lugares do torneio de qualificação disputado em Palma de Maiorca (Baleares).

As espanholas venceram o torneio graças a uma terceira vitória consecutiva 57-49 face à Bélgica, enquanto que as israelitas conseguiram o 2.º lugar ao

vencerem Portugal, por 80-48, que se quedou pelo último lugar da classificação.

O Campeonato da Europa decorrerá na Finlândia de 8 a 15 de Agosto próximo.

Classificação final: 1 — Espanha, 6 pontos (3 vitórias em 3 jogos); 2 — Israel, 5 pontos (2 vitórias e uma derrota); 3 — Bélgica, 4 pontos (1 vitória e duas derrotas); 4 — Portugal, 3 pontos (3 derrotas).

MUNICÍPIO DE OEIRAS
CÂMARA MUNICIPAL

Prémios 25 de Abril

A Câmara Municipal de Oeiras institui o PRÉMIO ESCOLAR 25 DE ABRIL e o PRÉMIO POPULAR 25 DE ABRIL (no valor de 50.000\$00 cada um) aos quais podem concorrer os estabelecimentos de ensino, as colectividades e outras organizações do concelho que realizem obras culturais colectivas comemorativas do 25 de Abril, tais como publicações, exposições, espectáculos, pinturas, murais, etc, e a comunicar à Câmara até 23 de Abril próximo.

Informações e texto do regulamento aprovado podem ser pedidos ao Pelouro de Animação Cultural.

Oeiras, 8 de Abril de 1982

Pela Comissão das Comemorações do 25 de Abril

O Vereador do Pelouro de Animação Cultural

Eduardo Pedroso

Assembleia
Municipal
de

Santiago do Cacém

MOÇÃO

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM, reunida em Sessão Ordinária, em 27/3/82, no Salão Nobre da Câmara Municipal, considerando que:

- A Escola Secundária de Santiago do Cacém se encontra numa situação de superlotação.
- O estado de degradação do edifício é avançado pondo em perigo a segurança dos alunos, professores e funcionários.
- Não existe adequação das instalações do edifício, para um ensino que se pretende de boa qualidade.
- As Áreas Vocacionais existentes não estão adequadas ao desenvolvimento industrial da Zona.

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM aprovou por unanimidade, a seguinte MOÇÃO:

Alertar o MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E UNIVERSIDADES e a população do Concelho para esta situação.

Responsabilizar o MEU por qualquer dano físico ou humano que poderá resultar das condições do edifício da Escola Secundária.

Exigir do MEU a rápida solução para este tão grave problema satisfazendo as várias diligências já encetadas pelo Conselho Directivo desta Escola. Solidarizar-se com a luta dos professores no que respeita a uma melhor qualidade de ensino.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

54 45 45 SOS
uma voz amiga estará contigo
Angústia Desespero Solidão

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Uma estória tradicional revista e aumentada

«REI RAMIRO», de Rui da Costa Lopes. Encenação: Alberto Lopes. Cenografia e Figurinos: Vera Castro. Música: José Júlio Lopes. Direcção musical: Ed Paes Mamede. Interpretação: Ângela Pinto, António Ribeiro, Carlos Fogaça, José Jorge Duarte, José Júlio, José Wallenstein, Lucinda Loureiro, Margarida Rosa Rodrigues. Músicos: José Júlio, João Paulo, Pedro Wallenstein, Paleka, Miguel Leal, Tomás Pimentel, Bexegas. Teatro da Nova. Estreia: 31-3-1982.



José Wallenstein em «Rei Ramiro» (foto de ensaios)

Este espectáculo contém algumas surpresas. Não é todas as noites que se apanha com coisas como: um novo dramaturgo; um texto, que sendo de um novo dramaturgo, parece querer explorar novas áreas de expressão a partir de motivos tradicionais; uma nova cenografia que criou um belo espaço cénico, embora por vezes esse espaço jogue contra a qualidade do espectáculo a nível da representação, por culpa do encenador que descurou aspectos do equilíbrio espacial, indispensável sob o ponto de vista de audição.

Se a estes elementos acrescentarmos a música, original mas gravada, outro elemento que serve a intenção do espectáculo, teremos razões suficientes para saudar esta estreia.

Um novo autor (Rui Lopes Costa), que partiu de um dos mais antigos romances tradicionais recolhidos por Garrett no seu Cancioneiro, onde se intitula «Miragaia» (como se sabe uma zona ribeirinha do Porto).

«Miragaia» conta a história surpreendente do Rei Ramiro (cuja existência os historiadores colocam por volta de dois sécu-

los antes de Portugal). Apaixona-se o rei cristão por uma jovem moura que manda raptar. Para se vingar, o rei moura, irmão daquela, rapta, por sua vez, Gaia, esposa de rei Ramiro. Os dois pares desencontrados, acabam por se amar, mas, incomformado, Ramiro pretende recuperar Gaia, pelo que consegue meter-se no palácio do moura. É denunciado por Gaia mas o moura poupa-o. Quem o inimigo poupa às suas mãos lhe morre, é o que acontece com o moura que Ramiro assassina. Gaia, que amava aquele, não se conforma e suicida-se para grande espanto de Ramiro cujas motivações políticas dos seus actos são evidenciadas nesta versão. Aliás, na versão de Garrett é

Ramiro quem mata a rainha, dizendo: mira, Gaia.

O que surpreende neste texto, além da beleza de algumas passagens e para além de certos pontos mortos, é o confronto, muito bem resolvido, entre uma estória tradicional e uma escrita resolutivamente moderna, onde surgem citações de autores do nosso tempo, como Hemingway. Esse aspecto fundamental do texto é axial ao próprio espectáculo que se realiza nessa dupla vertente do antigo e do moderno.

O cenário, todo branco, paralelo ao público, contendo fórmulas estilizadas definidoras dos locais de acção, e no qual um elemento agressivamente moderno, que inclui um aparelho audiovisual; a descida de uma pla-

taforma com um forte em miniatura, pequenas aeronaves e soldados de chumbo, onde se representa uma batalha, um general com sotaque americano, um jornalista que é fuzilado, são sinais fortes e coerentes, nas suas próprias contradições, por eles inteiramente absorvidas, de um espectáculo inesperado que parte de um conto tradicional e chega à ficção científica, passando pela banda desenhada.

Além disso, o texto inova, em relação à estória em que se inspirou, pela criação ou transformação de personagens, em especial de uma delas que funciona a dois níveis, o dramático (trata-se do padre) e o dramaturgico (é o ponto a quem cabe dar as «deixas»). Esse relacionamento padre-ponto é um dos bons achados de um espectáculo que deles relativamente fértil.

É na interpretação que este «Rei Ramiro» não consegue corresponder já que, na sua maioria, os actores não conseguem respostas suficientemente vigorosas aos problemas postos pelo texto e pela encenação. Com excepção de Lucinda Loureiro, e, por vezes, de Margarida Rosa Rodrigues, a primeira muito certa na serenidade que empresta a Gaia, e ainda José Júlio, os actores, em termos gerais não ultrapassam um amadorismo pouco convincente. Mesmo quando parece ter uma certa força, como no caso de José Wallenstein (Rei Ramiro, uma curiosa composição «punk»), ou de um outro momento menos débil por parte dos restantes.

Valerá a pena referir que este espectáculo consegue superar as suas fraquezas e parece querer provar que o teatro (independente) continua.

Fechou-se o debate Censura brasileira persegue teatro e cinema

A censura brasileira proibiu a representação da peça de teatro «Boa Noite, General» de João Vianney com a alegação de que critica com demasiada aspereza os militares.

O chefe da Polícia Federal, Solange Fernandes, responsável pela Divisão Governamental de Censura, explicou que «Boa Noite, General» fora banida ao abrigo da lei que desautoriza a exibição de trabalhos que «incitem o público contra o regime».

A peça relata acontecimentos ocorridos num imaginário país latino-americano mas iniludivelmente semelhantes aos que enquadraram o golpe militar de direita em 1964 no Brasil, do qual resultou a queda do presidente João Goulart.

Concretamente, há em «Boa Noite, General», um presidente eleito por sufrágio universal que é derrubado pelas forças armadas. Os novos líderes militares tentam industrializar rapidamente o país e transformá-lo numa potência mundial, mas o plano falha e as consequências não tardam: o desastre económico, o grassar da corrupção e a perda do apoio popular.

«Boa Noite, General» é em poucos dias a segunda obra artística a merecer a proibição dos censores brasileiros por motivos políticos.

No princípio deste mês a exibição do filme «Prá Frente, Brasil» foi igualmente proibida.

«Prá Frente, Brasil» faz o relato das práticas de tortura exercidas pela polícia secreta contra prisioneiros de movimentos de esquerda nos finais dos anos 60, princípios de 70.

Uma nova área parece, entretanto, que vai passar a merecer

as atenções da censura no Brasil: a da vídeo-cassete.

O ministério brasileiro da Justiça anunciou que a censura vai iniciar a fiscalização da venda e aluguer de filmes e bem assim tomar à sua responsabilidade a passagem de certificados.

Desta forma, quem quer que, possuindo em casa um aparelho de vídeo-cassete, pretenda comprar, para exibição não comercial, um filme, terá de contentar-se com as obras cinematográficas que a censura brasileira não considera, por razões políticas ou outras, perigosas ou impróprias.

Entretanto, agentes do Departamento da Polícia Federal brasileira tentaram apreender a cópia da película «Linha de Montagem», de Renato Tapajós, actualmente em exibição no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, cidade da cintura industrial de São Paulo.

Os polícias, que não conseguiram concretizar os seus objectivos, informaram que a ordem de apreensão da película fora dada pela Divisão da Censura Federal, alegando que a obra — que tem por tema central as revoltas dos metalúrgicos da cintura industrial paulista em 1979-80 — não receberá autorização de exibição.

Os polícias, porém, tiveram de se conformar com a ordem de mãos vazias porque, enquanto discutiam com o presidente da Câmara Municipal de Santo André, Tito Costa, a película desapareceu.

Tito Costa, durante a discussão, informou os «agentes da autoridade» de que a película só seria levada se todos os que assistiam à sessão fossem presos.

Cultura popular transmontana

Para a defesa do dialecto mirandês, em vias de extinção, deveria ser criada uma cadeira optativa desta matéria nas escolas da região de Miranda, preconiza a Associação do Nordeste Transmontano (ANT), em documento ontem divulgado.

Nas conclusões do «Ciclo de Cultura Popular Transmontana» de Fevereiro e Março a ANT diz haver «uma consciência mais nítida» dessa cultura, «tanto na região de Lisboa (cidade onde o ciclo se realizou), entre transmontanos e lisboetas, como em Trás-os-Montes, a nível de populações e autarquias».

A Associação sublinha a «urgência de um trabalho de fundo, de recuperação e defesa da cultura popular em Trás-os-Montes, para obstar ao seu desaparecimento total, à imposição de modelos estranhos e à degradação do quotidiano local especialmente veiculada através dos grandes meios de Comunicação, como a RTP e a RDP».

A ANT lança, a propósito, um apelo à mobilização da juventude transmontana para «uma participação activa na recolha, tratamento e difusão da cultura local, colaborando com grupos etnográficos, de teatro, musicais, associações de cultura e recreio, autarquias, escolas e outros».

Para a ANT impõe-se, designadamente, o «combate à mistificação dos ranchos folclóricos «para turista ver» e às associações ditas culturais (...) que apenas servem para ajudar a destruir a verdadeira cultura popular e frustrar a juventude e as populações».

Salienta também, a necessidade da «ligação entre as autarquias e associações de cultura e recreio, com respeito integral pela independência destas», e da «projectação da cultura popular transmontana e dos seus criadores através dos grandes meios de Comunicação Social», de novo com referência à RTP e à RDP.

«Grande Noite do Rock» no Pavilhão de Alvalade

Tudo se conjuga para que a «Grande Noite do Rock», que a Casa da Imprensa lança como iniciativa inédita (para recolher fundos destinados à obra social de que são beneficiários os jornalistas) constitua uma etapa marcante na nossa vida artística, já que possibilita a entrada perante a melhor plateia das bandas que vão disputar prémios e carreira profissional, a 23 do corrente, no Pavilhão de Alvalade, gentilmente cedido pela direcção do Sporting Clube de Portugal. A inscrição-candidatura desses grupos prossegue, na Casa da Imprensa (Rua da Horta Seca, 20 — Lisboa) até ao próximo dia 15.

A «Grande Noite do Rock», que tem responsabilidade do jornalista Neves de Sousa, será apresentada por Luís Filipe Barros e Ana Bola, nomes preponderantes na Rádio («Rock em Stock»,



Os «Heróis do Mar»

«Café com Leite»). Nota saliente: Luís Filipe Barros surge em palco por especial deferência para com a Casa da Imprensa, comandando um desfile que terá nota muito especial na actuação dos «Heróis do Mar», uma banda portuguesa com crê-

dito internacional. A 23 do corrente, na «Grande Noite do Rock», os «Heróis do Mar», actuam pela 1.ª vez num grande pavilhão lisboeta (o verde-branco de Alvalade) depois de dois concertos, em França e para a Televisão Tricolor, que (na crítica exi-

gente de Jean François Bizot, director do «Actuel») «constituíram reacção do público perfeitamente surpreendente, em relação à normal frieza das plateias parisienses». Dois temas interpretados pelos «Heróis do Mar» («Saudade» e «Brava Dança dos Heróis») tiveram honras de filmagem no Lago de Vincennes e vão ser exibidos no programa «Mega-wertz», de Allain Mauvalle, que conta com uma audiência de cerca de 15 milhões de espectadores.

«Heróis do Mar», que se preparam para efectuar concertos ao lado de Rory Gallagher, Stiff Little Fingers e Eugénio Finardi, vão dar todo o brilho à «Grande Noite do Rock», num cartaz que promete muitas e sensacionais novidades, dentro da linha tradicional a que a Casa da Imprensa já habituou todas as suas realizações.

Pedro Barroso em Coimbra

Pedro Barroso e JoseFanhã dão amanhã, pelas 18 horas, no Cine-Teatro Avenida, em Coimbra, um recital — organização pela Era Nova — de poesia e canto. Numa primeira parte actuará José Fanhã e na segunda Pedro Barroso que apresentará, nomeadamente, as canções do seu último «LP» «Cantos à Terra Madre», acompanhado por Carlos Augusto (viola) e José Calhau (flautas e percussão) e Luís Sá Pessoa (violoncelo).



Vanessa Redgrave vítima de «judiarias»

A actriz Vanessa Redgrave afirmou ontem que o cancelamento da sua actuação com a Orquestra Sinfónica de Boston pode ser uma acção repressiva à moda dos anos 50, devido às suas crenças políticas.

Redgrave deveria fazer a narração de «Oedipus Rex» de Igor Stravinski, esta semana, acompanhando a orquestra.

A actuação foi cancelada após

alegadas objecções levantadas pelos dirigentes e membros da orquestra à sua presença, devido aos apoios dados por Vanessa à Organização de Libertação da Palestina.

Redgrave disse em conferência de Imprensa, que a decisão poderia marcar «o regresso às listas negras».

«As pessoas têm o direito de discordar dos meus pontos de vista, e eu tenho todo o direito de

os exprimir», comentou Vanessa.

A actriz afirmou que estava a desenvolver uma «forte e orgulhosa campanha pelos Direitos Humanos».

Vanessa planeia processar a orquestra por quebra de contrato e está a organizar um abaixo-assinado entre os actores e artistas, pedindo ao chefe máximo da Orquestra Sinfónica de Boston, Thomas Morris, para marcar

de novo a sua actuação, como um «dever solene de protecção ao direito ao trabalho como artista».

Na altura do cancelamento, a direcção da orquestra declarou que a decisão se ficou a dever a «circunstâncias para além do seu controlo».

Caroline Smedvig, directora de promoção da Orquestra de Boston, afirmou, terça-feira, que não haveria comentários a fazer

ÚLTIMA SEMANA

3.ª a SÁB.
21H30
DOM. (s6) 16H00

5.º MÊS



FERNÃO, MENTES?

encenação HELDER COSTA
R ALEXANDRE MERCULANO. 70
(tel. 686300 (m/13) Sub. SEC.

A BARRACA

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 8 de Abril do corrente ano, de fls. 23 a fls. 24 v.º, do Livro 44-C, para «ESCRITURAS DIVERSAS», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL, na qual RAMIRO DUARTE, casado no regime de separação de bens com JOAQUINA MARIA DO CARMO RODRIGUES CHARRUA, natural da freguesia do Sobral da Abelheira, concelho de Mafra, residente na Rua Tristão Vaz, número 5, 2.º andar direito, freguesia da Buraca, concelho de Amadora, justificou que, com exclusão de outrem, ser dono e legítimo possuidor do seguinte imóvel: Prédio rústico composto de vinha, oliveiras, cultura arvense, pinhal e sobreiros, denominado «QUEBRADAS», sito na indicada freguesia do Sobral da Abelheira, inscrito — em nome do Justificante na respectiva matriz cadastral, sob o Artigo 264 - Secção B, que o referido prédio encontra-se omisso, na competente Conservatória do Registo Predial e, conquanto não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que o outorgante RAMIRO DUARTE possui o referido prédio — há mais de 30 anos — com exclusão de outrem e de boa-fé, pelo que o adquiriu por usucapião.

— Está conforme o original, Mafra, 8 de Abril de 1982.

O AJUDANTE

Maria Manuela Beirão Clímaco Delgado



Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações

Largo de Santos, 13, 3.º — 1200 LISBOA
Telefones 66 66 52 • 67 25 45

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

No cumprimento do Art.º 32.º, de acordo com os Art.ºs 34.º, 35.º, 46.º e 48.º e para exercer as atribuições previstas nas alíneas b) e c) do Art.º 31.º dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a Assembleia Geral Ordinária a realizar nas seguintes datas e locais:

26 de Abril de 1982 — (21.00 horas)
Na sede da Delegação do Sindicato, Praça D. Filipa de Lencastre, 22-7.º-Sala 114 — PORTO

28 de Abril de 1982 — (21.00 horas)
Na sede do Sindicato, Largo de Santos, 13-3.º-LISBOA

Com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Apreciação sobre o Relatório e Contas do ano de 1981
- 2 — Deliberação sobre o Orçamento de 1982

Lisboa, 16 de Abril de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Francisco de Campos Gomes Dias

— S.E.T.I.L. —
— SOCIEDADE DE EMPREENHIMENTOS TURÍSTICOS E IMOBILIÁRIOS, LIMITADA —
— CERTIFICADO —

Que por escritura de 14 de Maio de 1979, lavrada de folhas 64 a folhas 65, do livro de notas para escrituras diversas n.º 372-C do Primeiro Cartório Notarial de Almada, a cargo do Notário Licenciado José Manuel Cabral de Matos Oliveira, foi aumentado o capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com denominação em epígrafe, e sede em Lisboa e domicílio provisório na Rua Padre António Vieira, dezassete, rés-do-chão esquerdo, de um milhão de escudos para um milhão e quinhentos mil escudos, reforçado, portanto, com a quantia de quinhentos mil escudos, que, para o efeito, admitiram, como sócio, Edmundo Henriques Serra, que subscreeu uma quota no valor do referido reforço.

Que, em consequência, foram alterados os artigos terceiro e o corpo do oitavo do respectivo pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção:

TERCEIRO — O capital social integralmente realizado em dinheiro e outros valores constantes da escrita é de mil e quinhentos contos e corresponde à soma de três quotas iguais de quinhentos contos cada uma, pertencendo uma a cada um dos sócios.

OITAVO — A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo dos três sócios, desde já nomeados gerentes, sem caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, sendo suficiente a assinatura de um dos sócios gerentes para que a sociedade fique validamente obrigada em todos os seus actos e contratos, nomeadamente, em contratos promessa, compras, vendas, confissões de dívida, hipoteca, ou quaisquer outros contratos em que a sociedade seja interessada.

É certidão narrativa que fiz extrair e está conforme.

Almada, vinte e nove de Março de mil novecentos oitenta e dois.

O Notário:
José Manuel Cabral de Matos Oliveira



EXPRESSO BEIRA ALTA

WISEU — LISBOA — WISEU

Prolongamento a LISBOA (em autocarro directo e sem transbordo)

Início a 1 de Abril de 1982

07.00	P	WISEU	C	20.10
07.20		Tondela		19.50
07.40		Santa Comba Dão		19.30
07.55		Mortágua		19.15
08.20		Luso		18.50
08.50	C	Coimbra	P	18.20
09.00	P		C	18.10
09.40		Pombal		17.30
		Leiria		17.15
12.15	C	LISBOA	P	14.45

EXCEPTO SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

IMPORTANTE:

Em Coimbra dá e recebe ligações para as linhas Expresso do Algarve, Porto e Peniche.

CENTRO DE PASSAGEIROS DE COIMBRA



PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONSULTE AS AGÊNCIAS E FILIAIS RN

Tranquem as portas... eles vêm aí.



Ele era um reservado e rotineiro cidadão. Mal sabe ele que não tardará a conhecer os vizinhos. Eles só existem num mundo cómico de pesadelo. Quando eles chegaram, a sua vida nunca mais foi a mesma.

JOHN BELUSHI DAN AYKROYD

EM

Mas que Vizinhos...

Um pesadelo cómico

COLUMBIA PICTURES Presents
A JOHN G. AVILDSSEN FILM OF A ZANUCK/BROWN PRODUCTION
JOHN BELUSHI DAN AYKROYD "NEIGHBORS"
COM CATHY MORIARTY KATHRYN WALKER PRODUTOR IRVING PAUL LAZAR
BERNIE BRILLSTEIN MÚSICA DE BILL CONTI ESCRITO POR LARRY GELBART
BASEADO NA NOVELA DE THOMAS BERGER PRODUTOR POR RICHARD D. ZANUCK • DAVID BROWN
REALIZADO POR JOHN G. AVILDSSEN

CASTIL **HOJE ÀS 21.30 — ESTREIA** **VOX**

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

PAGUE EM 12 MESES

sem aumento de preço

AGORA O NOVO SALORA

A CORES

CINESCÓPIO de 51 e 56 cm
sem e com comando à distância



SALORA

CORES NATURAIS · MAIS NITIDEZ
MAIOR REALIDADE · MELHOR IMAGEM

M. L. FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA

canal da crítica

Mário Castrim

Respondam: acaso merecemos isto?

Veio-nos de França uma das mais violentas reportagens contra os Estados Unidos jamais conhecidas pelos telespectadores portugueses.

Claro que não foi por querer. Claro que o sr. Albarran e a sra. D. Fernanda procuraram dourar a pilula dar ao remédio difícil um gosto a hortelã-pimenta. Impossível. A realidade possuía um vocabulário impressionante, as imagens não se deixavam enganar. Os Estados Unidos de Haig, Reagan e Cia, saíram da reportagem feitos em lama.

Porque a miséria no Haiti, não culpabiliza, no essencial, o pobre atrasado mental que é o sr. Jean Claude Duvalier. O analfabetismo, as crianças subalimentadas em 80 por cento, tuberculosas em 60 por cento, as populações que, no melhor dos casos, se alimentam uma vez por dia, aqueles bairros do inferno que só encontram semelhantes em Calcutá, aquele Haiti que é um dos países mais miseráveis do mundo governado por um homem que é dos homens mais

ricos da Terra — aquele Haiti, existe assim porque os Estados o «protegem» para que fique assim. Podia ser eu a dizê-lo — e então alguns leitores julgariam que. Mas não sou eu quem o diz: é a própria reportagem...

A segunda parte dedicada aos haitianos que, atraídos pelo «sonho» americano, procuram refúgio em Miami, é igualmente um terrível libelo contra os Estados Unidos. O texto bem podia dizer que aqueles campos de concentração não se podem comparar aos campos de concentração hitlerianos. Certo, ainda lhes faltam as câmaras de gás. Mas a questão não é essa. A questão é que tais factos sempre foram cuidadosamente sonogados pela «informação» da RTP aos portugueses. A imagem dos Estados Unidos veiculada pela RTP é absolutamente cor-de-rosa, eles são, na pureza das suas asas brancas, os grandes paladinos dos «direitos humanos».

Aliás, tomou-se bem claro: o que mais preocupa os americanos não é o fascismo do Papá

Doc Junior — mas sim a oposição a tal regime! E a partir daqui parece-me difícil que, aos olhos de milhões de portugueses, a imagem de uma sociedade brutal como a americana fique tão cor-de-rosa como se tem pretendido dar. Tal é a força da realidade.

A realidade portuguesa continua a sofrer tratos de polé, em particular no Telejornal. A forma como se noticiou mais um capítulo da Telenovela das dívidas de Sá Carneiro, é altamente reveladora dos processos deformativos.

Os telespectadores terão concluído que o processo das dívidas está encerrado. E não está. A decisão, esta decisão, do tribunal civil (não a do 8.º Juízo Criminal onde se o curso está demorado, a culpa não pertence a «o diário»...) reporta-se a uma declaração do BESCL segundo a qual o dr. Sá Carneiro não devia nada. Ora o problema continua a não residir aí, mas em saber como é que o dr. Sá Carneiro liquidou a dívida...

Não deixa de ser curioso como o Telejornal, que sempre ignorou o assunto, tão lesto se lhe refira com o fim...do semear a confusão. Outros o fazem, porém, com a nota de maior infâmia, como é o caso do boletim informativo da Rádio Renascença, às 19 e 30. Simplesmente vergonhosos. Se o inferno existe, como por lá se crê, pode a RR estar certa de que um caldeirãozinho de azeite a ferver ninguém lhe tira. Será para estas operações que a Igreja quer uma estação de TV? Abrenuncio

É verdade: vocês ouviram o dr. Balsemão a discursar em francês ao Thörn da CEE? Já não me refiro à péssima qualidade dele, caricatura a fazer concorrência ao dr. Mário Soares. Refiro-me à vergonha de um Primeiro-Ministro português, falar, em Portugal, uma língua estrangeira! É indecente. Este homem é perito na arte de meter a pata na poça. Agora até despreza a língua pátria.

Amigos, amigos, acaso merecemos isto?



Assembleia Municipal de Santiago do Cacém

MOÇÃO

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM, reunida em Sessão Ordinária, em 27/3/82, no Salão Nobre da Câmara Municipal, considerando que:

— A Escola Preparatória de Santiago do Cacém se encontra numa situação de superlotação.

— Não existem instalações para a disciplina de Educação Física, salas de convívio para funcionários, alunos e específicas para determinadas disciplinas, instalações essas que estavam todas previstas no projecto inicial desta Escola que tem pelo menos 8 anos de existência, mas que ficou por terminar.

— As despesas com a deslocação dos alunos das zonas mais afastadas do Concelho, se elevam a vários milhares de contos anuais.

— O aumento da frequência do número de alunos do ensino indirecto (TV) com prejuízo na qualidade do ensino e da cada vez maior ocupação de áreas destinadas ao ensino primário com prejuízo deste.

— Existe disponibilidade de terrenos em Alvalade-Sado pela Câmara Municipal de Santiago de Cacém.

— O Ministério da Educação e Universidades fez sucessivas promessas de construção duma Escola Preparatória e Secundária em Alvalade-Sado.

A Assembleia Municipal reunida em 27/3/82 aprovou por unanimidade a seguinte Moção:

- 1 — Responsabilizar o MEU, pela situação degradante para que se encaminhe este grande ensino, a nível do Concelho e exigir o acabamento do projecto inicial da Escola Preparatória de Santiago do Cacém.
- 2 — Alertar a população do Concelho para a demagogia Governamental em contraste com o empenhamento das autarquias locais para a rápida solução desta situação.
- 3 — Chamar a atenção do MEU para os prejuízos financeiros e morais pelo não cumprimento dos compromissos assumidos.
- 4 — Solidarizar-se com a luta dos professores no que respeita a uma melhor qualidade do ensino.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

OCARINA — Artesanato

Estamos na Feira Popular (Mercado do Artesanato) STAND n.º 3



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

AVISO

ASSUNTO: Aceitam-se inscrições até ao dia 27/4/82 para admissão de:

- * 7 SERVENTES
- * 5 VAREJADORES DE 3.ª CLASSE
- * 1 CANALIZADOR DE 3.ª CLASSE
- * 1 ELECTRICISTA DE 3.ª CLASSE

Podem candidatar-se todos os indivíduos de nacionalidade portuguesa, com mais de 18 anos de idade, possuidores da escolaridade obrigatória. Ficarão na situação de contratados a prazo, com possibilidades de rápida integração no quadro.

As inscrições são feitas no Serviço de Gestão de Recursos Humanos, em Oeiras, de 2.ª a 6.ª-feira das 9,30 h. às 12 h. e das 14,30 h. às 17 h.

Serviços Municipalizados de Oeiras, em 1 de Abril de 1982

O Presidente do Conselho de Administração
Alfredo C. Melo de Carvalho

NOVO SERVIÇO



LISBOA/MADRID/LISBOA

a partir de 1 de Março de 1982

Caminhos de Ferro
Portugueses



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, Z.A. (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



O episódio que esta noite se exhibe na RTP-1 da série «Plantão de Polícia», intitula-se «Vampiros Tropicais»

- 18.18 País, País
- 18.45 Tempo dos Mais Novos
- 19.15 Aprender Saúde — 1.º programa.
- 19.55 O Tempo
- 20.00 Telejornal — noticiário nacional e estrangeiro.
- 20.30 Concurso Eurovisão da Canção
- 21.00 «Plantão de Polícia» — 5.º episódio:
- 21.40 Concurso Toma Lá, Dá Cá — 1.ª sessão efectiva.
- 22.50 Último Jornal



Frederico Fellini

- 18.18 País, País
- 18.40 O Povo e a Música — Rancho Folclórico de Castelo de Vide.
- 19.00 Jeito e Efeito
- 19.25 «Sítio do Picapau Amarelo»
- 20.00 Informação/2
- 20.30 Olho de Vidro — 1.ª parte.
- 21.10 3.º Concurso de Música ARD
- 22.05 Nota Sobre «A Cidade das Mulheres» — documentário realizado durante as filmagens da película de Fellini «A Cidade das Mulheres».

Amanhã



10.32: Tempo dos Mais Novos; 12.00: «No Bosque das Aventuras»; 12.30: Memória de um Povo; 13.00: Novos Horizontes; 13.30: Muito, Pouco, Tudo ou Nada; 13.55: Sumário; 14.00: 100 Grandes Quadros; 14.15: Desenhos animados; 14.30: Lúculos e Bróculos; 16.00: «O Barco do Amor» — 7.º episódio; 17.00: Vivamúsica; 18.00: National Geographic Magazine — 5.º episódio; 19.00: Magazine de Cinema; 19.30: Futebol em Acção — «Naranjito»; 19.55: O Tempo; 20.00: Aqui e Agora; 21.30: TV 25 Anos Grande Gala.

15.55: Movimento; 19.00: «Sítio do Picapau Amarelo»; 19.30: «Os Gregos»; 20.20: É Sempre Bom Saber; 20.30: Olho de Vidro; 21.00: Sábado Especial — «O Segredo da Porta Fechada».

GRUNDIG qualidade em toda a linha!



«Plantão de Polícia»
(21.00)



«A Cidade das Mulheres»
(22.05)



Alem de um programa à escolha oferece-lhe



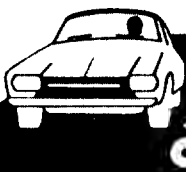
21.00 — Plantão de Polícia — «Vampiros Tropicais» (5.º episódio). O comércio de sangue, feito por clínicas especializadas que o adquirem de graça para depois o venderem aos hospitais por um preço altíssimo, é assunto para um repórter que vai em busca de material para a sua reportagem. Interpretes: Carlos Gregório, Margot Baird, Léa Garcia, Paulo César. Realização: Marcos Paulo.

20.30 — Olho de Vidro — 1.ª parte do filme «Olho de Vidro» dedicado ao Ano Internacional da Fotografia. Cor: as fotografias, os fotógrafos, os inventores e as técnicas mais importantes mas também com as menos importantes porque a História da Fotografia é uma história simultaneamente pública e privada. Um programa de António Sena e Margarida Gil.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus Caraca, 17 Cruz Quebrada — Tel. 2112871

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Na estrada
caminhe sempre
pelo seu lado
esquerdo
circular e viver.

rôteirô cultural

Exposições

Uma exposição de reproduções representativas da obra de Picasso é hoje inaugurada, às 22 horas, na Galeria de Arte do Casino Estoril, que assim se associa às homenagens que em todo o mundo se estão a prestar a esse génio da pintura contemporânea por ocasião do centenário do seu nascimento, ocorrido em 25 de Outubro último. Esta mostra estará patente ao público das 15 às 24 horas de todos os dias até 2 de Maio.

Domingos Pinho expõe mais de 200 trabalhos a óleo, desenhos e acrílicos na Galeria Jornal de Notícias, no Porto. O certame permanecerá patente ao público até ao dia 28.

Passeios de domingo

Os habituais passeios de domingo do Centro Nacional de Cultura principiam este fim-de-semana no sábado, pelas 10 horas, com uma visita ao Teatro Nacional D. Maria II, durante o qual directores e ac-

tores do Teatro evocarão a sua acidentada história.

No domingo, o CNC propõe montanhismo aos seus sócios. De colaboração com o Clube de Montanhismo, o CNC prepara-se para subir a vertente norte da serra da Arrábida - a menos conhecida - até atingir o seu ponto mais alto. O passeio será ocasião para se abordarem aspectos botânicos e geográficos da Serra e para evocar os muitos escritores que nela se inspiraram, de Agostinho da Cruz, a Herculano, Ramalho Ortigão e Carlos Queirós, com especial destaque para Sebastião da Gama.

Partida do Marquês de Pombal ao nascer do sol (7,30).

Música

No Estúdio A da RDP realiza-se hoje, às 21.30, um concerto ao vivo com música de Erik Satie. Arranjos e interpretações dirigidos por Constança Capdeville.

Teatro

A série de cinco espec-



«Paloma», uma das obras patentes no Casino Estoril, na exposição evocativa de Picasso

culos alusivos ao Portugal dos Anos 40 abre hoje, às 21.30, nos átrios da Fundação Gulbenkian, realizando-se as restantes representações nos dias 17, 18, 19 e 20. Os espec-

táculos, apresentados pelo Teatro Experimental de Cascais, têm texto de Luís Francisco Rebelo, encenação de Carlos Avilez, concepção plástica do escultor José Ro-

drigues e desenvolvem-se a partir de uma ideia dramática de Carlos Wallenstein.

O Grupo de Teatro «Mauzum» apresentará sábado e domingo, às 16 horas, na Casa da Madeira (R. do Século, 65), o seu espectáculo para crianças intitulado «De Madeira», versão teatral sobre um conto popular de Javier Villafañe, com encenação de Carmem Prast supervisionada por Adolfo Gutkin.

Conferências

Manuel Rio-Carvalho profere amanhã, às 21.30, nas Caldas da Rainha, no auditório do Museu José Malhoa, uma conferência sobre aquele artista, integrada nas comemorações do centenário do «Grupo do Leão», de que Malhoa foi um dos mais destacados representantes.

O dr. **Cláudio Torres** vai dar amanhã, às 17.30, nas instalações do Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, uma conferência intitulada «Mértola: uma experiência de

defesa do património cultural».

Cinema

Algumas longas metragens de **Ingmar Bergman** e **Bernardo Bertolucci** serão exibidas nos próximos dias em Lisboa, na sede do FAOJ, sita na R. D. Estefânia, 16. Os miniciclos mostrarão, de Bergman, «Mónica e o Desejo» (hoje, às 21.30), «O Sétimo Selo» e «Persona» (amanhã, respectivamente às 18 e às 21.30), «A Hora do Lobo» e «Lágrimas e Suspiros» (no domingo, às 18 e às 21.30 horas). De Bertolucci, serão apresentados «Antes da Revolução» (dia 23), «Partner» e «O Último Tango em Paris» (a 24), e as duas partes de «1900» (no dia 25).

O Cine-Clube de Viseu vai homenagear **Chaplin**, revendo quatro dos seus filmes: «Quimera do Ouro (amanhã)», «O Circo» (dia 24), «Tempos Modernos» (8 de Maio) e «O Grande Ditador» (15 de Maio). As sessões terão lugar no Auditório da Casa Museu Almeida Moreira, com início às 15 horas.

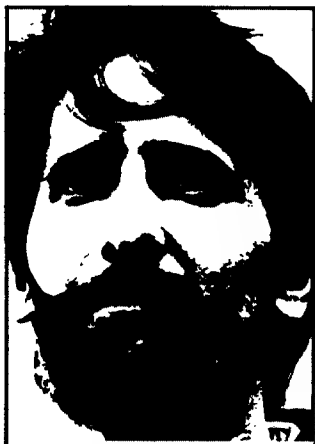
TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA 2.º JUÍZO ANÚNCIO

— Pela 1.ª Secção de processos deste Juízo, correm editos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os réus **SANTIAGO LAGO SAAVEDRA** e mulher **LIBANEA SAAVEDRA**, com última residência na Quinta do Torrão, n.º 16, r/c, na Costa de Caparica e presentemente ausentes em parte incerta, para, querendo, no prazo de cinco dias, decorrido o dos editos, contestarem a Acção Especial de Despejo n.º 1119/81 que lhes move o A. Possidónio Gomes, residente no Casal do Torrão, Costa de Caparica, pelos fundamentos constantes da petição inicial dos mencionados autos e cujo pedido consiste em ser decretada a resolução do contrato de arrendamento celebrado entre as partes e os réus condenados a despejar imediatamente a casa arrendada e objecto do referido contrato, com fundamento na falta de pagamento de rendas.

Almada, 19/3/82

O Juiz de Direito,
António Luiz Gil Antunes Gruncho

O Escrivão de Direito
Gil Conceição Martins



Luís Cília

com
Pedro Caldeira Cabral e José Eduardo

Teatro Aberto

de 7 a 18 de Abril às 21h.30
Praça de Espanha Tel. 770066



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; 17.05: Entreposto de ideias; 17.15: Pela estrada fora; 17.30: Ontem, amanhã e depois; 17.45: Entreposto de ideias; 18.05: Antologia teatral; 18.15: Jogo de antena; 19.00: Música; 20.00: Ler, ouvir e falar - pé de poeta - aqui jazz; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: Apontamento final do jogo de hóquei em patins Portugal - França; 22.00: Programa da noite; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 18.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.15: Música sinfónica; 16.50: Momento de poesia; 17.00: As palavras dos músicos; 17.30: O pianista Sequeira Costa; 18.05: As cores e as formas; 18.35: Eleméride; 18.47: Orquestra da Sociedade Corelli; 19.00: Eleméride; 20.10: Orquestras de câmara; 20.55: Música; 21.30: Concerto Estúdio A; 23.00: Música de câmara de Beethoven; 23.30: Música do século XX; 00.30: Canções de Schubert; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

14.03: Matinée; 15.45: Teatro trágico; 17.03: Ora hora; 20.03: Tempo de espectáculos; 20.30: Quando o telefone toca (1.ª edição); 21.03: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.30: Quando o telefone toca (3.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

15.03: Vapor; 16.03: Rock em stock; 18.03: Circulo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Espaço 3 P; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do tempo; 19.03: Programa da LAR; 19.30: Nota de abertura; 20.00: Dê no vintê; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Discos LAR; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Grande círculo; 23.05: Grande círculo (continuação); 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Notícias intercalares: 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao OM e FM de Lisboa, excepto no seguinte caso: 21.00: Dito e daquilo.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 003

HORIZONTAIS:

- Tempo do verbo ser. Astúcia. Preposição.
- Irão para fora. Boro (s.q.).
- Cardeal e erudito italiano que publicou em 1822 fragmentos importantes da República de Cícero. Saíam frequentemente à rua.
- Parte do engaste que se dobra sobre a pedra preciosa para a prender.
- Osório (s.q.). Ente. Vaguet.
- Freguesia do concelho de Penafiel. Consuma.
- Ondas curtas. Miriara.
- A voz do lobo e de outras feras. Trepo.
- Erva rasteira. Sobre.
- Inclinem. O mais.
- Ligadas. Plural.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

VERTICAIS:

- Tempo do verbo ser. Estado da Europa, que ocupa parte da orla ocidental da Península Ibérica.
- Antes do meio dia. Sadia. Caminhara.
- Dar mios. Que já tem muito uso.
- Uma das constelações zodiacais também chamada Carneiro. Defraudar.
- Em a. Felicidade. Agarrei.
- Tabela que indica as horas em que se fazem certos serviços (pl.). Aqui.
- Cidade da antiga Caldeia. Larvas das feridas dos animais.
- Abosver. Pessoa amada.
- Domesticaremos.
- Pronome demonstrativo.
- Recitar. Calamidade.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9263

HORIZONTAIS:

- Imério insular da Ásia Oriental. Cidade do estado de Minas Gerais.
- Tolero. Fugir alucinadamente.
- Monarca. Gorgear.
- Oferas. Ave trepadora. Guarneça de asas.
- Clima. Içara.
- Bebedeiras. Centiare.
- Nesse lugar. Preposição latina que designa movimento.
- Género de peixes ganóides de corpo alongado, dos rios dos E.U. Ovário dos peixes. Ruim.
- Sair frequentemente à rua. Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Cidade da Ucrânia.
- Falha. Rezo. Batraquão.
- Carta de jogar. Miriara. Brisas.

VERTICAIS:

- Medida inglesa. Quebre.
- Avivara o lume. O mesmo que molas.
- Desgastar por fricção. Fulgir.
- Brisa. Transferiram para outro dia.
- O sono das crianças. Naquela lugar.
- Vila e sede de concelho (Guarda).
- Estacionara. Atravessa.
- Nome de homem. Uma das partes do Mundo. Alternativa.
- Cidade da Umbria.
- Irmãs da mãe. Município.
- Guardaras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 002

HORIZONTAIS:

- COMIDA. SEM
- Avisassem.
- Lasco. Acama.
- Sa. Aços.
- Ovas. Nô. Aa.
- Al. Vidrado.
- Pr. Sé. Só.
- Arca. SM. Ro.
- Porção. Ecar.
- Eira. Ada.
- Assomanas.

VERTICAIS:

- CALDO. PAPO.
- Ova. Varro.
- Missal. Crés.
- Ará. Ras. Aam.
- Sarro. Ogiva.
- Dão. Raro.
- As. Anis. Mão.
- Sacodes.
- SECO. Me.
- Emas. As. Cai.
- Adorada.
- Sasão. Oras.

Provérbio: Comida sem caldo papo seco.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9262

HORIZONTAIS:

- Às Maria. AT.
- Calão. Sismo.
- Ará. Ras. Aam.
- Sarro. Ogiva.
- Orai. Asar.
- Caras. Si.
- Aotos.
- Russos. Ares.
- Ari. Lançar.
- Marta. Ovar.
- Osa. Trama.

VERTICAIS:

- Acaso. Gramo.
- Sarara. Uras.
- Lara. Asira.
- Ma. Ricos.
- Aoro. Atolas.
- Arosa.
- Isso. As.
- Al. Gas. Açor.
- Sais. Brava.
- Amavas. Eram.
- Tomarias. Rá.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	55875	60675	
ALEMANHA FED. (marco)	29850	30860	
AUSTRIA (xelim)	4810	4830	
BELGICA (franco)	18412	18612	
BRASIL (cruzeiro)	8206	8456	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	58825	60825	
(notas de 5 a 1000)	58875	60875	
DINAMARCA (coroa)	8870	9810	
ESPAÑA (peseta)	6335	6735	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	71335	73335	
(notas de 5 a 1000)	71885	73885	
FINLÂNDIA (marka)	15840	16800	
FRANÇA (franco)	11825	11895	
HOLANDA (florim)	26855	27855	
IRLANDA (libra)	102850	106850	
ITALIA (lira)	8049	8059	
JAPÃO (iene)	3282	3297	
NORUEGA (coroa)	11895	12855	
REINO UNIDO (libra)	12830	130830	
SUECIA (coroa)	12850	12860	
SUÍÇA (franco)	36820	37830	
VENEZUELA (bolivar)	14865	15865	

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

BYE BYE BRASIL com BETTY FARIA, JOSÉ WILKER e FÁBIO JR. em exibição no QUARTETO



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
As 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.

BYE BYE BRASIL

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
O ANJO DO ROCK

SALA 3

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
- Int. men. 13 a
A CALÚNIA

SALA 4

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

As 15, 17, 19 e 21.30
UNIVERSO EM FANTASIA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30
A GUERRA DOS GANGSTERS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 13.45, 17.30 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
Vencedor de 3 "Oscars"
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
3ª Semana

S. JORGE SALA 2

As 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- N. ac. men. 13 a
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
17ª Semana

S. JORGE SALA 3

As 14, 16.15, 18.45 e 21.30
DE QUEM É A VIDA, AFINAL
Int. m. 13 anos
4ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

N. ac. men. 13 anos
As 15, 17, 19 e 21.30
PARAÍSO AZUL
4ª Semana
As 24
ATENTADO AO PRESIDENTE

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Junho ao 1.º de 88
As 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
N. ac. men. 13 anos
DE QUEM É A VIDA, AFINAL?
21ª Semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 14.30, 18 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
22ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30

ARTUR, O ALEGRE CONQUISTADOR
c/ Dudley Moore e Liza Minnelli

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
A BELA ADORMECIDA
Falado em português
2ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Estreia às 21.30
MAS QUE VIZINHOS
As 14.15, 16.30 e 18.45
- Int. men. 13 a.
A CORAGEM DE UM HOMEM

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
PARAÍSO AZUL
As 23.45
OS DIAS IMPUROS DE UM MARINHEIRO

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

As 14.30, 16.30, 17.30, 21.45 e 24
CAÇADA SELVAGEM

SALA B

As 14.45, 17, 19 e 21.30
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
HERBIE UM CAROCHA
DOS DIABOS
7ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30
e 23.30
TIMES SQUARE
As 13.30, 16.30, 17.30 e 19.30
FANTASMA DE AMOR

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
DELÍCIAS NO LICEU

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Estreia às 21.30
AMAR DE NOVO
As 14, 16.30 e 19
FORT APACHE, THE BRONX

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
A BELA ADORMECIDA
- Para Todos
Falado em português
3ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

As 21.30
MAS QUE VIZINHOS
As 15.30 e 18.30
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

As 14, 16.30, 19 e 21.30
MOSCOVO NÃO ACHENTA
EM LÁGRIMAS
As 24
OS EXECUTORES

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AMANDA, PERIGO DE SANGUE
As 24.00 h.
OS BANQUEIROS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
A CORRIDA MAIS LOUCA
DO MUNDO
As 24
ASSALTO IMEDIATO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

As 14, 16.30 e 21.30
AMIZADE INDESTRUTÍVEL

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
ENCONTRO COM OS
EXTRATERRESTRES
3ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Estreia às 21.30
AVENTURA NO TEMPO
As 14, 16.30 e 19
HÉRCULES CONTRA OS MONGÓIS

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
CONCERTO POP

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O ÚLTIMO AMANTE ROMÂNTICO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
HOMENAGEM
c/ Lee Remick e Jack Lemmon

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
A ESCOLHA DAS ARMAS
c/ Yves Montand, Gerard Depardieu
e Catherine Deneuve

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carricho, 38

As 21.30 - N. ac. men. 18 a.
MAGIA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

As 21.30
O BANDO DOS OLHOS AZUIS
As 15.30 e 18.30
CARTAS DE AMOR

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15 e 18.15 21.30
- Int. men. 13 a.
UM AMOR INFINITO
4ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
ARTHUR,
O ALEGRE CONQUISTADOR

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Estreia às 21.30
VERDE VINHO
As 15.15 e 18.15
ORA AGORA MANDA TU

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Estreia às 21.30
A PELE
As 14, 16.30 e 19
A TUNICA

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Fort Apache, the Bronx», às 21.30 (18 anos)
ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 - «A Bela Adormecida», às 21.30 (6 anos)
RESTELO - «O Solteirão Amansado», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL - «Lulu», às 21.30 (18 anos)
2000 - «A Grande Desluz», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Sexta-Feira 13», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Gelado de Limão III», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - «A Víbora do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO - «O Macho Apetecido», às 21.30 e 23.00 (18 anos)
CITY CINE - «A Coragem de um Homem», às 21.30 (18 anos)
POLITEAMA - «O Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)
PATRIA - «As Graças do Inferno», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA - Incrível - «Jesus de Nazaré» (2ª parte) (6 anos)
ALMADA - Academia - «Guerreiros de Aço», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Cine-Almada - «A Calúnia», às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA - Silcine - «Outland, Atmosfera Zero», às 21.30 (18 anos)
SETUBAL - Júpiter - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino - «Os Buracos Estão na Moda», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «Bronco Billy o Aventuroso», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «Pixote, a Lei do Mais Fraco», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «Apeache», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cine-Piaç - «O Profissional», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Lido - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «O Fugitivo», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Cine-Exatão Famos - «Eu Te Amo», às 21.30 (18 anos)
MÉM MARTINS - Cine-Chubby - «A Médica do Coração», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Mito Sobre a Cidade», às 21.30 (18 anos)

Porto

ÁGUIA - «Caligula», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «As Herdeiras», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS - «Verde Vinho», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA - «Keona», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Caligula», às 21.30 (18 anos)
RAIONE - «Robert, Robert», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Um Amor que Não Morreu», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A - «Manhã Submersa», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «Arthur, o Alegre Conquistador», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «O Profissional», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «Herbie um Carocha dos Diabos», às 21.30 (6 anos)
FOCÓ - «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ - «A Amante do Tenente Francês», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Os Cavaleiros da Lenda», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Uma Louca História de Amor», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.45 (13 anos)
SÃO JOÃO - «A Bela Adormecida», às 21.30 (6 anos)

Lisboa

PERMANENTE

TELES, R. João de Barros, 2, Frente (T. 638176); ZIL, Av. da Igreja, 9-D (T. 981780); AZEVEDO INIMÃO & VIEGA, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); SIMÕES, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); OURIQUE, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); NOVA, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); ESTEFÂNIA, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438); CENTRAL DO LUMIAR, Al. das Linhas de Torres, 254-A (T. 798063); CORREIA DE ALMEIDA, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); MARLUZ, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); ZEMA, R. General Justino Padrel, 21-A (T. 832580); BRANCO, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); BRITO, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812).

teatros

Lisboa

VILLARET - «Blue Jeans», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES - «O Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA VITÓRIA - «Não Há Nada p/ra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL - «Virgem Alé Certo Ponto», às 21.30 (13 anos)
A BARRACA - «Femina Montes?», às 21.30 (13 anos)
COMUNIA - «A Viagem», às 21.45 (13 anos)
BAIRRO ALTO - «O Labirinto de Creta», às 21.00 (13 anos)
ABC - «Chá e Porradinhas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

REFORÇO

MENDES GOMES, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); ESTADOS UNIDOS, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); FIGUEIRAS, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 44995); ZIRA, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); RENASCENÇA, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); CAPUCHOS, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); S. A. E. SILVA FILHOS, R. São João da Mata, 72-74 (T. 661010); ALCALIS, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); DI-MAR, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); SOARES, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); VITEK, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); NUNES, E. Serra da Mira, lote 134; PIMENTEL, Az. dos Bezouros, lote R-8; VAZ MARTINS, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); NOVA, R. Acores, 11-A (T. 910305); T. Prioras (T. 251809).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas: ALCABIDECE: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas: PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas: MALVEIRA DA SERRA: Luz, até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; OBRAS: Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; NOVA OBRAS: Leal, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737); CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; PAREDE: Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; MURTAL: Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; SASSOEROS: Amarel Semelano, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; MADORNA: Madalena. Até às 22 horas; AMOROSA: Alameda, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2662313). Até às 22 horas; MONTE ESTORIL: Oestende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; CASCAIS: A. Costa, R. Freitas

Linha de Sintra

AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 935518). Permanente; Soares Corral, Careque. Até às 22 horas; DAMAIA: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; QUELUZ: Zeller, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; CACÉM: Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781). Permanente; ALGUEIRAS: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 2912038). Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; RIO DE MOURO: Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; SINTRA: Simões, Estefânia (T. 2930832). Permanente; COLARES: Abreja (T. 299088). CAMARATE: Batalha (T. 2518669). Até às 19 horas.

Outra banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leão, 49 (T. 270076). Até às 22 horas; COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva. Permanente; LARANJEIRO: Feljó, R. Borges Rego, 7-r/c (T. 2490911). Até às 22 horas; COSTA DA CAPARICA: Chal, Av. General Humberto Delgado. Até às 19 horas; BARRIO: Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; SETUBAL: Cunha Pinheiro. Permanente; LISBOA: R. Dr. Paulo Borba. SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); AMORA: Nova Amorenas, E. Nacional, 10, bloco A, loja A (T. 2216824); SEXAL: Alvaro Velho, Torre da Marinha. Até às 22 horas; MONTIJO: Montijo, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); MOITA: União Moiteira, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); ALHOS VEDROS: Guarnido, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); ALCOCHEITE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

farmácias

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86. Permanente; MOSCAVIDE: Império, R. de Oliveira, 48 (T. 2511234). Até às 22 horas; SACAVERM: Soares, R. José L. Morais, 15 (T. 2518025). Permanente.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

LIDADOR, R. do Lido, 265; QUEIJA FERREIRA, L. de S. Pedro, 64, Campanhã; SILVA PEREIRA, R. de Costa Cabral, 293; BOAVISTA, R. da Boavista, 601, à Carvalhosa; SOUSA SOARES, R. de Santa Catarina, 141.

DE DIA E TODA A NOITE

LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MUTUOS, R. do Bonjardim, 286; ANTIGA PORTA DO OLIVAL, Campo dos Mártires da Pátria, 122; BORRALHO, Av. Fernão de Magalhães, 692; CORREIA, P. Mousinho de Albuquerque, 78; RAMOS, P. do Exército Libertador, 91.



PORTO PAGO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
REDAÇÃO: 321154
Administração, Assessoria, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUIZ GOMES, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 305740

Agência, Assessoria e Contabilidade:
Rua Castanho, 155-1 - 1000 LISBOA
Telefones: 204511/2/3

Serviço de noite (depois das 21):
Porto: 321154
Redação: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico: DISOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE	
PREIA-MAR BAIXA-MAR	
8.26 2,9 m 1.35 1,8 m	
21.00 3,0 m 14.03.0 m	
Dia 17	
10.00 2,9 m 3.03 1,9 m	
22.29 3,1 m 15.39 2,0 m	
TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS	
VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	6°
VILA REAL	8°
PORTO	12°
P. DOURADAS	7°
COIMBRA	13°
C. ARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	15°
ÉVORA	9°
BEJA	13°
SAGRES	16°
FARO	17°
P. DELGADA	12°
FUNCHAL	16°

últimas

O MINISTRO da Defesa de Moçambique, general Alberto Chipande, visitará oficialmente Lisboa dentro de algumas semanas - confirmou hoje a ANOP junto de fontes oficiais em Maputo.

A iniciativa, encarada pela primeira vez durante a visita do Presidente Eanes a Moçambique, destina-se a fazer uma avaliação das possibilidades de cooperação militar entre os dois países.

Meios políticos em Maputo admitem mesmo a possibilidade de vir a ser assinado um acordo de cooperação técnico-militar, susceptível de contemplar a formação operacional de instrutores moçambicanos.

As autoridades moçambicanas parecem reconhecer que podem adequar melhor a preparação dos seus milicianos às exigências da situação que enfrentam e que são na prática as de uma contraguerrilha.

O recurso a Portugal é aparentemente favorecido pelo facto reconhecido em meios locais, de algumas unidades especiais do Exército português terem desenvolvido a um nível elevado as técnicas da contraguerrilha.

SALTOU DA PONTE D. LUIS no Porto para a morte, há três dias e só agora foi identificado. Trata-se de António Joaquim da Silva Pinto Barreto, de 28 anos, professor primário e que residia no lugar das Fontainhas, S. Paio de Fávões do concelho de Marco de Canaveses. Ainda não foram esclarecidas as causas que levaram ao desesperado acto.

ATENTADO EM ESPANHA contra um pequeno autocarro que transportava oficiais do Exército frustrou-se por a granada ter errado o alvo. Foi esta manhã às 7 e 30, hora de Lisboa, em Barcelona tendo sido usado um lança-granadas. Resultou apenas um incêndio no edifício onde penetrou a granada depois de abrir um orifício de 20 centímetros de diâmetro.

AUMENTO DO PÃO é do desconhecimento da Associação dos Industriais de Panificação segundo afirma o referido organismo que, no entanto, adianta saber que está tudo preparado oficialmente para agravar o preço do trigo em 52%, o da farinha em 46% e, finalmente, o preço do pão em 33%. Afinal sempre têm conhecimento.

A EMBAIXADA DE CABO VERDE em Lisboa foi objecto de um assalto em circunstâncias ainda por esclarecer. Não se encontram vestígios de arrombamento, pelo que se admite a hipótese de o autor, ou autores, terem ficado no interior durante o período de encerramento: das 18 horas de antontem até às 8 do dia imediato. As instalações diplomáticas ficam situadas no Restelo, e, segundo se apurou, foram subtraídos dois cofres portáteis contendo dinheiro e cheques no montante de 400 contos.

Amnistia rejeitada, as "taxas" continuam

Barrillaro Ruas (PPM): falta-lhe ambição ... tem liberdade de espírito

Os senhores deputados que votam a favor da amnistia, façam favor de se levantar. Primeira fila?... - era o Presidente da Assembleia da República. Um a um, os deputados da Oposição, levantam-se. Nas bancadas da AD ergue-se um deputado: Henrique Barrillaro Ruas (PPM). Se alguns deputados da AD tiveram a coerência de se ausentar, Barrillaro Ruas teve a coragem de ficar. De votar. Católico, sempre muito longe das intrigas dos corredores (ou voando sobre um ninho de cucos), as suas intervenções pautam-se sempre por uma grande dignidade. Falta-lhe a ambição do Poder, sobra-lhe a independência de espírito. Poderia referir como o deputado Borges de Carvalho (PPM) votou contra a amnistia. Não vale a pena, é melhor ignorar...

Os senhores deputados que votam contra, façam favor de se levantar. Primeira fila?... - prossegue o presidente. Um a um, os deputados da AD levantam-se. Mas a maioria estava assegurada com a chuva de dez substituições, como ontem aqui contámos. As ausências apasavam na AD (e na sua consciência).

Carlos Robalo, Rui Pena, Narana Coissoró, Adriano Moreira, João Porto do CDS. Tinham sido substituídos. Sairam da sala Natália Correia (PSD) e Sanches Osório (CDS) que não aceitaram ser substituídos. Nuno Rodrigues dos Santos (PSD) também foi substituído. Com 119 votos a favor e 102 contra era rejei-

tada a amnistia aos trabalhadores da Comunicação Social.

Já depois das 17 horas, começava no Parlamento a discussão de projectos de lei da UEDS e do PCP, sobre a eliminação das **taxas moderadoras** dos Serviços Médico-Sociais e dos medicamentos. O hemiciclo estava quase vazio e o debate arrastava-se monótono. CDS e PSD não intervieram: deixam o Governo (ministro dos Assuntos Sociais e secretário de Estado, Luís Barbosa e Paulo Mendo) a defender-se perante a Oposição. Nos debates sobre matérias muito concretas, a maioria dos deputados alheia-se. Mais do que um fórum de debate, o Parlamento, tornou-se praticamente numa urna de voto.

Vinte e cinco por cento do Orçamento é para pagar as facturas das farmácias - queixa-se Paulo Mendo, secretário de Estado. Faz, depois, a lista das carências hospitalares, etc., etc. **Há um ano, o senhor secretário de Estado fez aqui o mesmo discurso. Mas o que foi feito entretanto?** - pergunta Vidal Amaral (PCP). Zita Seabra (PCP), Octávio Cunha (UEDS), Gomes Carneiro e Fernandes da Fonseca (PS) insistiram junto do Governo, apresentaram argumentos. **Os reformados, as grávidas, os trabalhadores não podem pagar estas taxas -** sublinham. Nas bancadas da AD, o silêncio.

As taxas moderam o consumo de medicamentos? Os deputados da Oposição - e o Governo não nega - afirmam o contrário. Gomes Carneiro

aponta números que levam a concluir que, apesar das taxas, o consumo está a aumentar. Quando do anúncio das **taxas moderadoras**, na apresentação do Programa do Governo, muitos deputados da maioria não gostaram. Moura Guedes, presidente do Grupo Parlamentar do PSD, insurgiu-se mesmo contra as medidas no sector da Saúde. Caiu em desgraça. A maioria AD, com o silêncio de ontem à tarde, continua a mostrar hostilidade a esta medida. A não comprometer-se. **O Governo poderia suspender estas medidas lá para Julho -** dizia-nos um deputado da maioria. Objectivo: as eleições autárquicas.

Os projectos de lei da UEDS e do PCP serão, certamente, rejeitados, ao fim da manhã de hoje com os votos da AD.

Finalmente, pela segunda vez, Rui Amaral (PSD) continua a não ser eleito para o Conselho da Europa. Para além dos votos contra da Oposição, Rui Amaral tem ainda a **abstenção** de muitos deputados da maioria e do seu próprio grupo parlamentar. **Esparilhados** pela disciplina de voto nas **questões governamentais**, os deputados da AD refugiavam-se em actos de **rebelia** sempre que podem. Tal como aconteceu quando a AD não elegeu, à primeira volta, o presidente da Assembleia, Oliveira Dias (CDS), quando o voto é secreto, os deputados da AD **vingam-se** e ajustam contas entre si.

F. M.

Debate sobre regionalização

Governo não cumpre calendário que ele próprio elaborou

A não comparência de membros do Governo levou ao cancelamento de uma reunião, no âmbito do processo de regionalização, prevista para ontem em Santarém.

Na reunião, que se enquadrava no calendário elaborado pelo Governo, deveriam estar presentes o ministro-adjunto do Primeiro-Ministro, Fernando Amaral, e os secretários de Estado Ribeiro e Castro e Figueiredo Lopes, segundo informação da Secretaria de Estado da Administração Local e Regional.

O cancelamento da referida reunião foi decidido pelos autarcas presentes após terem tido conhecimento da impossibilidade de participação dos membros do Governo. Fontes locais informaram à ANOP que Ribeiro e Castro enviou um telex em que anunciava estar doente, mas que da parte dos outros dois membros do Governo não tinham recebido qualquer aviso.

Diferente é a versão de Fernando Amaral e de Figueiredo Lopes. O primeiro afirmou não ter comparecido à reunião por ter sido informado do cancelamento desta... O segundo, em declarações à ANOP, disse só estarem previstas intervenções suas, no processo de debate sobre regionalização, a partir de 20 de Abril. Recorde-se que no calendário distribuído pela Secretaria de Estado da Administração Regional e Local, aos órgãos de Comunicação Social se anunciava a presença de Figueiredo Lopes nas reuniões de Santarém e de Salvaterra de Magos, que se deveriam realizar ontem.

Membro do Governo abandona reunião

O secretário de Estado do Emprego, Luís Morales, que ontem abriu o debate público sobre regionalização em Beja, abandonou a sala logo a seguir alegando não querer, com a sua presença, influenciar, directa ou indirectamente, a discussão.

Este abandono foi considerado por autarcas da APU e do PS como uma «verdadeira desconsideração» aos representantes do poder local.

Durante esta reunião, os autarcas participantes declararam-se unani-

mente a favor da regionalização «mas à custa do poder central e nunca custeada pelo poder local». Francisco Feiguerias, autarca de Cuba, interpelou os técnicos da Comissão de Coordenação Regional do Alentejo (CCRA), perguntando «como quer este Governo falar em regionalização, quando apresenta na Assembleia da República cinco diplomas que são autênticos garrotes ao poder local».

O presidente da CCRA declarou, no fim do debate, que o saldo deste tinha sido positivo.

Anunciada conferência internacional

O secretário de Estado da Administração Interna disse ontem em Coimbra que «nas regiões marcadas por um atraso no desenvolvimento existe uma maior esperança na regionalização para o desbloqueamento da situação».

Carlos Encarnação, que falava na abertura de um debate público sobre regionalização, acrescentou que «o interesse pelo processo é menos nítido nas zonas mais próximas dos centros de decisão e do poder».

Depois de considerar a regionalização como «uma questão fundamental para a construção do Estado democrático» o secretário de Estado salientou que «o Governo, nesta fase de escutação, não tem opiniões formadas nem esquemas prestabelecidos sobre o assunto».

«Depois desta fase, que terminará no final de Abril, o Governo elaborará um relatório síntese que será uma carta da opinião pública sobre a regionalização», referiu.

«Uma conferência internacional sobre o problema precederá a elaboração de uma lei quadro a apresentar à Assembleia da República» - indicou o membro do Governo.

Na reunião, dedicada aos agrupamentos Coimbra/Lousã, e em que esteve presente o secretário de Estado da Administração Regional e Local, Roberto Carneiro, foram analisados os sistemas financeiros da regionalização, aspectos de planeamento, reforço da autonomia do poder local e relações entre níveis de administração.

Direcção parlamentar do PSD convida cinco deputados a renunciar

Cinco deputados sociais-democratas foram convidados, pela direcção do Grupo Parlamentar, a suspender ou a renunciar ao mandato. Motivo: excesso de faltas aos trabalhos parlamentares.

Estão neste caso os deputados Leonardo Ribeiro de Almeida, antigo presidente da AR, Cardoso e Cunha, antigo ministro da Agricultura, e ainda Adelaide Paiva, Américo Dias e Bernardino Costa Pereira. Qualquer destes deputados deu mais de 20 faltas nos últimos três meses.

A falta de assiduidade e participação nos trabalhos parlamentares é um facto em todas as bancadas par-

lamentares. A direcção do Grupo Parlamentar do PSD, em reunião, decidiu pôr um pouco de disciplina (com a eventual criação de uma Comissão) nos deputados sociais-democratas.

Para além disso, a direcção do Grupo Parlamentar do PSD resolveu, também, enviar cartas aos 18 deputados que faltaram na sessão de terça-feira passada, quando se encontrava agendada a votação do projecto de lei de amnistia a jornalistas de Órgãos de Comunicação estatizados. Esta situação, que levou a maioria a ficar em minoria - não poderá repetir-se e os deputados **depois de se ausentarem devem justificar as faltas** pela Direcção.

Desmentida demissão de Cruz Vilaça

«Pura invenção» - foi assim que esta manhã, do gabinete do Primeiro-Ministro comentaram para o «DL» a notícia que dava como demissionário o secretário de Estado da Integração Europeia, que seria hoje mesmo, ou muito brevemente, afastado do Governo, juntamente com outros membros do Executivo.

Também do gabinete do secretário de Estado, Cruz Vilaça, foi-nos formalmente desmentida a existência de qualquer pedido de demissão daquele elemento do CDS, bem como de quaisquer desinteligências com o ministro que superintende naquele departamento, o ministro de Estado e das Finanças, João Salgueiro.

A notícia da demissão de Cruz Vilaça, que seria aceite nos próximos dias

e que levaria à imediata substituição de outros secretários de Estado, foi divulgada pelo «O Dia» hoje de manhã, depois de o «Tempo» ter publicado ontem afirmações semelhantes, mas em tom dubitativo.

Por outro lado, o matutino afirmava também que os novos secretários de Estado seriam nomeados pelo Presidente da República interino, Oliveira Dias, do CDS. Procedimento que, de acordo com uma fonte do gabinete de Balsemão, nunca seria utilizado pelo Primeiro-Ministro, que não aproveitaria a ausência de Eanes em Angola para, nas suas costas, empessar novos membros do Governo.

Foi-nos também desmentida a intenção do Primeiro-Ministro de remodelar de imediato o Governo, substituindo novos secretários de Estado.

APARTAMENTOS

FÉRIAS VERÃO PRAIA

- ALTO DA TORRE / SOLAMENO - Armazém de Pera
- MINICHOVO / MONTE CHOVO - Albufeira
- PORTAVISTA - Praia da Rocha
- PALMEIRA BENTA - Vale do Lobo
- PLANÍFIAS - Quarteira
- LAGO AZUL - Vilamoura

NUMERO LIMITADO DE APARTAMENTOS

abreu

fundada em 1840

PORTO - Av. Alados, 207 - Tel. 317921
 LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
 LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 805096
 COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
 F. A. R. O - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
 FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 1982

Estórias de Portugal



NÃO se faz!

Se é urgente dizê-lo, está aqui o estoriador, teclado nacional, «hcesaropz» aberto às balas, a matraquear alto: — Não se faz!

A nossa vida é um constante sobressalto! Da Constituição, é a revisão com o horrível suspense, a angústia, o coração apertadinho, de ainda não sabermos se o que vem a seguir **ruma ou não rumo ao Socialismo**.

Sabe-se como este pormenor tem influido na governação do País. Preso da Lei Fundamental o nosso Governo tem **rumado** tanto que nem tempo lhe tem restado para governar mais nada. **Ruma** o senhor primeiro-ministro, **ruma** o senhor professor Freitas do Amaral, **ruma** o senhor ministro dos Assuntos Sociais... até o engenheiro Ângelo Correia **ruma**! Com um **rumo** destes na Constituição como ainda há quem se atreva a afirmar que o Governo não governa, organiza «rumarias»?... Não se faz! Libertem o Governo deste seu **rumo** obrigatório e vejam o novo **rumo** que as coisas tomam. Não lhe lancem em cima é uma **cortina de rumo**. Não se faz!

E os cabelos brancos, as dúvidas existenciais, as atormentações metafísicas que nos está a causar o «Estranho Mistério do Polícia Aparecido». Nem a Agatha Christie, nem o Ellery Queen, nem o próprio inspector Varatojo nos conseguiram proporcionar nada mais intrigante e difícil de deslindar. Do senhor ministro Ângelo Correia sabemos agora a sábia razão por que dele fizeram «chefe de esquadra» das Polícias: o seu requintado gosto pelos «políciais». Esta coisa de não sabermos se o «antiterrorista» espanhol é o número um, quatro ou cinco, dado que o senhor ministro nos garante que o dois ou o três não é ele com certeza absoluta e com uma garantia dessas...; esta coisa de estar por apurar se o Chefe da Brigada é o número seis, o sete ou o oito, que, como, se sabe num caso de **subievação** como a que existiu no dia da Greve Geral tem uma importância incalculável, atrasa-nos as digestões, enrugam os rostos, asiá-nos os estômagos. Não se faz! As nossas psiques não dispõem dum segundo de repouso. As máquinas de pensar estão, incessantemente sujeitas ao maior esforço cada vez pensam mais rápido.

E esta coisa de cada português dever setenta contos ao estrangeiro?...

Já viram susto maior?... Imaginam aflição mais cara?...

Por mim cada vez que pressinto um calmeirão loiro e de olhos claros, encavalitado num caixote fotográfico, família a tiracolo, sorrindo a 6X4 para a posteridade colorida, dá-me para estarrecer. Eu sei lá se é àquele que eu estou a dever as setenta donas Marias e o tipo anda num de cobrador?... Confesso que estrangeiro ao pé de mim só se correr mais do que eu. Topo um e os meus sete pés voam!

Não se faz!

E, como se tudo isto fosse pouco, um Pedro Armendariz de cinco estrelas ainda nos inventa a estória das Malvinas!...

Como é que eu vou agora explicar às crianças que as físgas que lhes ofereci eram para se defenderem da ameaça soviética e os autocolantes com que forraram o quarto para se protegerem dos perigos nucleares?...

A paciência que vou ter de adquirir na farmácia até que o Onofre perceba que estas Malvinas nunca foram personagens de telenovela...

E a questão do imparável aumento do desemprego nos países da CEE?... Agora foi mais um: o lord Carrington!

Não se faz!

Se depois destes anos todos em que me andaram a impingir as estórias dos blocos, com os americanos dum lado e os russos do outro, ou vice-versa, me obrigam a um novo olhar sobre o Mundo dividido em duas forças, a argentina e a britânica, desisto, demito-me, saneio-me, vou-me embora para Parságada! Mais... nunca mais danço tangos nem compro canecas com as orelhas do Príncipe Charles. Eu sou assim!... Metam-se comigo, metam-se... É que não se faz!

Francisco Nicholson

OS ACTORES VÃO AO TEATRO

O Adóque foi à Barraca

NA Barraca representava-se pela centésima vez esse belo espectáculo que é «Fernão Mentos?», enquanto no Adóque se vivia a folga doutro grande êxito teatral da presente temporada: «Tá entregue à bicharada». Tanto bastou para que artistas e técnicos do teatro do Martim Moniz se deslocassem, em peso, à Barraca para ali viverem a maravilhosa aventura que constitui a representação da peça de Helder Costa. No final, em cena aberta,

a actriz Maria do Céu Guerra referiu a presença dos seus colegas aproveitando para uma vez mais chamar a atenção para os momentos de sobressalto que os dois grupos atravessam dados os constantes adiamentos da resolução dos casos referentes aos mandatos de despejo de que ambos estão a ser alvos. Barraca e Adóque, vivendo horas de incerteza quanto ao futuro, não deixam de acreditar que os direitos adquiridos ao longo de existências, das mais brilhantes do Teatro Português, diferentes nas suas propostas, idênticas

nas suas buscas de qualidade, serão respeitados e a solução dos seus problemas está para breve.

Isto transparece em todas as declarações dos seus elementos de entre os quais nos afirmou Francisco Nicholson:

— A vinda do Adóque à Barraca é perfeitamente natural. Primeiro porque sendo nós pesos do teatro não poderíamos deixar de ver e rever um espectáculo tão bom e importante como é este «Fernão Mentos?» que recomendamos a toda a gente com o maior entusiasmo.

Depois sempre nos uniu à Barraca laços da mais fraternal camaradagem que num momento como este que estão a atravessar os dois grupos é muito natural que se apertem ganhando força renovada. A questão da Barraca preocupa-nos como a do Adóque, são problemas do Teatro Português, da nossa cultura que dizem respeito a todos nós cidadãos deste país. As coisas têm vindo a arrastar-se mas da vitalidade dos dois grupos está aí a prova nos espectáculos que a Barraca e o Adóque neste momento apresentam.

Como o vulgar cinema americano antevê a terceira guerra mundial

A Radiotevisão Portuguesa está a apresentar, nas noites de sábado, uma série de filmes de terror. Trata-se duma versão própria de Hollywood do que poderá vir a ser uma III Guerra Mundial. A versão ou visão proposta é risível, até nos Estados Unidos — onde estão a proliferar os filmes que propõem a «perversidade» dos «russos» com os «bons sentimentos», tradicionais, dos americanos. Exemplo bem ilustrativo é a série de dois episódios titulada «III Guerra Mundial». Distingue-se, por outro lado, por não dar uma visão mais aperfeiçoada das ideias que o complexo militar dos EUA pretende difundir, e permitir a leitura, cinematográfica, da política externa de Ronald Reagan.

Vejamos a trama, e algumas das suas mais significativas incidências. Estamos no Alasca, em 1987. Sob uma violenta tempestade de neve desembarca, em silêncio, um destacamento militar. Trinta e cinco vultos de camuflado branco e um veículo todo o terreno. São soviéticos. Missão: apoderarem-se de uma das estações de bombagem do oleoduto americano, que vai do Alasca ao centro do país, a mais importante artéria de fornecimento de combustível dos Estados Unidos.

É a primeira parte dum caviloso plano elaborado por Moscovo e consiste em exercer chantagem sobre o governo de Washington, com base na ameaça de destruição do oleoduto. Mas um objectivo ainda mais perverso abriga-se nas mentes dos dirigentes soviéticos: provocar uma Terceira Guerra Mundial para destruir a América e apoderar-se de todo o planeta, ainda que para isso tenha de o reduzir a cinzas.

O destacamento avança, inexoravelmente. Os soldados, de armas sofisticadas, deslocam-se num turbilhão de neve, como fantasmas, sobre a pacífica terra americana. Avistam uma casa isolada. Dirigem-se para lá. Na



pequena mansão, quente e confortável, mora um casal, em grande harmonia. Ele é escultor, ela desempenha dedicadamente tarefas domésticas. De repente, surgem os monstros. Brancos, com espinhos cinzentos. Enormes óculos escuros escondem os feios semblantes. Olham, durante longos e intermináveis segundos, o casal em pânico. Depois disparam.

Os russos brancos e espinhosos continuam a marcha através do Alasca. Uma pequena patrulha americana vem ao seu encontro. Aproximam-se e são batidos impiedosamente. O sangue dos jovens americanos mancha a paisagem de neve, e os camuflados brancos dos assassinos.

Entretanto, outra patrulha americana comandada por um jovem e atraente major de ar inteligente e decidido encontra o casal assassinado na casa iso-

lada e descobre os corpos, sem vida dos soldados. Quem poderia cometer tais atrocidades? O major, que é astuto, suspeita imediatamente dos soviéticos (ou «russos», como pejorativamente são designados). Informa o seu superior. Mas este homem bem ingénuo, aliás como quase todos os oficiais de alta patente do exército americano, não acredita. O major não tem tempo a perder. Liga directamente para o presidente dos Estados Unidos.

Também o presidente dos EUA não quer acreditar no que lhe contam. Pelo sim, pelo não, contacta Moscovo, pela linha quente. Não querendo melindrar as autoridades militares soviéticas, pergunta, se, por acaso, não se teriam perdido alguns soldados que, inadvertidamente, tenham ido parar ao Alasca.

Moscovo nega. Um general

altamente colocado, autor do diabólico plano, ri, satisfeito, e esfrega as mãos de contentamento. Enfim, a III Guerra Mundial não está «para lá das montanhas», mas ali mesmo, e prestes a rebentar. Em que radica tão veemente desejo? Resposta fácil, na óptica americana: é esse o sonho de todo o general soviético, desde criança.

Nesta altura, o simpático major americano travava titânico combate em defesa da estação de bombagem. As «feras» soviéticas (ou «russas», de preferência) são três vezes mais. A luta é feroz e desigual. Mas o oficial americano tem uma ideia brilhante: falar ao coração do comandante do destacamento inimigo. E fala, explicando-lhe como a guerra é uma coisa terrível, e como é melhor viver em paz, principalmente quando está tão mau tempo. E fala tão convincentemente, que o soviético compreende. Então os dois homens apertam as mãos, reconciliados.

As forças do mal, todavia, têm mil olhos. E dois deles estão ali, no destacamento. São os do velho comissário, que apesar da gripe crónica que o aflige, não abandona jamais a vigilância. E ele que vai cumprir a missão. E atrai uma granada para os pés do camarada convertido. A estação explode.

Conclusão: a paz não é possível, com os soviéticos. Em Moscovo, o general «russo», no comando e sobre o painel, prime um botão, e dá início ao primeiro ataque nuclear.

Ao presidente americano, então, não resta outra alternativa: prime também o seu botão, e desencadeia o ataque de resposta. Mas há lágrimas a correrem-lhe dos olhos.

Anedota ou não, conta-se que muitos americanos que viram o filme passaram a não se deitar sem espreitar antes para debaixo da cama e pelos roupeiros. Não há «russos» escondidos, mas, pelo sim, pelo não, passaram a dormir de luz acesa.

Agenda Sete Ponto Sete

Cinema

● **Reds**
de Warren Beatty
(USA-1981)

A história de amor de John Reed e de Louise Bryant, atravessada pela fermentação dos dias que abalaram o mundo.

Um filme curiosíssimo que levanta questões éticas e históricas. Diane Keaton é fabulosa, Beatty bem menos.

Cinema S. Jorge 1
(13.45, 17.30 e 21.15 h)
(não acons. men. 13 anos)

● **A Amante do Tenente Francês**
de Karel Reisz
(GB — 1981)

Duas histórias de amor que se cruzam no espaço de um filme. Karel Reisz, de novo, a surpreender. Meryl Streep a provar que é uma atriz fabulosa.

Cinemas ABCine — sala B
(14.45, 17, 19, 21.30h)
e S. Jorge 2
(14.15, 16.45, 19.15 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● **Os Salteadores da Arca Perdida**
de Steven Spielberg
(USA — 1981)

Vai por aí fora acumulando espectadores às centenas de mi-

lhar. E um cinema diferente que ousa ser adolescente e ter memória. O maior espectáculo do ano.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45h)
(não acons. men. 13 anos)

● **Pixote**
de Hector Babenco
(Brasil — 1980)

A delinquência juvenil num filme que nos dá a violência do Brasil urbano. Discutível mas a saber jogar todos os trunfos que agarram e convencem o espectador

Cinema Quarteto — sala 4
(14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h)
(interdito a men. 18 anos)

● **Bye Bye Brasil**
de Carlos Diegues
(Brasil — 1980)

A desesperança numa viagem pelos quatro cantos do Brasil. A estrada não leva a lado nenhum. Um sintoma de fadiga.

Cinemas Estúdio 444
(15, 17, 19 e 21.30h)
e Quarteto — sala 2
(15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● **Fantasma de Amor**
de Dino Risi
(Itália — 1981)

É académico? É. Mas a sinceridade com que Risi nos fala



Romy Schneider em «Fantasma de amor»

das suas angústias sobre o envelhecimento é tão forte que o filme acaba por ter fôlego suficiente para vencer as suas pró-

prias rugas. Não será propriamente apaixonante mas é uma patética história de amor perdido.

AS ESTRELAS

A amante do tenente francês	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★
Pixote	★★★★
Bye Bye Brasil	★★★★
Fantasma de amor	★★★★
A calúnia	★★★★
A escolha das armas	★
Arthur, o alegre conquistador	★

A «CHAVE»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
★ — A evitar

Cinema Apolo 70
(13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● **A Calúnia**
de Sydney Pollack
(USA 1981)

Pollack revigorado fala da América. Um filme por onde passam muitas coisas essenciais a toda a ética da narrativa. Paul Newman no comando das operações de cena.

Cinema Quarteto — sala 2
(15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)(não acons. men. 13 anos)

● **Arthur, o Alegre Conquistador**
de Steve Gordon
(USA — 1981)

Uma comédia centrada num actor (Dudley Moore) que é, sobretudo, um **entertainer**. John Gielgud afina pelo cabotismo geral mas o seu talento é tão grande que não desliza para o abismo. Liza Minnelli aceita ser uma quase secundária.

Cinemas Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30h)
e Terminal(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 13 anos).

Teatro

ADOQUE

● «Tá Entregue à Bicharada de F. Nicholson e G. Preto

Vá descansado: não é o espectador que está entregue à bicharada. É o Adoque. Veja um espectáculo inteligente e divertido e faça força para que a companhia continue.

BARRACA

● «Fernão Mentos?»
de Helder Costa

Só até ao dia 18: depois é a vez da província. Aproveite para ver, ou rever, um dos melhores espectáculos de 1981.

COMUNA

● «A Viagem»
de Helder Costa

Outro grande espectáculo. Certamente, um dos melhores de 1982. Vale ver e rever.

MARIA VITÓRIA

● «Não há nada p'ra ninguém»
de H. Santana, C. de Oliveira, R. Bracinha e A. Fraga.

A melhor revista de 1981. Veja porquê.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

● «O labirinto de Creta»
de António José da Silva

Veja e reveja um superespectáculo assinado por Luís Miguel Cintra.

Um gostoso.

TEATRO DA NOVA

● «Rei Ramiro»
de Rui Costa Lopes

Um novo grupo e várias surpresas: o texto, a cenografia, a música. Veja que vale mais do que a pena.

FORA DE LISBOA

PORTO
SEIVA TRUPE

● «Longe da Cidade»
de Jean-Paul Wenzel

Cinema português no Centro Georges Pompidou

Desde o dia 5 de Abril e até 6 de Junho, estão a ser projectados no Centro Georges Pompidou, por iniciativa de Jean-Loup Passek, conselheiro de cinema no mesmo Centro, uns sessenta filmes portugueses. Oito cineastas vão estar presentes em Paris, cada um deles durante uma semana, de Luís Filipe Rocha e Paulo Rocha, passando por Manoel de Oliveira.

«Esta retrospectiva é a consequência de um enorme trabalho», explica Jean-Loup Passek. Nunca teríamos podido levá-lo a bom termo sem a colaboração do Instituto Português de Cinema e da Cinemateca Portuguesa. Apresentamos uns sessenta filmes, entre eles toda a obra de Manoel de Oliveira. Quanto aos outros

cineastas, apresentamos dois filmes de cada um. Também quis dar a conhecer a comédia popular dos anos 30. Tenho muito orgulho em poder mostrar a Severa de Leitão de Barros (1931), cujo argumento é da autoria dos nossos compatriotas René Clair e J.-B. Brunius.»

Numa introdução à manifestação, especialmente escrita para CNAC-Magazine, a revista do Centro Georges Pompidou, Jean-Loup Passek recorda que o cinema português nasce em 1869, numa imitação dos irmãos Lumière, que Aurélio Paz dos Reis copia fielmente. Mas Portugal teria a sorte dos países demasiado pequenos para uma existência cinematográfica digna desse nome. A produção

anual conta-se muitas vezes pelos dedos da mão, e a longa noite da ordem moral de Salazar não arranja as coisas. Uma publicação editada no fim de Abril recordará as etapas de um lento processo de libertação.

Jean-Loup Passek vê em Dom Roberto (1962) de Ernesto de Sousa, uma obra simpática influenciada por Chaplin e de Sica, o sinal precursor de um cinema diferente. Mas O Cerco (1979) de António da Cunha Telles, apresentado em estreia mundial na Semana da Crítica do Festival de Cannes, marca o início do futuro cinema português. Uma instituição privada, a Fundação Calouste Gulbenkian, tem um papel importante no apoio ao jovem cinema, até à Revolução dos Cravos, em

1974. Cinema de intervenção e cinema de criação vão, a partir dessa data, desenvolver-se paralelamente. Manoel de Oliveira que resume um pouco o cinema português, tal como Dreyer resumiu o cinema dinamarquês, tem, tardiamente, a possibilidade de trabalhar com alguns meios.

Se fosse necessário recordar títulos, citaríamos, para além de Manoel de Oliveira, A manhã submersa (1980) de Lauro António, que, com um tema próximo do do filme francês Anthracite, trata para além da reificação, de uma educação e de uma mentalidade; Trás-os-Montes (1976), de António Reis e Margarida Cordeiro; Conversa acabada (1981) de João Botelho; os primeiros filmes de

Paulo Rocha, assim como a Ilha dos Amores (1982), o seu trabalho mais recente, já escolhido para a competição oficial no próximo Festival de Cannes. O filme encerrará, no dia 6 de Junho, a manifestação de Beau-bourg.

A traço grosso podemos dizer que o cinema português moderno, na melhor tradição de Manoel de Oliveira, é um cinema predominantemente literário, fortemente introspectivo, ligado, quase passionalmente à terra, à cultura e à língua portuguesas. É bom não esquecer que Portugal sempre se sentiu e se quis muito próximo da França, dos seus escritores, dos seus artistas, logo dos seus cineastas.

Louis Marcorelles

Exclusivo DL

Cinema e papel pintado

In Alfred Hitchcock's

Os catálogos dos ciclos cinematográficos da Fundação Gulbenkian têm vindo, nos últimos anos, a constituir publicações de uma relevância notável. Não admira, por isso, que a Retrospectiva Hitchcock's tenha dado origem, em edição conjunta da Fundação Gulbenkian e da Cinemateca Portuguesa, a In Alfred Hitchcock's, um volume a que a própria encadernação confere uma assumpção de ser algo mais que o episódio suporte escrito de um conjunto de filmes: trata-se de um livro sobre Hitchcock, excelente, em texto e grafismo.

O volume compõe-se de uma longa quase-monografia do realizador («Da vida e obra de Alfred Hitchcock» de João Bénard da Costa), e de uma série de pequenos artigos, na sua maioria traduzidos de livros ou revis-

tas, onde se destaca «It's only a film ou a face do nada» de Pascal Bonitzer que, pessoalmente, considero uma das mais penetrantes e produtivas abordagens de Hitchcock jamais feitas (o artigo saiu, originalmente, nos «Cahiers du Cinema», no n.º 8 «hors série», editado em Outubro de 1980). A contribuição portuguesa (para além do trabalho de Bénard da Costa) queda-se em dois artigos, um assinado por Luís Noronha da Costa, outro por Jorge Alves da Silva.

Se o texto de Noronha da Costa, não sendo brilhante (e padecendo, talvez, do vício português dos «achados» súbitos que, depois, não são trabalhados) é, apesar de tudo, interessante, o texto de Jorge Alves da Silva tem algo que o torna singular neste livro. É que enquanto o conjunto dos trabalhos são inte-



ligentes, o de JAS é apenas esparto; enquanto os restantes denotam uma certa atenção ao cinema, o de JAS só olha para o umbigo; enquanto a globalidade deste livro é competente o texto de JAS é apenas uma anedota. Jorge Alves da Silva conclui no seu texto que «somos todos polacos» depois de inferir que o mal, o crime, o medo em Hitchcock é apenas a cifrada metáfora

do comunismo. Para além dessa interpretação da obra hitchcockiana ser abusiva (o que, vá lá, era o menos, cada um faz as interpretações que merece), o artigo nitidamente anda geograficamente desorientado. Se JAS é «polaco», o problema é dele. Se a frase é metafórica, se ele apenas se sente polaco embora o não seja, a coisa torna-se mais perceptiva: andando,

como é facto, tão pelos corredores, antecâmaras e alcovas do poder televisivo, é natural que tenha começado a confundir ditadores e lugares geográficos. Mas que nos meta a todos no mesmo saco, é um pouco excessivo. Pior se, num tom entre o Zaratustra e o Rasputine, vier, sob a chancela da Gulbenkian e da Cinemateca, fazer o papel ridículo do candidato a pequeno iluminado. E quanto ao medo dos comunistas pode estar descansado. Garantem-me os meus amigos do PC que os comunistas portugueses só comem crianças de tenra idade, rechonchudas. JAS está fora de questão, não acabará no espeto.

É deste modo que In Alfred Hitchcock's não é um livro 100% recomendável. Mas no melhor pano cai a nódoa. E não será esse texto tonto que retirará a esta publicação um lugar garantido em todas as estantes cinéfilas que se prezem.

JLR

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português



Elso Roque (à dir.) com Fernando Lopes na rodagem de «Belarmino» (1963)

ROQUE, EL SO

— director de fotografia

R Nasceu no Seixal a 6 de Agosto de 1939. Tira o curso industrial no Barreiro, na Escola Industrial Alfredo da Silva. Faz o serviço militar nos Serviços Cartográficos do Exército onde ingressa após uma breve experiência no jornal de actualidades «Imagens de Portugal» dirigido por Cunha Telles para a Tóbis Portuguesa. Era então 2.º assistente de imagem. É nessa condição que entra em *Vacances portuguesas* de Pierre Kast (1962) onde é assistente de Raoul Coutard. Já como 1.º assistente está depois com Luc Mirot em *Os verdes anos* de Paulo Rocha (1962) e em *Le pas de trois* de Alain Bornet (1963). É com Luc Mirot,

que Elso Roque considera seu mestre, que aprenderá os segredos e a técnica da direcção de fotografia. Em *Le pas de trois* chega mesmo a ser o responsável pela fotografia durante duas semanas em que Mirot se ausenta por razões familiares.

Ainda em 1963, Roque é assistente de Augusto Cabrita em *Belarmino* de Fernando Lopes, volta a secundar Mirot em *O crime de Aldeia Velha* de Manuel Guimarães (1964) e a ser assistente de Coutard em *La peau douce* de François Truffaut (1964). Nesse ano faz um estágio de dois meses no IDHEC e, como bolseiro do Fundo de Cinema, vai a Bruxelas à fábrica AGFA/GEVAERT estudar técnicas laboratoriais. Ainda em 1964 é assistente de Jean Rabier em *As ilhas encantadas* de Carlos Vi-lardebó e operador na série da televisão francesa *Polly* dirigida por Claude Beausoleil.

Mendes (1973); *As grandes rotas* (*) CM de E. Roque (1973); *E do longe se fez perto* (*) CM de E. Roque (1973); *Artesanato de Angola* (*) CM de Jaime Silva (1973); *Peneda-Gerez, um tema para quatro estações* CM de Jorge Cabral (1973), co-fot. Abel Escoto e José Manuel Caixeiro; *Eucaliptus* CM de A. Tropa (1973); *Cartas na mesa* de Rogério Ceitil (1973); *Café de Angola* (*) CM de João Mendes (1974), co-fot. João Silva; *Café, veículo de promoção social* (*) CM de J. Mendes (1974), co-fot. J. Silva; *Figueira — um amor correspondido* CM de A. Tropa (1974); *Entremez famoso sobre da pesca no rio Minho* MM de Luís Galvão Teles (1974); *Benilde ou a virgem mãe* de Manoel de Oliveira (1974); *As armas e o povo*, colectivo (1974); *Artes e ofícios*, (**) série de programas TV de José de Sá Caetano, A. Macedo, L. G. Teles, Luís Filipe Rocha, Luís Filipe Costa, José Fonseca e Costa, Amílcar Lyra e António Damião (1974/75), co-fot.

A. Escudeiro e Moedas Miguel; *Sonhos e armas*, série de programas TV de A. Macedo, L. F. Costa, L. G. Teles e L. F. Rocha (1974), co-fot. João Roque e M. Miguel; *O Setubalense — Um jornal regional em autogestão* CM de A. Lyra (1975); *Greve na construção civil* CM colectiva (1975); *Liberdade para José Diogo* de L. G. Teles (1975); *Roménia* MM de Jorge Cabral (1975), co-fot. José Manuel Caixeiro; *O princípio da sabedoria ou O rico, o camelo e o reino* de A. Macedo (1975); *França* MM de J. Cabral (1975), co-fot. J. M. Caixeiro; *Moçambique, um programa comemorativo da independência* MM de A. Macedo (1975); *Chorar o Entrudo* de L. G. Teles (1975); *A procissão dos bêbados* de L. G. Teles (1975);

A confederação de L. G. Teles (1975/77); *As ruínas do interior* de J. Sá Caetano (1976); *Velhas profissões*, série de programas TV de L. F. Costa, A. Macedo, A. Lyra e L. G. Teles



Elso Roque (à dir.) com António de Macedo (ao centro) e Pedro Efe na rodagem de «O príncipe com orelhas de burro» (1978)

Em 1965 assina, pela primeira vez, a fotografia de um filme (*Domingo à tarde* de António de Macedo) encetando uma das carreiras mais prolíficas do recente cinema português. É membro da Cooperativa Cinquanon desde a sua fundação em 1974.

FILMOGRAFIA: *Domingo à tarde* de António de Macedo (1965); *Ou Inverno ou...* CM de Alfredo Tropa (1965); *Num mar de molicho* CM de A. Tropa (1965); *Mudar de vida* de Paulo Rocha (1966); *Era o vento... e o mar* CM de José Fonseca e Costa (1966); *Para um álbum de Lisboa* CM de Faria de Almeida (1966); *Operação OGMA* CM de A. Tropa (1967); *Regresso a terra do sol* CM de J. Fonseca e Costa (1967); *Tapeçaria — tradição que revive* CM de António Pedro Vasconcelos (1967), co-fotografado por Aquilino Mendes e António Escudeiro; *A metafísica do chocolate* CM de J. Fonseca e Costa (1967); *Cerâmica de*

ontem e de hoje CM de A. Tropa (1967); *Crónica do esforço perdido* CM de A. Macedo (1967); *A cidade* CM de J. Fonseca e Costa (1968); *A pérola do Atlântico* CM de J. Fonseca e Costa (1968); *A revelação* CM de A. Macedo (1968); *Almada Negreiros vivo, hoje* CM de A. Macedo (1969); *Albufeira* CM de A. Macedo (1969); *História breve da madeira aglomerada* CM de A. Macedo (1970); *Rota de Colombo* CM de J. Fonseca e Costa (1970), co-fot. Moedas Miguel; *Covilhã* CM de António Escudeiro (1970), co-fot. A. Escudeiro; *Nojo dos cães* de A. Macedo (1970); *Pedro Só* de A. Tropa (1971); *5 temas para refinaria & QUARTETO* CM de A. Macedo (1971); *A promessa* de A. Macedo (1972); *Nacionalidade: português* CM de Fernando Lopes (1972), co-fot. A. Cabrita; *Quiçama, natureza e fauna* (*) CM de E. Roque e Jorge Cabral (1972); *Horizonte angolano* (*) CM de E. Roque e João



O melhor trabalho da carreira de Elso Roque: «Francisca» de Manoel de Oliveira (1980)

(1976); *As horas de Maria* de A. Macedo (1976); *Areia, lodo e mar* MM de A. Lyra (1976/77); *O outro teatro* de A. Macedo (1976); *Gente do Norte* MM de Leonel Brito (1977); *Colónia e vilões* MM de L. Brito (1977); *Movimento cooperativo*, série de programas TV de L. Brito e A. Macedo (1977); *Inventores*, série de programas TV de L. G. Teles (1977); *Viver ou sobreviver*, série de programas TV de L. Brito e L. F. Costa (1977); *Colectividades de cultura e recreio*, série de programas TV de L. Brito (1978); *A rapariga dos fósforos* CM de L. G. Teles (1978); *Ensino Básico*, série de programas TV de A. Macedo e A. Lyra (1978); *Música para si* MM de Solveig Nordlund (1978); *Blue Jeans — História de umas calças* CM de Joaquim Lopes Barbosa (1978); *O príncipe com orelhas de burro* de A. Macedo (1977/78); *Mudas mudanças* de Saguenaíl (1977/79); *Vila do Conde — venha daí visitá-la* CM de Sérgio Fernandes (1979); *Supercorte/Profoto* CM de S. Fernandes (1979), co-fot. Eurico Ferreira; *Açores, ilhas do Atlântico* CM de Augusto Cabrita e Helder Mendes (1979), co-fot. A. Cabrita; *Uma história sobre férias* CM de S. Fernandes (1979), co-fot. Eurico Ferreira; *Arthur Duarte* de L. Brito (1979); *Manhã submersa* de Lauro António (1979/80); *Retalhos da vida de um médico*, série TV de Artur Ramos e Jaime Silva (1979/80), episódios 3 a 13; *EFACEC* CM de S. Fernandes (1979/80), co-fot. João Moreira; *Matosinhos — o futuro no presente* CM de S. Fernandes (1980); *A vida é bela?* de L. G. Teles (1980); *Francisca* de Manoel de Oliveira (1980); *A ilha dos amores* de Paulo Rocha (1981), co-fot. por Acácio de Almeida; *Ana e Alexandre* de António Reis e Margarida Martins Cordeiro (1981), co-fot. A. Almeida; *Rosário* CM de A. Lyra, F. Lopes e A. Macedo (1981), co-fot. A. Escudeiro e Pedro Efe.

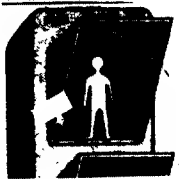
Elso Roque acaba ainda de terminar o mais recente filme de Manoel de Oliveira, ainda sem título.

(*) Em relação a estes filmes, alguns aparecendo assinados por E. Roque, cumpre informar que foram feitos a partir de muitas horas de material disperso recolhido por E. Roque em Angola sob contrato da Telecine-Moro. Os realizadores são, assim, meros «organizadores» de fatias desse material e E. Roque não reconhece como seus os que o produtor entendeu assiná-los com o seu nome, embora reconheça a autoria da fotografia de todos eles.

(**) Pertencem a esta série alguns filmes que, posteriormente, tendo obtido cópia síncrona, aparecem, por vezes, referenciados como obras autónomas. É o caso de *Ocupação de terras na Beira Alta* MM de A. Macedo, *A Penteadora* CM de A. Macedo, *Cooperativa agrícola Torre Bela* MM de L. G. Teles, *A cooperativa costeira de Gonçalo* CM de A. Macedo, *Fátima Story* de A. Macedo, *Teatro Popular* MM de A. Macedo, *Candidinha* CM de A. Macedo e *O problema do alcoolismo* MM colectiva.

Elso Roque é, da meia dúzia de bons directores de fotografia do actual cinema português, aquele que mais filmes rodou. A sua filmografia é, de resto, reveladora de um empenhamento mais profissional que artístico: Roque tem filmes dos mais variados tipos, desde o puramente publicitário ao cinema de raiz militante, não esquecendo alguns marcos fundamentais da nossa cinematografia como os filmes de Oliveira.

O lado prolífico leva, talvez, a que o seu trabalho seja desigual. Lado a lado com algumas marcantes fotografias (é o caso de, no preto e branco, *A ruínas do interior*, ou de, na cor, *O princípio da sabedoria*, *Benilde ou a virgem mãe*, *Francisca*) encontram-se outras como nítidas falhas (é o caso de *A vida é bela*!). Em trabalhos de tipo clássico, sobretudo em estúdio, Roque é, porém, senhor de uma técnica apreciável e notória.



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



DUAS RODAS

DUAS VEZES

MAIS ATENÇÃO!

Nunca circule aos zigue-zagues defendendo a sua vida e a dos outros.





Os prazeres do colóquio

CONGRESSOS, colóquios, seminários, simpósios, convenções, «mesas-redondas»... Nunca foram tão numerosas as ocasiões de nos encontrarmos, de trocarmos ideias. A palavra tornou-se uma arte oficial. Há muito que os sábios, os letrados, os chefes políticos e religiosos, os representantes de corporações... procuravam ver-se para pôr em confronto os seus pontos de vista, sentir solidariedades ou desacordos. Mas a nossa época conheceu a proliferação dessas reuniões de especialistas, de profissionais, de simples cidadãos.

Algumas delas respondem a regras institucionais: congressos de sindicatos ou de partidos, assembleias gerais de associações... Outras têm um carácter mais informal e efêmero. É o caso dos colóquios que surgiram nos anos 50, e que, em pouco tempo adquiriram um lugar considerável na vida social. Um fenómeno tão maciço merecia ser estudado de perto. Foi o que fez, e muito bem, Claude Tapia, professor na Universidade François Rabelais, de Tours, num livro intitulado *Colloques et sociétés*.

O colóquio é uma assembleia geralmente pouco numerosa e de duração limitada, que reúne pessoas de horizontes diversos, a fim de discutir um tema fixado pelos organizadores. Convoçado por uma associação, uma administração, um organismo profissional ou cultural... desenvolve-se de um modo relativamente maleável, e nele se alternam, segundo proporções variáveis, as comunicações ex cathedra e os textos informais, em comissões.

Mas esta descrição geral abrange fórmulas diversas, segundo o objectivo procurado pelos responsáveis. O colóquio pode ser uma ocasião de troca de informações entre especialistas (então o conteúdo científico ou técnico é que vence). Pode servir para elaborar propostas (neste caso terá de apresentar documentos susceptíveis de conseguir uma acção), ou, pelo contrário, reagir às decisões tomadas ou a tomar por uma autoridade qualquer. Outras vezes tem um papel de formação ou de reflexão colectiva, ou de organização de reivindicações (e então a qualidade e espontaneidade dos testemunhos tornam-se essenciais). Forma leve e polimórfica, o colóquio é um

albergue espanhol onde todos vêm trazer a sua modesta contribuição — a da sua competência ou da sua simples presença — esperando retirar daí algum benefício.

Um benefício de que ordem? É aí que as coisas se confundem um pouco. Seja qual for o objectivo do colóquio, ele joga sempre no fundo e na forma. Procura-se nele informação e diálogo, técnica e convivência. Essa dualidade explica que o participante fique sempre um pouco desconsolado com o resultado da operação (que não deu tudo o que ele esperava, não respondeu a todas as suas interrogações, não tratou de todo o problema...), mas, em todo o caso seduzido pela experiência vivida, as conversas tidas, os encontros inesperados.

De tal modo que o principal efeito de um colóquio é dar origem a outro colóquio, que prolongará a discussão, tratará das coisas de um modo diferente — e permitirá aos colóquiandos encontrarem-se de novo ou encontrarem pessoas diferentes. A «coloquite» é uma espiral sem fim, visto que cada encontro provoca outros projectos de encontros.

☆☆

Porque o seu súbito desenvolvimento nos últimos trinta anos é uma resposta a necessidades muito concretas. Necessidade de fazer uma escolha, de estabelecer sínteses na vaga crescente e ininterrupta da informação (as pessoas reúnem-se para fazer o ponto, para reflectir em conjunto). Necessidade de lutar contra a crescente especialização do saber (num fim-de-semana as pessoas reciclam-se em domínios estranhos ao seu). Necessidade de avaliar as consequências de uma decisão, as implicações de uma política.

O colóquio também é um modo de afirmar a própria existência, de uma pessoa se tornar conhecida. As novas associações, as profissões em formação, recorrem, naturalmente, a ele. Pela sua presença maciça — mesmo quando efêmera — pelas suas possíveis repercussões junto da opinião pública, o colóquio mostra de súbito e de um modo espectacular, o aparecimento de uma colectividade, de um problema. O colóquio é uma certidão de nascimento, um modo de se mostrar. É uma forma de publicidade.

Mas, sobretudo, devido à sua

densidade temporal e à sua **démarche** informal, ele responde bastante bem ao modelo de flexão colectiva e de participação que tem o seu lugar nas instituições modernas. A livre troca de pontos de vista, por vezes muito opostos, sobre um tema definido, o processo de síntese a que dá lugar, simboliza o modo como as decisões devem ser tomadas. Ele exprime as duas exigências que governam as organizações: a competência técnica (as pessoas estão ali para fornecer a informação e para fazer avançar o conhecimento) e a participação (é da troca de ideias e do seu confronto que nascem as escolhas eficazes).

O colóquio permite reduzir os antagonismos, esquecer as hierarquias, integrar a contestação. Através dos seus processos, da sua mistura de directividade e espontaneidade, ele, imita o grande jogo das organizações burocráticas. Ele permite aos que decidem, tomar o pulso a uma amostra suficientemente representativa da colectividade. E às minorias ver expressos e eventualmente tomados em consideração, os seus pontos de vista.

☆☆

Como é evidente, essa harmonia nunca é total. Os participantes de um colóquio têm sempre a impressão de que as suas preocupações não foram suficientemente escutadas e que foram manipulados pelo «aparelho». Quanto aos seus dirigentes, não é raro terem de enfrentar uma contestação geral da «base». Mas estes conflitos tendem em geral a resolver-se por si próprios e são compensados pelo prazer que o grupo encontra na sua própria existência, nos jogos de alianças que se formam e na satisfação que cada um sente por poder dar livre curso, e sem grande esforço, à sua agressividade. O colóquio é uma operação catártica que fornece aos participantes a emoção do frente a frente e a serenidade da reconciliação.

O colóquio tornou-se uma válvula de segurança indispensável à duração da vida de relação e profissional. Por isso, segundo Tapia, ele ainda tem muitos dias na frente, mesmo que o seu período de crescimento tenha terminado. O seu papel de «regulador» é demasiado precioso. Ele tornou-se um elemento do funcionamento das sociedades liberais modernas,

que se querem a um tempo técnicas e democráticas. Só o declínio — que ainda não está à vista — de uma destas duas componentes, podia ser-lhe fatal.

O colóquio é uma pequena festa na monotonia da vida profissional. Pegar na mala, partir, passar alguns dias num lugar simpático (não é de desprezar a dimensão turística do colóquio), encontrar pessoas, fazer relações... É uma aventura modesta, mas a vida não tem tantas aventuras, como isso... Colóquiar é fugir por um tempo à rotina, é dar entrada num círculo de gente escolhida. O colóquio cria uma elite. Ele dá a impressão de que aquilo que dizemos é importante, visto que os outros estão ali para nos escutar. É por isso que há intoxicados pelo colóquio. Se lerem com atenção os programas das manifestações deste género, todos os profissionais com certo nome no seu ramo podem passar uma boa parte dos seus tempos livres em colóquios vários, fazendo-se assim transmissores permanentes da sua ciência.

Há também uma população de fanáticos de colóquios, com figuras pitorescas que Claude Tapin descreve com humor. Encontram-se assim entre os participantes de colóquios, «o mundano (preocupado com as relações públicas), o «de charme» (de aparência muito cuidada ou propositadamente descuidada), o frívolo (instável e móvel), o decorativo (com título e bom conversador), o espectador ou «voyeur» (geralmente silencioso ou irónico), o exibicionista (que fala muito sobre os seus estados de alma)... e ainda o coleccionador de documentos, o missionário (que traz mensagens ao grupo), o consciencioso, o imperialista (falador e arrogante), o perseguido... Num ângulo mais estratégico podem ver-se as silhuetas do embaixador (mandatado pela sua organização, empresa, sindicato, partido, associação), do negociador, da eminência parda (omnipotente), do contestatário (perfeitamente integrado no sistema)».

O colóquio é um pequeno teatro. Um espaço reservado onde se misturam o sério e o engraçado, o trabalho e o recreio.

Frédéric Gaussen
Exclusivo DL

Sonatas de Beetho

UMA editora discográfica de Lisboa lançou recentemente no mercado português uma gravação integral de três sonatas para piano, de Beethoven: a n.º 8, op. 13, em dó menor, mais conhecida por «Patética»; a n.º 14, op. 27, em dó sustenido menor, mais conhecida por «Moonlight», ou «Clair de Lunes» («Luar» ou «Ao Luar»), e a 21.ª, op. 53, em dó maior, também (menos embora) conhecida por «Waldenstein» ou (ainda menos) «Aurora». O pianista: Radu Lupu.

Desde logo, dois motivos para alguma estranheza, até perplexidade. No primeiro, trata-se de Radu Lupu não ser nome muito familiar (diversamente, tratar-se-á mesmo da primeira vez que interpretações desta autoria aparecem em disco em Portugal). Entretanto, ocorre a ideia de que haverá um número incontável de interpretações das sonatas de Beethoven. Radu Lupu? É um romeno, perfaz este ano 39 de idade, ganhou em 69 um concurso internacional em Inglaterra e aí se fixou para uma possível carreira internacional, da qual entretanto não se tem grandes notícias. Talvez seja excelente executante, e alguma coisa pessoal (o que não é fácil, no caso de Beethoven, dada a concorrência e dado o gabarito que a concor-

rência requer). Mas o que começa por ser motivo de estranheza também pode tornar-se objecto de curiosidade, e a oferta do mercado tem de variar regularmente: o auditor precisa de alternativas para além das heranças de há vinte ou trinta anos e, aqui, as promoções dos anos 70 (como os casos portugueses de Maria João Pires e Adriano Jordão), são o exemplo de como esta geração é capaz de ir preencher certo vazio que se vai formando, ou ultrapassar o desgaste provocado pela crescente habituação.

Outro motivo de estranheza e até perplexidade: duas das três sonatas agora discografadas são certamente das mais popularizadas e das mais ouvidas desde sempre, do autor, mas não certamente as melhores.

Mas compreende-se facilmente o critério que terá presidido ao lançamento dum disco assim em Portugal. Era preciso fazê-lo com um mínimo de garantias comerciais, desde logo porque o nome de Radu Lupu não é, em Portugal, muito familiar, e designações como «Patética» ou «Ao Luar» fazem parte das referências mais correntes do consumidor de música de arte. Já «Waldenstein» ou «Aurora», talvez não.

Destas sonatas, a primeira que Beethoven escreveu é a 8.ª, em dó menor, mais conhecida por «Patética». A designação foi o próprio compositor que lha

“Não” - próximo filme de Manoel de Oliveira?

Ao dar coisas pouco sérias ao público, corre-se o risco de o afastar de novo do cinema português de qualidade, disse à ANOP o realizador Manoel de Oliveira.

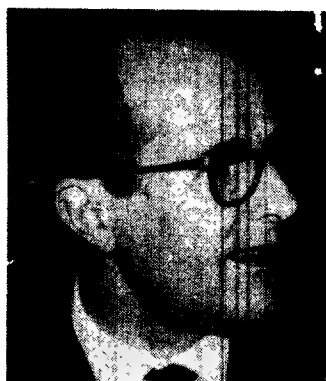
«Temo que, com a tendência actual para dar ao público coisas pouco sérias, por vezes mesmo demagógicas, se corra o risco de inverter essa aproximação e o público português se volte a afastar do cinema de seriedade» — acrescentou.

Oliveira, que na semana passada assistiu, em Genebra e Lausana, a parte de uma retrospectiva sobre a sua obra, considera que iniciativas como as «Jornadas», que segunda-feira se iniciaram em Beaubourg, contribuem para consolidar o prestígio de que o cinema português actual goza no estrangeiro, particularmente na França.

«Este movimento de interesse pelo cinema português intensificou-se a partir de 1976, com a retrospectiva de Veneza e com o sucesso de crítica e de público de alguns dos meus filmes e dos filmes de outros realizadores» diz o cineasta.

Embora admita que a sua obra tem constituído pólo de atracção fundamental neste movimento de interesse, Oliveira recusa-se a considerar-se um caso isolado.

«Há um fenómeno dinâmico no cinema português, que naturalmente se está a ressentir positivamente na relação com o público. Se pensarmos no cinema como uma coisa séria e responsável, é inevitável considerarmos obras como «Conversa Acabada» de João Botelho ou «A Ilha dos Amores» de



Paulo Rocha. Por exemplo este último, é uma obra muito arriscada, mas admiravelmente resolvida pelo realizador», afirmou Manoel de Oliveira.

O facto de a sua obra só começar a obter grande sucesso quando o cineasta já dobrou o cabo dos 70 anos não o impressiona muito.

O autor de «Amor de Perdição» considera que «há uma certa forma de ganho com a idade, com a experiência da vida» — e comenta:

«na realidade, o meu verdadeiro encontro com o cinema só tem 20 anos. Foi quando fiz o «Acto da Primavera», em 1962, que conscientemente me apercebi daquilo que de facto eu pretendia exprimir através do cinema».

O «Acto da Primavera» não teve porém, seguimento regular — o cineasta admite, embora com sistemática reserva, que existem hoje melhores condições materiais para pôr em prática pelo menos alguns dos numerosos projectos cinematográficos.

«Estou constantemente a tra-

Beethoven

atribuiu e o sentido dela pode encontrar-se em afirmações do próprio Beethoven a propósito, embora, da 9.^a e da 10.^a (anteriores porém, na feitura, à 8.^a), segundo as quais se trataria da «pintura de uma luta entre dois princípios ou um diálogo que a peça foi escrita, Beethoven começava a debater-se com os primeiros sintomas de surdez, mas as motivações mais fortes aqui patentes terão muito menos directamente a ver com esta enfermidade, e certamente muito mais com desencontros sentimentais e principalmente amorosos. A sonata foi dedicada ao príncipe Karl von Lichnovsky, mas, neste caso como em tantos outros, trata-se duma formalidade motivada por amizade ou gratidão, ou veladamente destinada a obter compensações materiais e desde logo financeiras.

Também como em tantas outras peças do autor, sobretudo desta fase, ressaltam aqui o dramático e o expressivo, e adivinha-se a grande convicção e a forte energia que vão ter aplicação mais rigorosa e frutuosa no futuro. A sonata foi escrita em 1798 e 1799.

Não é tanto uma grande convicção nem uma forte energia que a 14.^a patenteia. A feitura data de 1801 e o título, «Ao Luar», deve-se não a Beethoven mas ao poeta Rellstab (autor, hoje esquecido, de poemas

sobre os quais, algumas, Schubert escreveu *lieds*), a pretexto de que a composição lhe sugeria a imagem de «um barco ao luar». A peça parece não representar muito de significativo no processo evolutivo da obra do autor, mas, certamente, a sua fama não é de hoje: e já no seu tempo era muito apreciada pelo público. Beethoven, conscientemente, nem por isso a apreciava, e, anos depois, sugeriria a Czerny que, entretanto, já tinha feito outras, melhores, a 24.^a, por exemplo, dedicada à condessa Teresa von Brunsvik — que foi sua aluna de piano e com quem durante algum tempo alimentou a vaga esperança íntima de vir a juntar-se pelo casamento. Mas, num plano certamente superior, há-de situar-se a 23.^a, feita antes, e mais conhecida por «Apassionata», peça de concepção mais vasta e profunda, e num plano de qualidade que a coloca muito próximo das melhores criações do autor. Pena que a «Apassionata» (certamente pela sua extensão) não tenha podido figurar aqui, a par da «Patética» e da «Waldenstein» (saída a «Moonlight», que é de qualidade relativa). Mas a «Waldenstein» (que a substitui) é igualmente do melhor que Beethoven escreveu para piano e dentro da estrutura formal da sonata (onde fez aquisições decisivas no domínio estrutural, e ainda ou principalmente através dum processo

estilístico muito rico de inflexões).

A designação de «Waldenstein» é da dedicatória ao conde de Waldenstein, e esta prende-se com outro sentimento, digamos, de gratidão, e amizade, pela protecção em Bona, pelas recomendações em carta para a sociedade vienense. A sonata foi escrita em 1803, 1804, e estará, não só no tempo mas também, e principalmente, na qualidade da sua escrita, mais próxima da «Apassionata» do que da «Ao Luar». E patenteia a mesma força expressiva que a «Patética», embora, naturalmente (e porque foi escrita cinco anos depois), a sua complexidade estrutural seja sensivelmente maior. Aqui Beethoven tinha ultrapassado em muito (na confiança sobre as suas energias criadoras, desde logo) a depressão em que caíra e que terá atingido o seu ponto mais baixo pelo ano de 1802, provocada pela surdez que se lhe impôs como uma fatalidade, parecia que inelutável, mas ver-se-ia que não, pela forte reacção afirmativa com que o compositor foi capaz de enfrentá-la, opor-se-lhe, enfrentá-la e vencê-la — como mas evidentemente virá a demonstrá-lo uma sinfonia como a «Heróica», e outras peças de maior aparato como o Concerto n.º 4 para Piano, o Triplo Concerto, e o 5.º Concerto para Piano e Orquestra, «O Imperador», mo-

mentos decisivos na evolução do autor, e referências capitais da grande transformação que Beethoven operou na música nos primeiros anos do século XX.

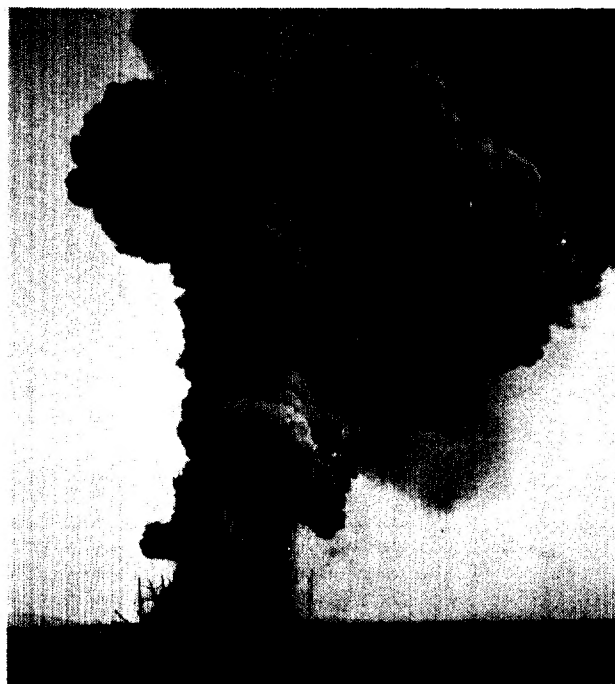
Destas três sonatas, só a 21.^a, «Waldenstein», parece mais visivelmente pertencer à fase em que o compositor decidida e decisivamente se libertou de ascendentes como Haydn e Mozart. Todavia, a evolução de Beethoven no domínio formal da sonata não é rigorosamente paralela àquela que mais facilmente se detecta nas sinfonias e nos concertos, e mesmo nos quartetos desta altura parece mais evidente que alguma coisa com ele estava irreversivelmente a mudar.

Um confronto entre a «Patética» e a «Waldenstein» é no entanto elucidativo de que também no domínio da sonata o compositor evoluiu, e, com esta evolução (ou, aqui, os reflexos dela), foi a sonata que a pouco e pouco se foi transformando noutra coisa.

De tudo isto, de qualquer modo, não são duas ou três peças que darão uma ideia clara, nem talvez mesmo aproximada. A obra de Beethoven neste domínio é vastíssima. Sonatas, só para piano, lembra-se, o compositor escreveu 32, nada menos.

L.M.R.

A ecologia francesa na hora do "ajuste de contas"



A radiografia ecológica da situação francesa, efectuada em 1978 por uma equipa de especialistas franceses, desvenda um pesado balanço que os anos vindouros mais não farão do que agravar. Trata-se, no entanto, da única tentativa global levada a prática nos países industrializados.

Dito de outro modo: faltam termos de comparação. Mas se é certo que a situação francesa não suscita grandes optimismos, também não é menos verdade que o silêncio — sempre preocupante — continua a ser a resposta das sociedades avançadas às constantes denúncias praticadas por amplos sectores da opinião pública.

O quadro traçado na semana passada, infelizmente, não está terminado. Há mais problemas a abordar.

O casos dos rios e águas litorais, por exemplo: não servem apenas como reservatórios fáceis de toda a espécie de matérias orgânicas, produtos tóxicos e hidrocarburentes.

São igualmente utilizadas, nos termos de um relatório do Ministério do Ambiente sobre as actividades agrícolas e a qualidade das águas, para o lançamento de nove milhões de toneladas de azoto, resultante da decomposição do húmus, dos adubos químicos, dejectos de gado, etc.

Uma parte deste azoto evapora-se, mas importantes massas são arrastadas pelas chuvas para os rios, enquanto outras se infiltram nos lençóis subterrâneos.

Os agricultores têm particulares responsabilidades neste processo. No total, os danos causados pelos nitratos, fosfatos e pesticidas elevam-se a importâncias calculadas entre 11 e 13,5 mil milhões de francos anuais.

O próprio solo não está isento desses danos: recebe tudo o que não pode ser lançado na atmosfera ou nos cursos de água. Anualmente, capta 16 milhões de toneladas de lixo e 42 milhões de toneladas de resíduos industriais.

Os espaços esterilizados por estes processos cobrem superfícies impressionantes: aos 7000 hectares ocupados por descargas mais ou menos selvagens, há que somar 26 000 hectares de detritos mineiros e 56 000 hectares de pedreiras e de caminhos frequentemente ao abandono. Sem falar dos baldios industriais, que crescem como lepra ao ritmo do desenvolvimento das fábricas.

Os depósitos de lixos químicos perigosos ascendem, segundo fontes oficiais, a mais de sessenta, sendo utilizados há mais de século e meio. Os danos causados estão avaliados actualmente entre 7,5 e 9,5 mil milhões de francos por ano.

Os ruídos emitidos por milhares de máquinas fixas e, sobretudo, por 27 milhões de veículos (aviões, automóveis, motorizados, camiões, tractores, etc.), transformaram-se por outro lado, no flagelo número um. Raras são as zonas isentas de barulhos artificiais.

Balanço de todo esse inventário: as poluições e perturbações causadas, custam ao país entre 77 e 80 mil milhões de francos, só no ano de 1978. Previa-se que a meta dos 100 mil milhões fosse ultrapassada no ano passado.

Para reduzir os efeitos desta acção verdadeiramente devastadora, o conjunto dos franceses — Estado, comunas, industriais e particulares — dispõem cerca de 30 mil milhões por ano.

De que modo estes esforços financeiros se repercutem na redução das poluições, nos preços, na produtividade, no emprego, na balança de pagamentos, no crescimento? Numa palavra, quais as consequências económicas da ecologia?

Os sacrifícios financeiros produzem alguns resultados visíveis. E, quando são as próprias comunidades a encararem de frente a necessidade dessa luta pela melhoria da qualidade de vida, isso quer dizer alguma coisa.

Mas a derradeira questão é ainda esta: pretende-se salvar este pobre mundo que se afunda, ou apenas mantê-lo a flutuar?...

balhar, e em diversos projectos ao mesmo tempo. Mas o projecto mais imediato é o do 'Não', que será um filme só possível porque houve o 25 de Abril».

Manoel de Oliveira admite que o filme se torne exequível, «principalmente se se confirmar a colaboração do exército português, em meios materiais e humanos, nas numerosas cenas de batalhas».

«O que me interessa, fundamentalmente, é interrogar a realidade portuguesa, e é por isso que penso que, apesar de algumas possíveis semelhanças de estilo, a minha comparação com a obra de autores estrangeiros não tem grande significado», diz.

Manoel de Oliveira, que em Paris reencontrou antigos filmes de Mizoguchi e Ozu, exprime grande admiração pelo cinema japonês e confessa que continua a ver cinema «como referência para o meu trabalho».

«No fundo, o cinema é uma paixão. Trata-se de utilizar o encanto das imagens para expressar o ponto de vista do autor».

Para Manoel de Oliveira, no entanto, o objectivo último do cinema é «nebuloso».

O realizador entende que esse objectivo é incessantemente perseguido em cada filme que se faz. «Cada projecto torna mais nítido esse objectivo, parece que nos aproxima mais daquilo que nos propusemos».

É nesse sentido que Oliveira considera que o filme que mais se aproximou dos seus projectos foi 'Francisca' e defende-se das

acusações de monotonia e lentidão.

«Quando se pretende ver uma paisagem do alto da montanha, tem que se subir até ao topo — diz. Ora, com o cinema acontece o mesmo. Se se pretende falar de coisas importantes e profundas, tem que se ter o tempo e o ritmo que resulta da honestidade de processos com que se aborda o tema».

Oliveira entende que todo o seu cinema, nesta última fase, é marcado pela ideia de «personagens que lutam contra o exterior».

«É certo que cada um de nós é a sua realidade, mas a aceitação deste princípio não implica passividade. Nos meus filmes, figuras marcadas por uma realidade fatal rebelam-se contra o destino e contra o universo que as determina».

Apesar desta visão da sua obra, Manoel de Oliveira considera que o seu próprio destino não foi especialmente negativo. O cineasta recusa-se a admitir a ideia de amargura e entende que «há que ser realista e tentar aproveitar os melhores momentos da vida».

O momento actual é, em relação aos seus projectos de trabalho, particularmente favorável. Mas será que Oliveira, em cuja boca a palavra 'moderno' aparece diversas vezes, não teme que o movimento de reconhecimento internacional o transforme num académico?

O cineasta hesita longamente, mexe numa revista, bebe um pouco de vinho branco. Depois, sorri: «a vida está cheia de perigos».

António Mega Ferreira / ANOP



Restos do "S. Pedro" na Ilha de Bering

Sete canhões que pertenceram ao navio «S. Pedro», no qual Bering (1681-1741) empreendeu a sua última expedição, foram recentemente encontrados na ilha de Bering.

As armas estavam enterradas na praia, a uma profundidade de cerca de três metros, mas o seu estado de conservação é excelente, como atesta a nitidez com que se pode ler o nome da fábrica que os construiu e a data: Kamenski Mill, 1733.

O achado vem juntar-se ao espólio já recolhido pelo grupo de arqueólogos soviéticos que procedem, desde o Verão de 81, a escavações na ilha onde terminou a chamada Segunda Expedição ao Kamchatka.

Foram encontradas cabanas, cordame, balas de canhão, machados, um cantil de metal, fragmentos de cerâmica, centenas de outros objectos utilizados pelos marinheiros do «S. Pedro», que habitaram a ilha durante nove meses.

O «S. Pedro» aportou à que é hoje conhecida como «Ilha de Bering» no ano de 1741, quando regressava da costa americana. A saúde de alguns membros da tripulação era

precária. Muitos vieram a perecer na ilha desabitada. Entre esses, o próprio Bering.

Os sobreviventes construíram uma embarcação com o material do «S. Pedro», e partiram, deixando porém grande parte do equipamento.

Bering era dinamarquês, mas passou a servir a frota russa. Pedro o Grande colocou-o à frente da expedição destinada a explorar a costa norte e extremo oriental da Sibéria.

As costas já tinham sido atingidas até à península do Kamchatka, numa primeira expedição chefiada pelo navegador Smion Djneve, mas Pedro o Grande decidiu fazer o reconhecimento. A missão partiu de S. Petersburgo em 1725. Depois de cerca de vinte anos de vicissitudes várias, foi a catástrofe.

Investigações feitas posteriormente chegaram à conclusão de que Bering e os seus marinheiros tinham passado por duas vezes, cerca de 1729, pelo estreito que separa a Ásia da América, e que a Segunda Expedição do Kamchatka tinha feito o conhecimento de 87 lugares até então desconhecidos.

Publicidade Sete Ponto Sete

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

hoje às
21,45h

A VIAGEM
3.º MÊS

TEXTO - NELDER COSTA
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA

DE 3.ª FEIRA A DOMINGO ÀS 21.45
SABADOS E DOMINGOS TAMBÉM
• MATINEES ÀS 17 H.

PRAÇA DE ESPANHA TEL 76 26 24
Sub. SEC

UMA GRANDE ENCENAÇÃO DE
JOÃO MOTA...
— DIÁRIO DE LISBOA —

Rua Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro
do barro
do ato

teatro da Cornucopia

**O Labirinto
de Creta**
de
António Yxi
da Silva
(O Judeu)

De 4.ª a Sábado às 21 h.
Domingos às 16.30h.
Segunda-feira
(Descanso)

«É um admirável (literalmente) trabalho de composição.»
M. J. Brilhante — J.L.

«É um grande espectáculo e perdê-lo seria crime imperdoável.»
C. Porto — D.L.

A CINEMATECA NO QUARTETO

FILMES DE JEAN RENOIR

Abril de 1982

- Dia 16 — **La Chienne** — 1931
Com Michel Simone e Janie Maréze.
- Dia 17 — **Boudu Sauvê Des Eaux** — 1932
(Boudu Querido) com Michel Simon e Charles Granval.
Cópia legendada em Português.
- Dia 18 — **Toni** — 1935
Com Charles Blavette e Celia Montalvan.
- Dia 19 — **Le Crime de Monsieur Lange** — 1936
Com René Lefèvre e Jules Berry.
- Dia 20 — **Une Partie de Campagne** — 1936
(Passeio ao Campo) com Sylvia Bataille e Georges Darnoux.
Cópia legendada em Português.
- Dia 21 — **La Grande Illusion** — 1937
(A Grande Ilusão) com Jean Gabin, Pierre Fresnay e Erich Von Stroheim.
- Dia 22 — **La Bête Humaine** — 1938
Com Jean Gabin, Simone Simon e Fernand Ledoux.
- Dia 23 — **Jean Renoir**
(Encontro com Jean Renoir).
*Cópia legendada em Português.**
- La Règle du Jeu** — 1939
(A Regra do Jogo) com Marcel Dalio, Nora Gregor e Jean Renoir.
Cópia legendada em Português.
- Dia 24 — **This Land is Mine** — 1943
Com Charles Laughton, George Sanders e Maureen O'Hara.
- Dia 26 — **The Southerner** — 1945
Com Zachary Scott e Betty Field.
- Dia 27 — **The Woman on the Beach** — 1946.
Com Joan Bennett e Robert Ryan.
- Dia 28 — **French Cancan** — 1955
(French Cancan) com Jean Gabin, Françoise Arnoul e Maria Felix.
Cópia legendada em Português.
- Dia 29 — **Elena et les Hommes** — 1956
Com Ingrid Bergman, Jean Marais e Mel Ferrer.
- Dia 30 — **La Nuit du Carrefour** — 1932
Com Pierre Renoir e Winna Winfried
- Maio de 1982**
- Dia 2 — **Le Déjeuner Sur L'Herbe** — 1959
Com Paul Meurisse e Catherine Rouvel.
- Dia 3 — **Le Testament du Dr. Cordelier** — 1959
Com Jean Louis Barrault e Michel Vitold.
- * Entrevista gravada com Jean Renoir tendo por tema central o filme «A Regra do Jogo».

Programa sujeito a alteração.

Os filmes que não têm indicação de legendagem são exibidos na versão original, sem legendas. Sessões às 21.30 h. Bilhetes para cada sessão ao preço de 30\$00, são vendidos no próprio dia, a partir das 13.30 h.

Não aconselhável a menores de 18 anos.

o artista a canção o filme

PAULO ALEXANDRE
VERDE VINHO



DIONÍSIO AZEVEDO

VERDE VINHO. PAULO ALEXANDRE. DIONÍSIO AZEVEDO. IZÉ BARNOS
JOÃO CARLOS MOTA. ARNALDO WEISS. GUI ABREU LIMA. FÉLITO MARTINS
FOTOGRAFIA DE VALÉRIO NEURA (FEIÇÃO). MÚSICA DE BENO
USAI. PRODUÇÃO EXECUTIVA DE JOSÉ MANUEL COELHO
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO DE REINALDO VARELA
ARGUMENTO E REALIZAÇÃO DE MANUEL GAMA
PRODUÇÃO PLATYNE/ELIASON
RIO DE JANEIRO

ODEON HOJE ESTREIA

NO PALCO

PAULO ALEXANDRE SHOW
E A PRESENÇA DE DIONÍSIO AZEVEDO

A VITÓRIA DOS VENCIDOS!

A PELE

é a última coisa que resta...

O filme de
LILIANA CAVANIDo Best-Seller de
CURZIO MALAPARTE
(LA PELE)

BURT LANCASTER
MARCELLO MASTROIANNI
CLAUDIA CARDINALE

KEN MARSHALL. ALEXANDRA KING. CARLO GIUFFRÉ. YANN BABILEE. JACQUES SERNAS
Argumento de ROBERT KATZ e LILIANA CAVANI. Música de LALO SCHIFRIN
uma Pista RENZO ROSELLINI Para OPERA FILM PRODUZIONE e GAUMONT S.A.
Não acons. men. 18 anos

COLORIDO

FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta

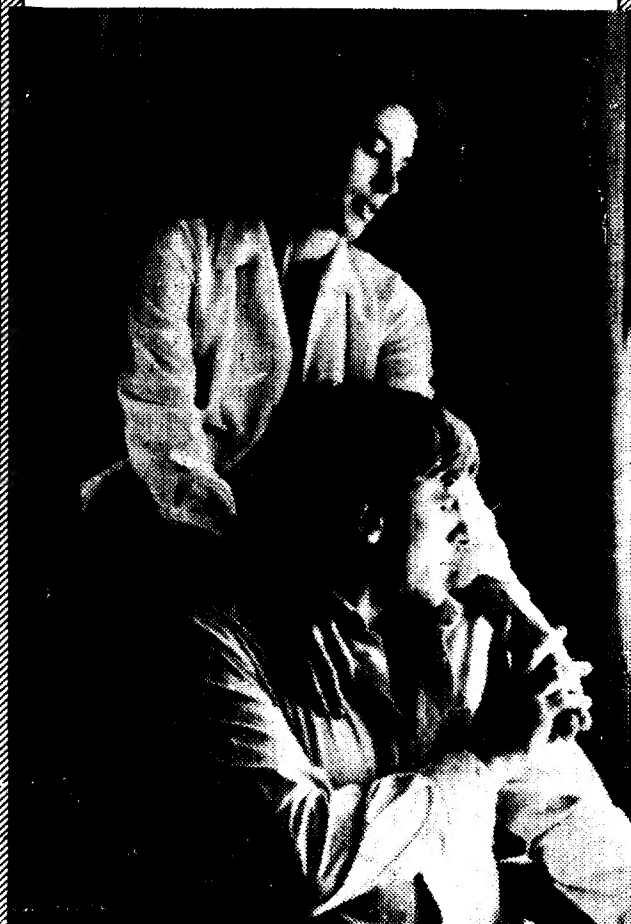
HOJE, ESTREIA FORA DE SÉRIE!

PATHÉ CONDES

FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta

o amor absoluto!

o grande filme de
FRANÇOIS TRUFFAUT



A MULHER DO LADO

(LA FEMME D'À CÔTÉ)

FANNY ARDANT
GÉRARD DEPARDIEU

Música de
GEORGES DELERUEFotografia de
WILLIAM LUBTCHANSKY

INTERD A MEN 13 ANOS

COLORIDO

HOJE ÀS 21.30 H. — ESTREIA

FILME
DE
QUALIDADE
Com. Classif. Espectáculos

ESCOLHIDO PELO CINEMA
LONDRES

"nem contigo...
nem sem ti..."

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

A guerra pela herança de Lacan

SEIS meses depois da morte de Jacques Lacan, os seus discípulos lutam ferozmente pela herança do psicanalista. As escolas multiplicam-se e as línguas soltam-se.

O doutor Lacan já morreu há seis meses, mas as querelas à volta da sua «herança» ainda estão longe do fim. A separação dos membros da ex-escola Freudiana de Paris (EFP) em múltiplos grupos mais ou menos informais, continua. A Escola da Causa Freudiana (ECF), apesar da sua reivindicação à legitimidade absoluta, só tem nas suas fileiras uma parte mínima dos membros da ex-EFP e nenhum dos seus dignitários. No entanto, para todos eles, a fidelidade ao ensino e à teoria de Lacan continua a ser o «leit-motiv» — o que significa que é necessário procurar noutro lado as causas de uma tão violenta ruptura.

Jacques Alain Miller, e os «jovens lobos» que o rodeiam, atribuem a quebra, ao ódio de que Lacan era objecto na sua instituição. Este ódio, acumulado durante longo tempo, só teria ousado mostrar-se, perante a fraqueza de um velho já impossibilitado de se defender. Para Jacques Alain Miller — e muitos dos que o rodeiam, — «os analistas não podiam assumir que Lacan tivesse deixado de os amar».

Os analistas hoje reagrupados no Centro de Estudos e de Investigações Freudianas (CERF), nos cartéis constituintes, no discurso psicanalítico e noutros grupúsculos (como *Confrontations*, criado por René Major, ou o *Collège Psychanalytique*, concebido na origem como uma instituição provisória), desmentem vigorosamente uma tal asserção. Eles pensam que nos seus últimos momentos Lacan foi objecto de manobras políticas, por uma clique que lutava pelo poder nas instituições psicanalíticas e universitárias, sem ter em conta a ética psicanalítica. Risco ainda mais grave, dirá Jean Clavreul: «O de desacreditar irremediavelmente a imagem dos analistas lacanianos e da sua prática, cada vez mais contestada nos meios hospitalares e paramédicos.»

A DISSOLUÇÃO

Para além das querelas de pessoas e de poder, está na realidade uma aposta que implica o futuro da psicanálise. As crises sucessivas que rodearam a dissolução, tanto dizem respeito à ética da psicanálise como a todos os problemas ligados à transmissão do ensino e à formação dos analistas. Embora já antes tenha havido desentendimentos nestes pontos, o certo é que foi a orientação então tomada pela causa freudiana, que marcou o ponto de ruptura.

Tudo decorreu à volta de um ponto, à primeira vista anedótico mas que teve uma importância determinante: o estado de lucidez do doutor Lacan nos seus dois últimos anos de vida.

Já nos anos de 77/78 a maior parte das pessoas que continuavam a assistir ao seu seminário sentiram-se impressionadas com as crescentes dificuldades que ele tinha em continuar um ensino transformado em silên-

cios intermináveis que já era impossível atribuir unicamente a um esforço de teorização. No interior da escola freudiana, que era uma organização cada vez mais rígida, estoíram conflitos de toda a espécie. Os analistas tinham mostrado abertamente a sua inquietação ao ver todos os poderes concentrados nas mãos de um só homem, ainda por cima não analista: Jacques Alain Miller. Universitário, genro de Lacan e curador das suas obras, acumulava ainda a responsabilidade do departamento de psicanálise da Universidade de Paris VIII, a formação permanente, e ainda a direcção da secção clínica, e dos Cartéis do EFP, ao mesmo tempo que era membro da directória e do conselho de administração.

A partir de 1978, alguns analistas mais corajosos tentam denunciar o autoritarismo mas também a fraqueza cada vez mais visível de Lacan. Alguns atrevem-se a pedir uma reunião de informação sobre a sua saúde e a sua sucessão. É sugerido o nome de François Dalto. Estas propostas, que tiveram a sua origem naquilo que constava, seriam, segundo Octave e Maud Mannoni (1) o ponto de partida do projecto de dissolução. No princípio de Janeiro de 1979, Jacques Lacan, numa carta aos membros da sua escola, informa-os da sua decisão, mas, paralelamente, convida «os que querem continuar com ele» a apresentarem a sua candidatura.

Considerado por alguns como um processo antidemocrático inaceitável, a dissolução só será levada a efeito no dia 27 de Setembro de 1980, após vários meses de querelas que incluíram mesmo processos jurídicos. No entanto, dos 485 votantes (593 inscritos), só 77 votaram contra. Nos dias que se seguiram foi criada a causa freudiana que se apresentou como contra-experiência da EFP e à qual aderiram 1000 pessoas. Ela agrupa 400 membros, cuja maioria saiu da EFP. Assistido pelos doutores Faladé e Melman, no seio de um conselho estatutário, o doutor Lacan assegura a sua presidência, mas sem lhe gerir a actividade, que é confiada a um directório cujo secretário é Jacques-Alain Miller e o director Calude Conté. Mas logo se sucedem os golpes de teatro.

Nos primeiros meses de 1981, todos os companheiros mais próximos de Jacques Lacan, os que têm cinquenta anos e mais, e que foram os pilares da escola freudiana, saem batendo com a porta. (Octave e Maud Mannoni, os doutores Faladé, Melman, Clavreul, Dumézil, Rondepierre...), seguidos pela geração dos quarenta anos, muitos dos quais com responsabilidades nos serviços hospitalares de Paris e da província (os doutores Czermak, Didier Weil, Moscovitz, Ritter, Bauer...). A fim de justificar a sua demissão, todos eles referem o carácter inaceitável dos novos estatutos, incompatíveis com a ética psicanalítica. Quer se trate de médicos ou de indivíduos com outra formação universitária, todos eles se sentem escandalizados com o facto de esses estatutos parecerem concebidos para permitir que não-analistas fizessem parte do júri de «passe» (2). Alguns acham que aquilo que tanto tinham receado em 1968, quando da entrada da



psicanálise para a Universidade, está a realizar-se: agora qualquer pode arranjar um diploma e intitular-se analista.

AFASIA

Eles vão contestar a participação de Lacan na elaboração de tal projecto e denunciar como apócrifas as últimas cartas e os últimos seminários, incluindo aquele que Jacques Lacan lera com enorme dificuldade durante o colóquio efectuado em 1980, em Caracas. As línguas começam então a soltar-se e circulam informações muito concretas sobre a saúde do doutor Lacan. Segundo o doutor Charles Melman, Lacan, então com 80 anos, tinha, para além de um cancro, uma afasia motora que se manifestava através da impossibilidade de formar palavras espontâneas, embora lhe consentisse a repetição de frases pronunciadas por outros, ou o deixasse ler um texto, desde que alguém o ajudasse a seguir as linhas. À partida, explica ainda Charles Melman, «essa doença não lhe alterara a inteligência, e o doutor Lacan, embora diminuído, podia muito bem seguir o que se passava. Por isso, sabendo que ele desejava a dissolução da sua escola mas não tinha meios físicos para a levar a efeito, alguns dos seus alunos que consideravam a sua vontade legítima, resolveram ajudá-lo nisso».

Infelizmente, durante os meses que precederam a dissolução, as perturbações de Lacan agravaram-se. Ao que parece, os analistas que tinham feito parte das instâncias superiores do EFP e que eram familiares de Lacan, resolveram dissimular o seu estado, a fim de evitar complicações de última hora, em nome de uma preocupação de decência e de respeito muito compreensíveis. «Antes de anunciar murbitos orbi, que Lacan estava senil, era necessário exigir um exame psiquiátrico, o que nos era impossível, porque todos nós lhe devíamos muito», confirma o doutor Jean Clavreul. Em todo o caso o «statu quo» não podia exceder o dia da dissolução, diz o doutor Melman. «Estávamos de acordo com Jacques Alain Miller para pôr termo a todas as formas de intervenção feitas em nome de Lacan e para que em nenhum caso fosse usado o seu nome e a sua autoridade.»

Ora nas semanas que se seguiram, os analistas informados deste acordo tiveram a desagra-

dável surpresa de verificar que a nova constituição era feita em nome de Lacan. Como caução os seus fiéis continuavam a levá-lo a certas manifestações oficiais, onde a sua indiferença perante os acontecimentos e as pessoas era, no entanto, cada vez mais flagrante e entristecedora.

Pela mesma altura a aptidão de Lacan continuar as suas consultas, também foi contestada. Segundo numerosas testemunhas ele nem sempre conhecia os seus doentes, e a sua prática era cada vez mais enigmática, para não dizer inquietante, porque lhe acontecia bater, encolerizado, nos pacientes. Para não o abandonar — e porque é difícil desfazer-nos de um *transfert*, mesmo em caso de fraqueza do analista, — alguns hesitaram durante longo tempo antes de, consternados, o deixarem. Para o doutor Jean-Jacques Moscovitz, «desde 1978 que Lacan não estava em condições de ensinar. Mas, eu e muitos dos meus colegas, iam de vez em quando mostrar-lhe a nossa dedicação». Em todo o caso, alguns analistas que o visitaram até ao fim, asseguram que a sua presença, a sua aura, mesmo sem a certeza de ser escutados, o que, todos reconheciam, era cada vez mais raro, bastava para que «a análise funcionasse e se passasse coisas».

Em contrapartida, os que tinham abandonado a causa freudiana, estão convencidos de que Lacan foi desobrigado pelos seus próximos da preocupação de organizar a nova instituição. O seu último aparecimento em público tal como uma última carta em que pede aos discípulos que ainda o amam que fiquem com ele, foram vividos neste contexto de exasperação como uma provocação de imperdoável indecência. Onde muitos viam a dedicação dos que o rodeavam, procurando preservar o mais tempo possível um ser querido, da angústia da morte e da perturbação, viram outros um *putsch* concebido para se apoderarem do poder.

AGRUPAMENTOS

Como estão agora as coisas? Como declara triunfalmente Jacques Alain Miller, assiste-se «ao esmigalhar e à desagregação dos grupos que não são o ECF. Todos eles dirigem aos aliados da véspera as mesmas injúrias que me eram destinadas. Estes grupos são absorvidos por questões institucionais

ou outras que dizem respeito ao domínio, os elos sociais, a mensagem que a psicanálise podia trazer à humanidade!».

É certo que tanto no CERF como em todos os outros grupos hostis à ECF o luto está longe de ter terminado. São numerosos os analistas que ainda se mostram incapazes de mergulhar de novo na segurança de uma instituição, o que talvez não seja um mal. No entanto, as jornadas do CERF viram desfilar mais de quinhentas pessoas. Se há divergências entre o CERF, os cartéis constituintes e o discurso psicanalítico criado por Melman depois da sua saída do CERF, estas são mais de pormenor do que fundamentais. Os cartéis constituintes recusaram-se a entrar na polémica sobre o estado físico de Lacan e consideraram prematuro criar desde já uma estrutura de substituição. Para André Rondepierre, «se nos referirmos ao que se passou na história da psicanálise e noutros países, entre eles os Estados Unidos, não parece que o movimento psicanalítico possa ser salvo através de esforços de institucionalização». A posição dos cartéis, muito minoritária no início da cisão, parece ser agora partilhada por um número muito maior de analistas e estudantes, como o prova a crescente participação nos seus seminários.

O CERF, onde se encontra a maioria dos transfugas da Escola Freudiana de Paris, funciona, no entanto, como uma instituição. Encontram-se nele médicos mas também grande número de outros universitários. Muitos professores da Universidade de Paris - VIII não aprovam que «o trabalho do departamento seja mais orientado para uma certa causa do que para o pluralismo ou o amor à verdade».

Embora atribuindo-se uma fidelidade a toda a prova à teoria lacaniana, o CERF surge como uma instituição onde o trabalho de deslacanização está mais avançado.

Na escola da causa, a mais «in» das instituições psicanalíticas francesas, a serenidade é obrigatória. Desde o princípio da crise que a tática foi recusar responder à injúria com a injúria. Um único objectivo de sobrevivência e de legitimação: o trabalho. Durante a inauguração dos encontros que inauguraram em Fevereiro uns mil lacanianos, duzentos dos quais vindos da América Latina, Jacques Alain Miller não fez uma única alusão à dissolução, mas aconselhou como terapêutico aos que ainda continuam enlutados que «transformem o *transfert* em *transfert de trabalho*». A organização deste colóquio foi, de resto, tão eficaz, as contribuições tão numerosas e o enquadramento tão cerrado que era impossível toda e qualquer intervenção sobre qualquer coisa que não fosse os temas da ordem do dia.

Apesar do enorme esforço de sedução que foi feito durante esses quatro dias (cocktail em Beaubourg, almoços sumptuosos no Sheraton e encerramento com uma soirée no Palace), muitos dos que estiveram presentes para «ver», mostraram-se chocados com um «show» que compararam com uma enorme operação de relações públicas. Em contrapartida, os que esperam que a instituição os ajude a fazer uma clientela, tinham a

impressão de estar do lado certo. Para os analistas em formação — em especial os não-médicos, — esse aspecto basicamente material está longe de ser negligenciável nas suas razões de escolher a ECF. É por isso que aí se encontram muitos recém-chegados à psicanálise — estudantes, professores, psicólogos — para quem a causa freudiana é a única instituição psicanalítica em que não é imposta aos não-médicos, por uma vez maioritária, nenhuma discriminação.

CONTRA OS INSTALADOS

Em todo o caso, as preocupações económicas não bastam para explicar a incondicional ligação à ECF. Antes de mais é o lugar da legitimidade e da fidelidade contestada. Legitimidade encarnada numa família inteira (Judith, a filha; Jacques Alain Miller, o genro; o irmão Gérard e a mulher deste; Laurence Bataille, a nora; Catherine Millot a última «amiga»), que se apresenta como garante da transmissão. Legitimidade também em relação à história. «Lacan sempre se apoiou nas jovens gerações contra os «instalados» de tempos a tempos que deu um impulso teóricamente importante», recorda Jean-Michel Ribette, de trinta anos, professor na Universidade de Paris VIII, e que faz alusão às crises de 1963 e 1969. Fidelidade também para aqueles que se sentiam horrorizados com as querelas à volta de um Lacan ainda vivo. François Lebovitz, de quarenta anos, baseia o seu empenhamento sobre a coerência que se impõe de não dissociar o homem e a obra. «Dizer que a obra é genial e atirar um punhado de areia aos olhos do velho, era ingénuo... O próprio argumento da senilidade de Lacan não pode manter-se de pé... Claro que nos últimos anos a sua prática era enigmática, mas, a falar verdade, não o era muito mais do que quinze anos antes.»

Hoje o reposteiro desce sobre este último choque do movimento psicanalítico, que já conheceu muitos outros. Enquanto a escola da causa voa, eufórica, a caminho da conquista de um saber sem fronteiras nem limites que a sua cientificidade deve salvar do perigo americano, do outro lado duvida-se. Porque terem perdido a fé na instituição, porque eles não resolverem os problemas relativos à transmissão, porque acham que o recurso sistemático aos *medias* não serve a psicanálise, os antigos da escola freudiana têm uma leve impressão e que esta ou vai entrar na sombra ou vai ser submersa pela chegada em massa das terapias americanas e pela crescente influência do movimento de Palo-Alto, cuja concorrência se torna cada vez mais ameaçadora, tanto nas instituições como na prática privada.

(1) Citado por Claude Dorgeuille no seu livro: «La seconde Mort de Jacques Lacan.»

(2) A «passe» é um processo de habilitação para ser analista da escola. O candidato dá testemunho da sua história analítica diante de dois «passeurs» que fazem depois um relatório perante um júri.

Dominique Frischer
Exclusivo «DL»

Banhos russos prolongam a vida

OS «banhos russos» prolongam a vida: curam enfermidades, revitalizam o organismo, reduzem o peso, excitam os pulmões, estimulam o músculo cardíaco, fazem subir a tensão arterial, reforçam as pulsações, afastam a gripe, melhoram o estado da pele. Entre outros efeitos. Especialmente recomendáveis aos desportistas, pela recuperação de energias perdidas que proporcionam. Os «banhos russos» — o que são?

São uma imersão do corpo num vapor quente, que se segue a fuga rápida para o ar frio, o mais frio possível, com esfregações de gelo e neve, se houver, e, antes disso, ainda no vapor, chibatadas com ramos de bétula ou de qualquer outra árvore que se assemelhe. Se bem executada, toda esta sequência é altamente produtiva de saúde segura e firme disposição corporal. Há outros banhos que não os «russos» e que todos conhecemos, mas nenhum requer o mesmo aparato que este, e, certamente, os seus efeitos não são tão fortes, ou, pelo menos, tão específicos.

Na Rússia, de onde provém, e remontando a tempos imemoriais, a eles se devem casos inúmeros de longevidade rara. Foram sempre populares e a sua prática, se não está generalizada, é pelo menos muito frequente. Dantes, a nobreza fazia-os em privado, com todos os portamentos. Hoje, quem dispuser de meios pode montar em casa um sistema de funcionamento relativamente fácil e capaz de proporcionar grandes dispêndios. De parte as diferenças respeitantes às condições naturais do ambiente, o esquema pode aplicar-se um pouco em toda a parte.

O quente e o frio

A primeira vez que a Europa Ocidental pôde ver ao vivo o que eram os banhos russos, foi aqui há três séculos quando alguns parisienses ficaram estupefactos ao verem uma multidão de homens nus precipitando-se para as águas geladas do Sena com gritos de alegria. Os homens mergulharam vezes sucessivas nas águas e depois voltaram descansadamente para casa.

Eram soldados do czar Pedro I, quando da visita deste à capital francesa. Estrangeiros que tinham estado na Rússia já tinham feito relatos acerca deste estranho hábito dos russos, de saírem nus do banho quente para a temperatura frígida do exterior e esfregarem a pele com gelo e neve.

A origem de tal hábito não se conhece, mas sabe-se que já existia no tempo da prin-

cesa Olga, de Kiev, que, no ano distante de 946, o praticou de forma original, convidando para os banhos os assassinos do marido, o príncipe Oleg, e fechando-os depois dentro de casa, a que deitou fogo.

Um cronista russo do século XI fala dos banhos a vapor observando que os banhistas se lavavam com tal energia que mais parecia «um suplicio» do que uma lavagem. A referência era à fustigação do corpo com ramos de árvore enfeixados. E o alemão Bergholz, fidalgo da corte de Pedro I, ficou tão aturrido com este hábito russo que só três anos depois da sua permanência na Rússia se arriscou a experimentar. A experiência foi concludente, e este estrangeiro curioso tornou-se um entusiasta dos banhos.

Bergholz, nos seus cadernos, anota mais tarde que o mais importante dos banhos era a fustigação do corpo com

folha da bétula está sólida, tem cheiro, e está na plenitude das suas riquezas curativas. Cortando-se os ramos com o tempo húmido, as folhas amarelecem e caem a seguir. Também se pode partir os ramos numa bétula que tenha raízes velhas, porque são duros e grossos, e perdem as folhas ao secarem. Mais uma vassoura do que propriamente um feixe.

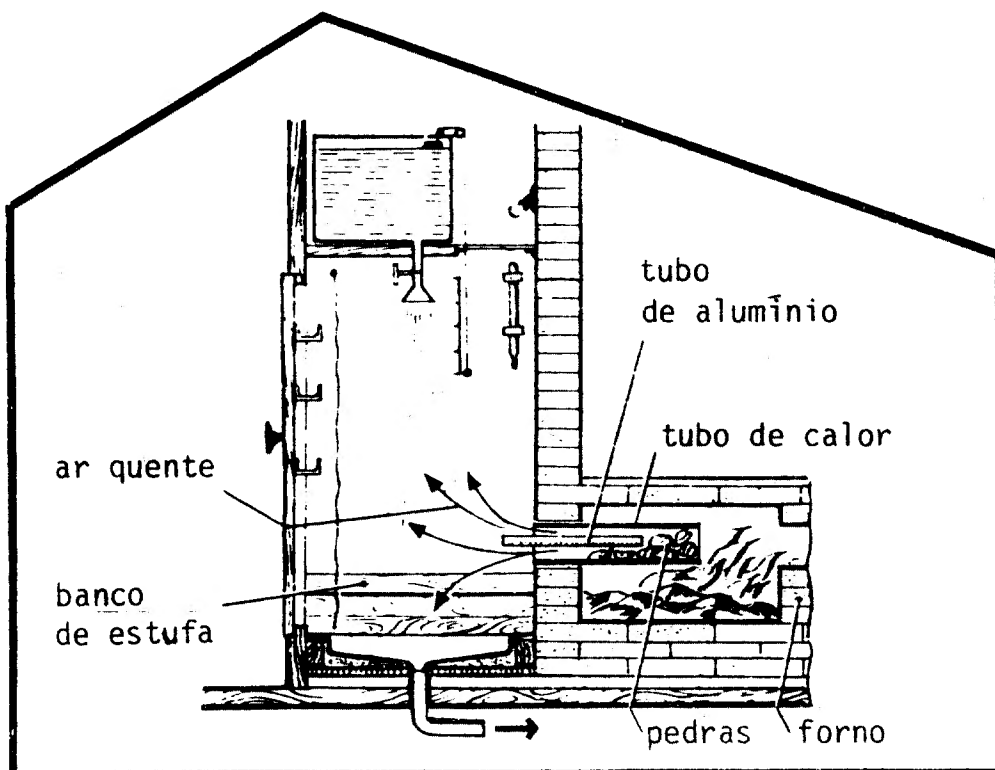
Depois os ramos, atados, devem ser guardados em lugar fresco, suspensos por uma corda. Uma vez prontos servem como «instrumentos de massagem» dezenas de vezes.

Já Bergholz falava de tudo isto, dando conta de estudos que descenderam a minúcias respeitantes aos métodos de aquecimento dos banhos, incluindo o processo de construção. Das indicações que ele deixou consta que primeiro fica a entrada, onde as pessoas se despem, e, ao lado, a estufa com um forno de pedras. Na sala pode haver

nando lucrativos, e daí que o seu número fosse crescendo. No início do século XIX havia já 80 banhos comerciais em Moscovo.

Foi nesta época que apareceram os primeiros banhos públicos para a classe superior, revestidos de mármore e com muitos espelhos. À medida que os estabelecimentos se tornavam mais sumptuosos, os preços subiam. Quatro bilhetes de entrada em tais banhos chegaram a custar o equivalente a uma vaca.

Os banhos de Sandunov, construídos em 1806 pelo casal de actores com o mesmo nome, desfrutavam de grande popularidade, e ainda hoje a têm. O estabelecimento associava instalações para os ricos e para o povo pobre. Os primeiros eram ornamentados com mármore de Itália, tinha piscina de água fresca, estufa, sala turca. Os muros eram revestidos de madeira de carvalho, com apliques em cristal e painéis de mosaicos.



ramos de bétula, ainda no quente do vapor: «extremamente agradável, porque faz abrir os poros». Era aqui que os banhos russos se distinguem, e logo no vapor. Persas, japoneses e turcos conheciam tais banhos, mas não se fustigavam. Romanos, irlandeses e finlandeses também sabiam o que eram os banhos a vapor, mas desconheciam o efeito da fustigação.

Não se trata propriamente duma fustigação, mas mais duma massagem, que deve preceder o lançamento do corpo na água fria. E — já Bergholz o nota — a confecção dos ramos em feixe constitui uma arte. Nem toda a bétula serve: deve ser bétula jovem, de tronco que caiba dentro da mão fechada. Os feixes devem começar a ser feitos nos princípios de Junho, quando as plantas florescem. É nessa altura que a

vários andares ou degraus onde o vapor é administrado. Aquece-se o forno até as pedras ficarem a esquentar. Depois basta molhá-las com água para que o vapor se liberte. Então o banhista pode inclusivamente subir os degraus: quanto mais alto, mais quente o vapor.

Segundo Bergholz já naquele tempo os banhos eram muito populares, cada casa tinha um, e a maioria dos russos fazia uma ou duas sessões por semana. O costume era extensivo a todas as classes.

Naturalmente, para o povo, havia os banhos públicos, ou comerciais: custavam dois «kopeks», muito caro para a época, no século XVII. Os nobres tinham o seu banho privativo.

Com o crescimento populacional urbano, os banhos comerciais foram-se tor-

Na parte reservada ao povo, havia piscina de água fria ao ar livre. Dos banhos de então, só esta parte desapareceu. O restante mantém-se, perfeitamente conservado.

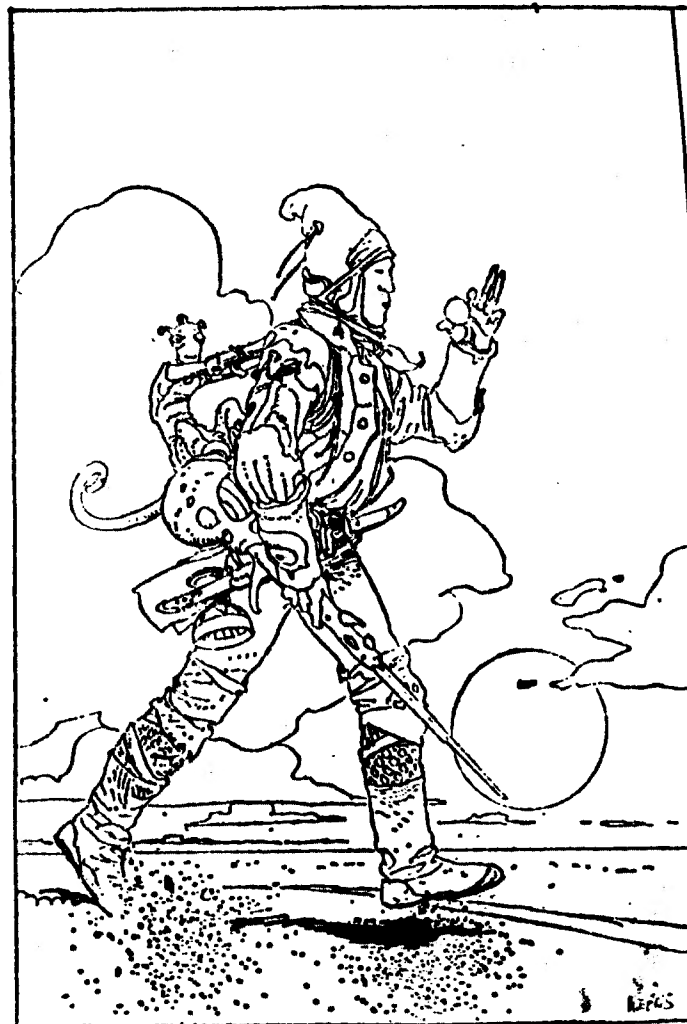
Os banhos russos continuam a gozar de grande popularidade. Hoje em dia, porém, já não desempenham a função de «lavagem» que desempenharam outrora. O número de clientes não diminuiu, e é preciso fazer «bicha» para entrar nos famosos banhos Sandunov.

A cidade de Moscovo conta actualmente com 64 estabelecimentos de banhos, que podem acolher simultaneamente 10 434 pessoas. Nos anos 80, prevê-se a construção de mais quatro, com a capacidade total de 1200 pessoas.

Especial NOVOSTI para o DL

Banda Desenhada

Moebius, entre a fé e o sagrado



A ambição secreta é ser, um dia, artista sacro: aquele que só quer fixar a verdade, a que está mais próxima, para um ser humano, de Deus, e que corresponde a todos os homens e a um único ser universal e sem partido, sem pátria ou raça. Para mim, a verdadeira ficção científica é isso.

São palavras de Moebius, em 1978.

No mundo profano, o seu nome é Giraud. A ele se deve uma das mais interessantes bandas desenhadas do género «western»: «Tenente Blueberry».

Mas, em Dezembro de 1974, participa com Druillet, Jean Pierre Dionnet e Bernard Farkas na criação de «Métal Hurlant», surgida para dar voz a uma nova geração de contestatários dos quadrinhos.

Moebius é um dos seus autores mais reputados. Contudo, desde os anos 60 que este pseudónimo surgia na imprensa da especialidade, nomeadamente em «Hara Kiri», associada a um tipo de humor negro.

Moebius: um nome estranho, de consonância latina, que foi atribuído de um matemático escandinavo do fim do século XIX, conhecido pela concepção de uma figura de geometria no espaço: figura complicada que assume a forma de um oito alongado, símbolo de infinito. Escolha adequada para um autor de ficção científica, já se vê...

Melhor que qualquer outro género tradicional, esta corrente da BD permitiu a Moebius exprimir os seus fantasmas mais profundos. Para o autor ela constitui um exorcismo e uma porta que lhe permite passar para outras dimensões, começar uma história sem saber onde ela se situa ou para onde vai, habi-

tada por pessoas desconhecidas que não são heróis.

Trata-se de um trabalho sem teorias ou sistemas de pensamento determinados, mas coisas materiais e espirituais que lhe escapam:

«Evidentemente que nos expomos a exprimir ideias que estão em contradição com a linha política que sempre reivindicamos. Pode-se ter sempre um discurso de esquerda e, de repente, eis que sai um discurso de direita. Mas, apesar de tudo, nunca me farão abafar os meus pensamentos».

Começou aos 13 anos a fazer bandas desenhadas. Em 1956, conhece Marjac, conhecido autor francês, que o aceita como assistente.

Passa por várias publicações: «Coeurs Vaillants», «Fripouret» e «Marisette», entrando seguidamente no estúdio de Jijé (autor de «Jerry Spring»).

Em 1963 e 1964 está envolvido no projecto «Hara Kiri», como dissémos, trabalhando ao mesmo tempo em «Pilote», onde cria a figura de Blueberry, em colaboração com Charlier.

E chega finalmente à ficção científica.

Género literário que começou por destronar o romance policial nos favores do público, a ficção conquistou Moebius. Ele está nessa pléiade de Terrenos conquistados pela imensidão cósmica.

Para o autor, o importante é o caminho espiritual: procurar respostas para as suas interrogações. E disso se faz eco nas suas obras.

Obras, que de resto prescrevem a parte do Eu que é eterna, como sublinhou:

«Passei de uma vida sem fé para uma vida com fé».

Carlos Pessoa